



O contributo da literatura infantil na desconstrução do estereótipo de família tradicional

Marta Sofia Parreira Cotrim

Orientadores

Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Adjunta Doutora Cristina Pereira, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Março de 2018

Composição do júri

Presidente do júri

Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão. Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Vogais

Doutora Amélia de Jesus Gandum Marchão.

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre (Arguente).

Doutora Crisitina Maria Gonçalves Pereira

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Orientadora).

Dedicatória

À minha mãe, que apesar de já não ter seguido o meu trajeto académico até ao fim, me fez a pessoa que sou hoje, que sempre me incentivou a ser melhor, a fazer coisas que saiam da minha zona de conforto e que me deixavam muito reticente a avançar mas, ao mesmo tempo, fazendo-me acreditar, sempre, que conseguia. A tudo isso que me ajudou a ser a pessoa que sou hoje.

Um obrigado eterno Mãe.

Agradecimentos

Depois destes 5 anos são muitas as pessoas às quais devo um agradecimento especial, pessoas que me ajudaram a crescer e tornaram possível chegar ao fim desta etapa.

Primeiramente, tenho de agradecer ao meu pai e à minha avó que apesar das dificuldades que foram surgindo nestes anos sempre se uniram para que eu pudesse concluir os meus estudos. Foram para mim o meu grande pilar e fonte de segurança, depois destes anos de altos e baixos que fomos ultrapassando.

À minha irmã que apesar de me “fazer a cabeça em água”, muitas vezes, é para ela que eu tento ser um exemplo e desejo o melhor desta vida.

Aos meus amigos, de infância e de adolescência, que me ajudaram em tantas decisões e indecisões, e que sempre estiveram lá para mim, um obrigada, por todos os bons momentos que me fazem passar, pelo vosso apoio e verdadeira amizade.

Aos novos amigos que fiz no decorrer destes anos de vida académica que tornaram esta vivência muito mais especial e que levo para a vida.

Às educadoras cooperantes com as quais tive o privilégio de trabalhar, Filipa, Ana Filipa e Sara, que me ensinaram tanto e às quais devo as experiências e as memórias, tão boas, que tenho e que guardarei para sempre. Obrigada por “puxarem” tanto por mim e por me incentivarem e ser tão boa educadora como vocês. Todas com personalidades tão diferentes e das quais pude absorver vivências tão distintas.

À professora Conceição Vicente, uma professora de mão cheia, com a qual aprendi e superei tantos obstáculos. Sinto que levo não só uma professora cooperante mas uma amiga desta experiência. Agradecer também ao professora Mário Vicente que esteve sempre a par dos nossos desenvolvimentos do estágio, e que foi também de grande importância para a superação desta etapa.

Ao meu eterno par pedagógico, Jéssica, que sempre me apoiou ao longo destes 2 anos de mestrado e que foi crucial para me incentivar a nunca baixar os braços, obrigada por sempre me apoiarem e ajudarem.

À professora Cristina Pereira, pela sua paciência, empenho e dedicação, e pelos conhecimentos que me transmitiu, sem a sua orientação não seria possível terminar este trabalho.

A todas as crianças e comunidade educativa, com quem trabalhei e me cruzei nas instituições pelas quais passei, que permitiram que toda esta experiência se realizasse.

E por fim, a todos os meus professores da ESE, que me apoiaram e ensinaram ao longo destes anos, pela dedicação que dão a esta instituição e aos seus alunos.

Casamento

Casei um cigarro
com uma cigarra,
fizeram os dois
tremenda algazarra

porque o cigarro
não sabia cantar
e a cigarra
detesta fumar.

Não digam que errei
(mania antipática!)
só cumpri a lei
que manda a gramática.

In Poemas da Mentira e da Verdade, Luísa Ducla Soares (2007, p.8)

Resumo

O presente relatório de estágio representa o encerramento do ciclo de estudos para a obtenção do grau de mestre em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico. Este foi sendo construído num processo assente na interligação entre os saberes teóricos e a progressiva experimentação da intervenção pedagógica ao longo da prática supervisionada que teve a duração de 35 semanas, 16 semanas na educação pré-escolar e 19 no 1º ciclo do ensino básico.

Para completar este ciclo foi realizada uma investigação com um tema que achei relevante para a prática, a família e as suas diferentes configurações. Esta opção deve-se a uma preocupação pessoal com a temática da aceitação da diferença, sob a forma de tentativa de sensibilização das crianças em fases precoces do seu processo de socialização para questões como a discriminação, o preconceito e o julgamento prévio, em relação àquilo que foge à norma da sociedade, nomeadamente a organização de categorias de famílias que não se enquadram no modelo tradicional da nossa cultura.

Encontrada a necessidade de se começar a respeitar todas as formas que, hoje em dia, estão presentes na nossa sociedade quanto aos modelos de constituição da família, sejam elas de diferentes etnias ou arranjos parentais (monoparentais, de adoção, recasamento, reconstruídas ou homossexuais) surgiu este tema na tentativa de, através da ação educativa junto das crianças, contribuir para a desconstrução do estereótipo de “família tradicional”. No entanto, dada a complexidade e delicadeza que caracteriza a temática optamos por sustentar a intervenção na literatura infantil, como base do desenvolvimento e implementação da investigação, sendo utilizada como estratégia pedagógica para desenvolver conceções de respeito pela diversidade e de aproximação à realidade das crianças.

Palavras chave

Categorias de famílias; Estratégias pedagógicas; Literatura Infantil.

Abstract

This traineeship report represents the end of the study cycle to obtain a master's degree in pre-school education and elementary education. This was built based on the interconnection of theoretical knowledge and progressive experimentation of pedagogical intervention throughout the 35-week supervised practice, 16 semesters in pre-school and 19 in elementary education.

To complete this cycle an investigation was carried out with a theme that I found relevant to the practice, the family, and its different settings. This option is due to a personal concern with the theme of accepting the difference, in the form of an attempt to raise children's awareness in the early stages of their socialization process for issues such as discrimination, preconception and prior judgment, in relation to what escapes from the normal society, namely the family organization categories that don't fit into the traditional model of our culture.

It's crucial to begin to respect all the family type's that we have in our society regarding the models of family constitution, whether of different ethnicities or parental arrangements (single parentig, adoption, remarriage, reconstructed or homosexual) this theme appeared to contribute to the deconstruction of the stereotype of "traditional family" through educational activities with the children. However, given the complexity and delicacy that characterizes the theme, we have chosen to support intervention in children's literature, as a basis for the development and implementation of research, and it is used as a pedagogical strategy to develop respect conceptions for diversity and children's reality.

Keywords

Children's literature; Family categories; Pedagogical strategies

Índice geral

Introdução	1
Capítulo I - Percursos formativos na prática supervisionada	5
1. Contextualização da prática supervisionada em Educação Pré-Escolar	7
1.1. Caraterização do meio envolvente.....	7
1.2. Caraterização da instituição	8
1.3. Caraterização da sala.....	9
1.4. Caracterização do grupo de crianças	12
2. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré- Escolar	13
2.1. Cronograma de distribuição das semanas da PSEPE.....	13
2.2. Horário das estagiárias.....	14
2.3. Temas trabalhados durante a PSEPE	14
2.4. Planificações da Educação Pré-Escolar (Exemplificação de uma planificação semanal referente à 13ª semana).....	17
2.4.1. Descrição do conteúdo programático	17
2.4.2. Planificações diárias (semana de 9 a 12 de janeiro de 2017)	20
2.4.3. Reflexão Semanal: 9 a 12 de janeiro de 2017	26
3. Reflexão final da PSEPE	32
4. Contextualização da prática supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico	33
4.1 Caracterização do Contexto Educativo.....	33
4.2. Caracterização da instituição	34
4.3. Caracterização da sala do 3ºA.....	35
4.4 Caracterização da turma	37
5. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em 1ºCEB	39
5.1. Horário da turma	39
5.2. Cronograma de distribuição das semanas de atividades	40
5.3 Tabela das semanas de implementação por temas semanais	41
5.4 Descrição do conteúdo programático (Plano diário 16 de maio de 2017)	43
5.4.1 Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem	44
5.4.2 Reflexão semanal (semana de 16 a 18 de maio)	47
6. Reflexão final da PES em 1ºCEB	50

Capítulo II – O projeto de investigação no contexto da prática supervisionada.....	53
1. Identificação e justificação do tema.....	55
2. Enquadramento teórico	56
2.1. O conceito de família.....	56
2.2. A família no século XXI: Novos conceitos e múltiplas configurações.....	59
2.3. Tipos de famílias.....	64
2.4. O papel da literatura infantil na desconstrução de estereótipos em contexto escolar.....	67
3. Definição da questão problema e objetivos da investigação	70
4. Metodologia	71
4.1 Procedimentos metodológicos.....	71
4.2. Procedimentos éticos e legais.....	72
4.3. Instrumentos e técnicas de recolha de dados	74
4.4 Técnicas de análise e tratamento de dados.....	76
5. Procedimentos/Atividades implementadas nas PES.....	77
5.1 Atividades desenvolvidas na PES do Pré-Escolar:.....	78
5.2. Cronograma da investigação da prática supervisionada em 1ºCEB.....	78
5.3. Atividades desenvolvidas na PES 1ºCEB.....	79
Capítulo III- Apresentação e análise dos dados.....	83
1. Análise e discussão dos dados recolhidos durante a PES.	85
1.1. Ensaio investigativo realizado na PES em Pré-Escolar.....	86
1.1.1. Livro <i>As famílias não são todas iguais</i> , de Tango Books.....	87
1.1.2. Cartaz “Como é a tua família?”- Associação ILGA Portugal.....	88
1.1.3 Análise e discussão dos resultados do ensaio investigativo em Pré-Escolar	89
1.2. Apresentação e análise dos dados recolhidos durante a investigação no 1ºCEB	95
1.2.1 Tabela das sessões/ atividades e objetivos	97
1.2.2. Análise dos dados recolhidos por atividade	98
1.2.2.1. Jogo “Quem é Quem”.....	98
1.2.2.2. Debates	98
1.2.2.3. Cartaz “Como é a tua família” da Associação ILGA Portugal.....	99
1.2.2.4. <i>O Livro do Pedro</i> (Maria dos 7 aos 8), de Manuela Bacelar.....	103

1.2.2.5.	Livro <i>Álbum de Famílias</i> de Susana Amorim e Rute Agulhas	109
1.2.2.6	Exercício de “Foto-Análise”	117
1.2.2.7	A minha Mãe anda estranha, de Ricardo Baptista	117
1.2.2.8	Composição: “ O que é para ti uma família?”	122
2	Análise das entrevistas semiestruturadas realizadas aos cooperantes.....	124
3	Apresentação dos resultados relativos à análise aos questionários dos encarregados de educação.....	132
	Capítulo IV- Considerações Finais.....	141
1.	Reflexão final.....	143
	Referências bibliográficas	147
	Apêndices.....	153
	Apêndice a: Grelha de Observação das Crianças	155
	Apêndice b: Circuitos/ Jogos	161
	Apêndice c: Modelo para a atividade do Sr ^o Quadrado / Sr ^a Quadradinha	165
	Apêndice d: PowerPoint – “Tipos de balanças”- usando para a aula de matemática de dia 16 de maio de 2017	169
	Apêndice e: Guião de português de dia 16 de maio de 2017	173
	Apêndice f: Autorizações	179
	Apêndice g: Guião da entrevista aos professores cooperantes.....	185
	Apêndice h:Inquérito por questionário.....	189
	Anexos.....	195
	Anexo 1: Canção: Só aos Anjos a Lua sorri.....	197
	Anexo 2: História da Quadradinha	201
	Anexo 3: Histórias PSEPE	205
	Anexo 4: Lei Constitucional nº 1/92 de 25-11-1992	209
	Anexo 5: Legislação adoção, apadrinhamento civil e coadoção	213
	Anexo 6: Inquérito de caracterização da turma.....	217
	Anexo 7: Exemplos das composições feitas pelos alunos	223
	Anexo 8: Transcrição do texto realizado pelo grupo 3 para a família numerosa (mãe, pai, avó e três filhos).....	229
	Anexo 9: Transcrição do texto realizado pelo grupo 7 para a família divorciada (mãe, pai, padrasto e filha (1 ^o casamento) e 2 irmãos gêmeos (2 ^o casamento).....	233
	Anexo 10: Galeria de Fotos da PES.....	237

Índice de figuras

Fig. 1 - Localização da instituição no mapa. Fonte: <i>Google Maps</i> , consultado a 17 de outubro de 2017.....	7
Fig. 3 - Cavalo mágico com estrelas dos aniversários das crianças	9
Fig. 2 - Título da sala	9
Fig. 5 - O castelo encantado do chefe do dia	9
Fig. 4 - O dragão do tempo meteorológico	9
Fig. 7 - Estantes	10
Fig. 6 - Manta/ tapete.....	10
Fig. 9 - <i>Placard</i> para exposição de trabalhos	10
Fig. 8 - Quadro de ardósia e armário	10
Fig. 11 - Cantinho da casinha (2).....	11
Fig. 10 - Cantinho da casinha (1).....	11
Fig. 13 - Cantinho da leitura.....	11
Fig. 12 - Cantinho dos carros	11
Fig. 15 - Cantinho da manta.....	11
Fig.14 - Cantinho dos jogos/mesa.....	11
Fig. 16 - Perspetiva da sala (1).....	12
Fig. 17 - Perspetiva da sala (2).....	12
Fig. 19 - Teatro de sombras.....	26
Fig. 18 - Apresentação dos personagens.....	26
Fig. 20 e 21 - Momentos da dança do quadrado	27
Fig.23 - Colagem do jornal pelo picotado seguindo as setas indicadoras	28
Fig. 22 - Atividade Plástica.....	28
Fig. 25 Apresentação da esquimó “Nivi”	29
Fig. 24 -Iglu.....	29
Fig.26 - Marcação da posição da Gronelândia e de Portugal no globo terrestre	29
Fig. 27 - Trenó do Tomás associado à foto do esquimó para simbolizar o seu meio de transporte.....	30
Fig. 28 - Jogo da Pesca	30
Fig. 29 - História: “A Bruxa Mimi no Inverno”	31

Fig.31 – Término do boneco de neve	31
Fig.30 – Atividades no circuito 3	31
Fig. 32: Ofertas educativas do agrupamento Amato Lusitano	34
Fig. 33 - Escola EBI João Roiz	35
Fig. 34 – Secretária de professora.....	36
Fig. 35 – Perspetiva da sala.....	36
Fig. 36- Horário do 3ºA.....	39
Fig. 37- Tira da BD do Garfield	45
Fig. 38- Planificação dos momentos para a realização da investigação.	77
Fig. 39- Cronograma dias de implementação de atividades para a investigação	79
Fig. 40- Capa do livro <i>As famílias não são todas iguais</i> de Tango Books	87
Fig. 41- Cartaz Propaganda da Campanha “Como é a tua família” – Associação ILGA Portugal.....	88
Fig. 42 e 43- Apresentação e leitura do livro “As famílias não são todas iguais” de Tango Books.....	90
Fig. 44 - Apresentação das imagens das diferentes formas de constituição familiar. .	91
Fig. 45 - Construção do estendal das famílias no flanelógrafo.....	91
Fig. 46 e 47 - Procura pelo símbolo de identificação.....	91
Fig. 48- Descoberta do símbolo e identificação	92
Fig. 49- Identificação da sua forma de constituição familiar	92
Fig. 50/51- Comparação e identificação das diferentes formas de constituição da família das estagiárias	93
Fig. 52- Evidências gráficas realizadas pelas crianças	94
Fig. 53- Quadro do registo final da forma de constituição das famílias das crianças ..	95
Fig. 54- Registo do grupo 5	101
Fig. 56- Registo do grupo 3	102
Fig. 55- Registo do grupo 2	102
Fig. 57- Capa do livro <i>O livro do Pedro</i> de Manuela Bacelar	103
Fig. 58 - Modelo do livro construído para os alunos.....	105
Fig. 60- Representação da criança 2.....	106
Fig. 59- Representação da criança 1.....	106
Fig. 61- Representação da criança 3.....	107

Fig. 62- Representação da criança 4	107
Fig. 63- Representação da criança 5	108
Fig. 64- Representação da criança 6	108
Fig. 65- Representação da criança 7	108
Fig. 66- Capa do livro <i>Álbum de Famílias</i> de Susana Amorim e Rute Agulhas.....	110
Fig. 67- Representação do aluno 1	112
Fig. 68 - Representação do aluno 2	113
Fig. 69- Representação do aluno 3	113
Fig. 70- Família Numerosa – Grupo 3.....	114
Fig. 71- Família Divorciada – Grupo 7.....	115
Fig. 72- Alguns momentos das dramatizações feitas pelos alunos.....	116
Fig. 73- Exercício Foto-Análise	117
Fig. 74 - Capa do livro <i>A minha Mãe anda estranha</i> de Ricardo Baptista.....	118
Fig. 75 - Família Tradicional	121
Fig. 76 - Família com um divórcio	121
Fig. 77- Família Numerosa.....	121
Fig. 78- Família divorciada e recasamento.	121
Fig. 79 - Família divorciada e recasamento.	122
Fig. 80- Família divorciada e reconstruída por ambos os progenitores.....	122
Fig. 81- Entrevista – Questão 1	124
Fig. 82- Entrevista – Questão 2	125
Fig. 83- Entrevista – Questão 3.....	126
Fig. 84- Entrevista – Questão 4.....	126
Fig. 85- Entrevista – Questão 5	127
Fig. 86- Entrevista – Questão 6	128
Fig. 87- Entrevista – Questão 7	128
Fig. 88- Entrevista – Questão 8.....	129
Fig. 89- Entrevista – Questão 9.....	129
Fig. 90- Entrevista – Questão 10	130
Fig. 91- Entrevista – Questão 11	131

Índice de gráficos

Gráfico 1- Questão 1.....	132
Gráfico 2- Questão 2.....	132
Gráfico 3-Questão 3.....	133
Gráfico 4-Questão 4.....	133
Gráfico 5-Questão 5.....	134
Gráfico 6-Questão 6.....	134
Gráfico 7-Questão 7.....	135
Gráfico 8-Questão 8.....	135
Gráfico 9-Questão 9.....	136
Gráfico 10 - Questão 10.....	136
Gráfico 11-Questão 11.....	137
Gráfico 12-Questão 12.....	138

Lista de tabelas

Tabela 1 - Cronograma da prática supervisionada em Educação Pré-Escolar	13
Tabela 2 - Horário da PSEPE	14
Tabela 3 - Temas trabalhados durante a PES em Educação Pré-Escolar	14
Tabela 4 - Atividades 9 de janeiro de 2017	20
Tabela 5 - Atividades 10 de janeiro de 2017.....	22
Tabela 6 - Atividades 11 de janeiro de 2017.....	23
Tabela 7 - Atividades 12 de janeiro de 2017.....	25
Tabela 8 - Temas semanais da PES em 1.º CEB.....	41
Tabela 9 - Sessões da investigação.....	97

Índice de esquemas

Esquema 1: Áreas de conteúdo e conteúdos trabalhados na 13ª semana da PSEPE ... 17

Esquema 2: Cronograma das semanas de atividades 40

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

BD- Banda Desenhada

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CRP- Constituição da República Portuguesa

EDE- Encarregados de Educação

EI- Elemento Integrador

ILGA - Intervenção Lésbica, *Gay*, Bissexual, Transgénero e Intersexo

IPCB- Instituto Politécnico de Portalegre

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

LGTB – Lésbica, Homossexual, Transgénero e Bissexual

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OMS – Organização Mundial de Saúde

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PIIP – Plano Individual de Intervenção Precoce

PPT - PowerPoint

PSEPE – Prática Supervisionada em Pré- Escolar

RE - Relatório de Estágio

TI - Tema integrador

TUD - Tema da Unidade Curricular

Introdução

Ser família é conseguir transformar um EU e um TU num grande, unido e bonito **NÓS!**

In *Álbum de Famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas (2017, p.31)

O presente relatório de estágio (RE) representa o culminar do ciclo de estudos para a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Segundo o artigo 12º do Regulamento dos ciclos de estudo conducentes ao grau de mestre do Instituto Politécnico de Castelo Branco, o relatório de estágio “materializa-se através do relato crítico do estágio curricular, desenvolvido no decorrer das unidades curriculares de Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar - PSEPE (3º semestre) e Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico – PES 1ºCEB (4º semestre) ”.

O relatório de estágio representa-se como o epílogo do trabalho desenvolvido na PSEPE e na PES 1ºCEB com base no *dossier* de estágio, e da apresentação da investigação, sobre um tema relevante para a prática supervisionada, sustentada em bibliografia específica e em dados do trabalho prático desenvolvido, de acordo com o regulamento deste mestrado.

Porquanto dos objetivos gerais deste mestrado é o desenvolvimento de competências de análise crítica, inovação e de investigação nos domínios da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, a investigação apresentada tem em consideração esses fatores apresentando-se com o tema: “O contributo da literatura infantil para a desconstrução de estereótipos de família tradicional”.

A família é efetivamente um sistema, mas não é um sistema qualquer: é um grupo natural com uma história que se vai construindo progressivamente no tempo (Relvas, 2000, p.25). A instituição família tem um longo percurso histórico e teórico que acompanham a história do Homem, muitas mudanças ocorreram permitindo que esta instituição assumisse múltiplos retratos mas assumindo sempre um papel estruturante na organização da sociedade. Na sociedade contemporânea ocidental desvalorizaram-se as relações diádicas e unidirecionais das famílias tradicionais, para a caracterização desta instituição, e passou-se a retratar a diversidade na sua forma de constituição.

Não obstante a permanência maioritária do casamento religioso enquanto vínculo conjugal, têm vindo a aumentar, a um ritmo progressivo e marcado, as uniões de facto e os filhos fora do casamento, os casamentos civis e a coabitação como experiência prévia ao casamento, tendências comumente entendidas enquanto sinalizadoras de processos de modernização de uma vida familiar que se foi tornando cada vez mais provada e mais adequada às exigências dos ritmos individuais. (Aboim, 2005, p.85)

Para além dessas situações descritas por Aboim, que ostentam a perda da hegemonia da instituição familiar associada à celebração religiosa do matrimónio, temos ainda os casos de divórcio, de monoparentalidade, de famílias reconstruídas e, em voga, a visibilidade atribuída aos casais homossexuais. Estes que viram alcançados os seus direitos relativos à assunção da parentalidade através de leis que permitem a coadocção entre casais do mesmo sexo e, em alguns países, o recurso a barrigas de aluguer. Por via das alterações na instituição familiar, esta deve ser referida como um lugar de afetos em substituição dos laços de sangue, como era conotada tradicionalmente.

Com a diversificação atual dos modelos de família, torna-se necessário educar para esta realidade. A família é o pilar estruturante da sociedade, onde se constrói a identidade e o caráter da criança. Por sua vez, a escola é o contexto onde são transmitidos saberes, valores humanos e de cidadania, acompanhando a realidade atual das novas gerações e da sociedade.

Segundo a lei de bases do sistema educativo português (1986), é objetivo do ensino básico, “proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e de cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante”. Artigo 7º (objetivos) / parágrafo h).

A missão do professor é educar a comunidade, a missão dos pais é educar os filhos, por isso estas duas instituições precisam estar de “mãos dadas” para que essa educação ocorra de forma proveitosa para o educando.

Sabemos que dada a centralidade que estas duas instituições têm para a criança, uma afeta diretamente a outra, sendo que quando a criança tem problemas na escola estes evidenciam-se em diversas manifestações em contexto familiar, por sua vez, os conflitos e perturbações familiares repercutem-se no comportamento do aluno na escola, podendo comprometer as suas aprendizagens e o seu ajustamento socioemocional.

Situações como o divórcio, a morte de um ente-querido, a homossexualidade são temas que envolvem alguma complexidade, por isso, muitas vezes são evitados, ignorados ou mal explicados, deixando as crianças com dúvidas, incertezas e inseguranças.

A literatura infantil surge como um meio de aproximação da criança às diferentes realidades, servindo como um amigo mudo, que lhe transmite saberes, mensagens e experiências que podem, ou não, ir de encontro à sua realidade mas que a vão enriquecer na compreensão de alguns assuntos mais complexos.

Aliando a literatura infantil à temática das novas famílias pretende-se que esta amplie os conceitos das crianças em relação à diversidade nas formas de constituição das famílias e as torne cidadãos esclarecidos em relação às diferentes realidades.

Conciliando a literatura infantil e a família na mesma temática, surge o tema: “O contributo da literatura infantil para a desconstrução de estereótipos de família tradicional”, sobre o qual se baseou a investigação da PES. Esta partiu de quatro obras, que abordam a diferença na família, como base para desenvolver a temática e as atividades desenvolvidas para a investigação. As obras escolhidas para análise foram: *As famílias não são todas iguais*, de Tango Books; *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*, de Manuela Bacelar; *Álbum de Famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas e *A minha mãe anda estranha*, de Ricardo Baptista.

O projeto contou com um pequeno ensaio investigativo realizado na PSEPE, e com quatro sessões de intervenção durante as semanas da PES em 1ºCEB. Foi desenvolvido, com base numa amostra por conveniência, numa turma de 3º ano, a alunos com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos.

Com o objetivo de organizar a exposição contida no presente relatório, optámos por apresentá-lo em quatro capítulos*:

O primeiro capítulo, percursos formativos na prática supervisionada, integra as contextualizações das práticas na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico (caracterização do meio envolvente, da instituição, da sala e dos grupos de crianças), os cronogramas de distribuição das semanas da PES, o horário nessas instituições, os temas e os conteúdos trabalhados em cada uma das semanas das duas práticas e uma planificação e reflexão semanal, a título de exemplo, do trabalho desenvolvido. No final da apresentação de cada uma das PES é feita uma síntese sobre a toda a prática nos diferentes contextos.

O segundo capítulo, o projeto de investigação no contexto da prática supervisionada, contém a identificação e a justificação do tema da investigação, o enquadramento teórico, a definição da questão problema e os objetivos da investigação, as metodologias utilizadas, os procedimentos e as atividades implementadas nas PES.

O terceiro capítulo, apresentação e análise dos dados, incorpora todos os dados recolhidos durante a PES e a análise dos mesmos, aqui inclui-se o ensaio investigativo na PSEPE e todas as atividades desenvolvidas na PES durante as quatro sessões de intervenção. Contém também a análise das entrevistas realizadas aos professores cooperantes das turmas do 3ºA e 3ºB e a apresentação dos resultados relativos à análise aos questionários dos encarregados de educação.

O quarto capítulo, considerações finais, faz uma reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido durante a PES, sendo uma análise geral dos resultados obtidos com a investigação em resposta à questão-problema. Inclui ainda algumas recomendações e sugestões para uma continuidade do trabalho sobre a temática.

* Para tornar o relatório de mais fácil análise e leitura, foram destacadas em alguns capítulos, frases, excertos e citações a negrito.

Capítulo I - Percursos formativos na prática supervisionada

1.2. Caraterização da instituição

A associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota, situada na Quinta do Olival do Paço, é uma instituição de solidariedade social (IPSS). Segundo a Segurança Social IPSS “são instituições constituídas por iniciativa de particulares, sem finalidade lucrativa, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico”.

Segundo a Instituição Dr. Alfredo Mota, a associação começou por ser um dispensário de puericultura, cuja abertura se realizou a 6 de Março de 1930, mas só foi inaugurado oficialmente no dia 3 de Maio de 1930. Foi um projeto concebido e elaborado pelo Dr. José Lopes Dias, licenciado em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, tendo em conta a sua preocupação com as elevadas taxas de mortalidade infantil no distrito de Castelo Branco. As suas principais preocupações eram a prevenção, o ensino para a saúde e pelo desenvolvimento, pois sabia e era consciente que a sociedade só se torna saudável quando a par da educação houver desenvolvimento socioeconómico e cultural equilibrado e harmonioso.

Com os anos e devido ao sucesso alcançado pela instituição esta foi sofrendo várias reformas, até à mais recente construção de um parque infantil, em honra da antiga diretora da instituição, que serve de espaço de brincadeiras livres às crianças. Também como última reforma, devido à procura elevada dos serviços da instituição, foi inaugurada em setembro de 2007, a Creche do Olival do Paço, que serve de apoio à instituição mais antiga, esta que foi construída sob a presidência de um dos filhos do Dr. José Lopes Dias o Sr. Engenheiro Manuel Lopes Dias.

O projeto educativo em vigor nesta instituição tem como tema “Sou criança...tenho direitos”, está em vigor desde o ano letivo 2014/2015 e é válido até ao ano letivo 2017/2018. Segundo Silva et al. (2016, p.23) o projeto educativo funciona “como instrumento de orientação global da sua ação e melhoria complementado pelo regulamento da instituição, que revê as funções e formas de relação com os diversos grupos que compõem a comunidade (órgãos de gestão, profissionais, pais/famílias, e alunos).” Cada projeto educativo apresenta um tema geral que se divide em quatro subtemas, um por cada ano letivo. No ano letivo de 2016/2017, o ano em que realizamos a nossa PES nesta instituição, o tema foi: “Brincar é aprender”. Este tema teve como objetivo consciencializar os pais, educadores e toda a comunidade educativa para a forma como o “brincar” pode ser uma forma de aprendizagem prazerosa para a criança, não sendo somente uma forma de lazer.

1.3. Caracterização da sala

A sala dos meninos da educadora Sara localiza-se no primeiro andar do edifício, o seu acesso é feito através de umas escadas que possuem, por questões de segurança, um corrimão à altura das crianças e, encontram-se vedadas por uma “porta” de segurança com fecho, que só os adultos conseguem abrir. Tem como tema “O mundo encantado” (fig.2) e encontra-se decorada com elementos bastante sugestivos para as crianças, como fadas, meninos e meninas, um cavalo mágico com estrelas à volta e, em cada estrela, encontra-se a foto de uma criança com a data do seu aniversário (fig.3).



Fig. 2 - Título da sala

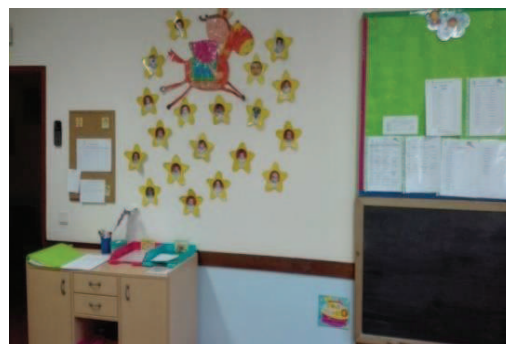


Fig. 3 - Cavalo mágico com estrelas dos aniversários das crianças

Na sala há ainda o “dragão do tempo”, todos os dias, a criança que fica designada como “chefe do dia”, vai à janela da sala espreitar o tempo e colocar no dragão o estado do tempo correspondente (fig.4). A mesma criança que fica designada como “chefe do dia” coloca a sua fotografia no castelo encantado e usa um colar identificativo da sua tarefa (fig.5). Convém salientar que todas as crianças têm a sua fotografia identificativa, devendo colocá-la no cantinho da sala onde estão a brincar.



Fig. 4 - O dragão do tempo meteorológico

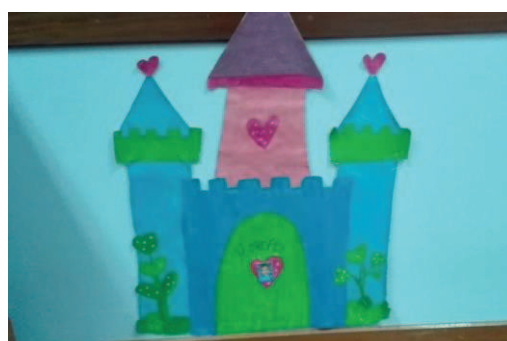


Fig. 5 - O castelo encantado do chefe do dia

A sala usufrui ainda de um tapete/manta onde as crianças se sentam para iniciar o dia de atividades juntamente com a educadora e as estagiárias. É de salientar que cada criança tem o seu lugar marcado na manta, o que permite que comecem a gerir o seu espaço pessoal e o dos colegas, e o facto de a manta ter quatro cores ajuda a que as crianças “decorem” melhor o seu lugar (fig.6).

Na sala há ainda dois armários onde a educadora guarda materiais, como pincéis, tintas, lápis, canetas, entre outros e um quadro de ardósia ao lado do armário (fig.7/ fig.8). Há também duas estantes onde a educadora guarda alguns trabalhos das crianças e *placards* em duas paredes da sala, onde são expostos os trabalhos de todas as crianças (fig.9).



Fig. 6 - Manta/ tapete

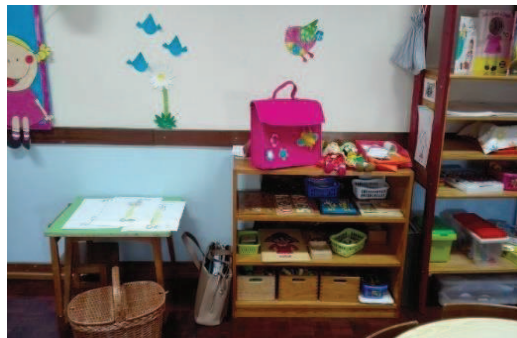


Fig. 7 - Estantes



Fig. 8 - Quadro de ardósia e armário

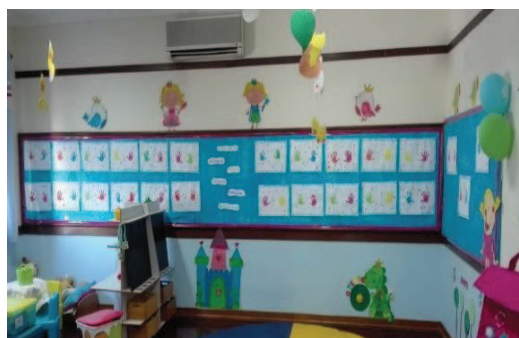


Fig. 9 - Placard para exposição de trabalhos

Em frente à sala encontra-se o gabinete da direção da instituição, e ao lado encontra-se a casa de banho, adaptada às características das crianças. Quanto à sala em si, é uma sala com duas grandes janelas, o que permite a entrada de luz natural durante a maior parte do dia, é um espaço cómodo e acolhedor, a sua disposição, facilita o controlo do grupo de crianças e apresenta materiais diversificados que promovem a curiosidade e privilegiam o interesse e motivação das crianças desta faixa etária.

A sala em si encontra-se organizada por cantinhos (cantinho da casinha, cantinho dos carros, cantinho da leitura, cantinho dos jogos/mesa, cantinho da manta, cantinho da quinta e cantinho da mesa). No cantinho da casinha, há uma mesa com cadeiras, uma cama de bonecas, um fogão de madeira e também um armário com pratos, copos, talheres e tachos de brincar, neste cantinho as crianças reproduzem certas situações do seu quotidiano familiar, é de salientar que este é o cantinho preferido da maioria das crianças do grupo (fig.10/fig.11).



Fig. 10 - Cantinho da casinha (1)



Fig. 11 - Cantinho da casinha (2)

Quanto ao cantinho dos carros, nele as crianças podem divertir-se com diferentes tipos de veículos como por exemplo, carros, tratores, retroescavadoras (fig.12). No cantinho da leitura as crianças têm acesso a um vasto conjunto de livros, desde os mais lúdicos até alguns mais pedagógicos, neste cantinho há dois sofás de plástico e uma cadeira, onde as crianças se sentam para folhear e consultar os livros (fig.13).



Fig. 12 - Cantinho dos carros



Fig. 13 - Cantinho da leitura

No cantinho dos jogos, as crianças têm à sua disposição muitos jogos pedagógicos e lúdicos, como por exemplo puzzles, jogos de encaixe e jogos que permitem treinar a sua motricidade fina e desenvolverem-se cognitivamente enquanto jogam. As crianças realizam os jogos nas duas mesas redondas que se encontram na sala, cada mesa com cadeiras para que se possam sentar e brincar/jogar confortavelmente (fi.14). O cantinho da manta permite às crianças brincarem com legos, jogos de encaixe, blocos lógicos matemáticos (fig.15).



Fig.14 - Cantinho dos jogos/mesa

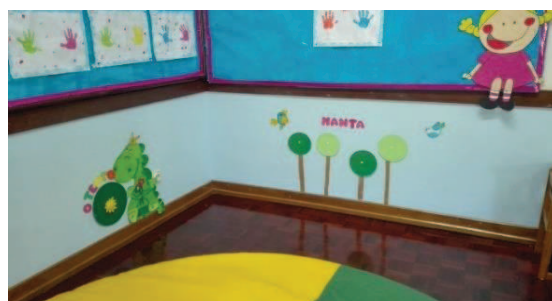


Fig. 15 - Cantinho da manta

Relativamente ao cantinho da quinta, nele as crianças podem brincar com diversos animais de plástico, não só animais domésticos como também animais selvagens. Por fim, no cantinho da mesa, as crianças brincam com massa de sal ou plasticina, utilizando moldes e utensílios próprios.

Os cantinhos da sala são variados e diversificados, promovendo o desenvolvimento global das crianças e a sua imaginação através do jogo simbólico, facilitando ainda as relações sociais de cada criança, com os colegas, assim como com a educadora e a auxiliar. Cada cantinho encontra-se adequado à faixa etária das crianças e aos seus interesses, possuindo materiais diversificados que mantêm as crianças envolvidas nas atividades que realizam em cada um deles. Os cantinhos permitem ainda que as crianças se organizem na sala de forma, cada vez mais, autónoma (fig.16/fig.17).



Fig. 16 - Perspetiva da sala (1)



Fig. 17 - Perspetiva da sala (2)

1.4. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças da sala dos 3 anos é composto por 26 crianças, 9 rapazes e 17 raparigas. É uma sala de constituição homogénea composta por crianças nascidas entre Janeiro e Dezembro do ano de 2013. Das 26 crianças uma estava diagnosticada com Necessidades Educativas Especiais (NEE) como “Supra-ativa”, sendo por isso acompanhada e tendo um plano individual de intervenção precoce na infância (PIIP).

Uma grande parte das crianças ingressou na instituição antes de completar o primeiro ano de idade, frequentando, o berçário da instituição. As restantes deram entrada na instituição depois de completarem o primeiro e o segundo ano de idade, tendo, por isso, todas elas frequentado a creche antes de iniciarem a educação pré-escolar.

A maioria das crianças vive na cidade de Castelo Branco, havendo apenas uma criança que reside nas Benquerenças e outra no Freixial do Campo.

No que respeita ao estado civil dos pais, a maioria são casados, os restantes encontram-se “juntos” ou em união de facto. Podemos também verificar que algumas crianças são fruto de famílias reconstruídas e recasamentos. Em relação aos irmãos verificou-se que a maioria tem pelo menos um irmão no seu agregado familiar.

Pelas avaliações do desenvolvimento que realizamos com base nas grelhas de observação das crianças, adaptadas por sugestão da professora doutora Maria José Infante (apêndice a), concluímos que a maioria das crianças tem um bom desenvolvimento para a sua faixa etária, ainda que tenham necessidade de continuar a interiorizar regras e limites. Algumas crianças necessitam aprender a lidar com momentos de frustração e de contrariedade, pois quando contrariadas fazem birras ou choram. A maioria das crianças encontra-se integralmente bem desenvolvida, observando-se que uma pequena minoria tem algumas dificuldades na expressão oral e outra minoria apresenta dificuldades na realização de atividades de motricidade fina, como por exemplo pintar com pincel, rasgar papel ou carimbar com os dedos. De referir ainda que algumas crianças têm dificuldade em interiorizar regras de convivência com os outros, nomeadamente com os colegas, recorrendo à “violência” (bater, morder e/ou empurrar) para resolver alguns dos conflitos.

2. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré- Escolar

2.1. Cronograma de distribuição das semanas da PSEPE

A PSEPE teve a duração 16 semanas, iniciando-se a 3 de Outubro de 2016 e terminando a 19 de Janeiro de 2017, sendo as primeiras duas semanas de observação e as seguintes de implementação conjunta e individual, como apresentado na tabela 1:

Tabela 1 - Cronograma da prática supervisionada em Educação Pré-Escolar

Semana 1 (3 a 6 de outubro de 2016)	Semana 2 (10 a 13 de outubro de 2016)	Semana 3 (17 a 20 de outubro de 2016)	Semana 4 (24 a 27 de outubro de 2016)	Semana 5 (31 de outubro a 3 de novembro de 2016)	Semana 6 (7 a 10 de novembro de 2016)	Semana 7 (14 a 17 de novembro de 2016)
Observação	Observação	Em conjunto	Estagiária Jéssica	Estagiária Marta	Estagiária Jéssica	Estagiária Marta
Semana 8 (21 a 24 de novembro de 2016)	Semana 9 (28 a 30 de novembro de 2016)	Semana 10 (5 a 7 de dezembro de 2016)	Semana 11 (12 a 15 de dezembro de 2016)	Semana 12 (2 a 5 de janeiro de 2017)	Semana 13 (9 a 12 de janeiro de 2017)	Semana 14 (16 a 19 de janeiro de 2017)
Estagiária Jéssica	Estagiária Marta	Estagiária Jéssica	Estagiária Marta	Estagiária Jéssica	Estagiária Marta	Em conjunto

2.2. Horário das estagiárias

Tabela 2 - Horário da PSEPE

270 Horas Semestrais – 18 Horas Semanais			
2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	5ªfeira
9:00h/12:30h	9:00h/12:30h	9:00h/13:00h	9:00h/13:00h
			14:30h/16:30h

2.3. Temas trabalhados durante a PSEPE

Durante a Prática Supervisionada foram trabalhados vários temas tanto nas semanas de implementação individual como nas semanas de implementação conjunta. A tabela 3 faz um resumo de todos os temas:

Tabela 3 - Temas trabalhados durante a PES em Educação Pré-Escolar

Semana 3 - Conjunta	Tema: Esquema Corporal
Semana 5 - Individual	Tema: Vestuário de Outono - “Dentro e Fora”
Semana 7 – Individual	Tema: “Os animais que hibernam”
Semana 9 – Individual	Tema: “Presépio-Família”
Semana 11 – Individual	Tema: “Cantilenas e danças do tempo dos nossos avós”
Semana 13 - Individual	Tema: “Quadrado - Inverno”
Semana 14 - Conjunta	Tema: Os brinquedos

A terceira semana, com o **tema “Esquema corporal”**, teve como objetivo abordar com as crianças as principais partes constituintes do corpo humano, com o intuito de estas se consciencializarem com a sua constituição física e perceberem quais as diferentes partes que as constituem, tal como algumas diferenças de género entre “meninos e meninas”. Para isso, foram escolhidas diversas atividades que incidiam sobre o trabalho do esquema corporal e dos nomes atribuídos às diferentes partes constituintes do nosso corpo, com o objetivo de formalizarem a apropriação do vocabulário de forma lúdico-pedagógica, através da colagem e do desenho. Ainda evidenciar a participação da nossa colega Erasmus, de nacionalidade Espanhola, que

ajudou a dinamizar e a enriquecer a temática ensinando às crianças as partes constituintes do corpo na sua língua materna.

A quinta semana teve como **tema “O vestuário de Inverno e as noções espaciais de dentro e fora”**. Estes temas foram associados através de atividades que permitiam, em alguns casos, o desenvolvimento síncrono das duas temáticas. A escolha do tema, do vestuário de Inverno, veio a ser acrescentado pela educadora já perto da semana de implementação, justificada pela preocupação demonstrada por ela própria e por alguns pais sobre as “birras” das crianças em relação à mudança do vestuário adequado ao tempo frio, isto porque tanto na instituição, para as saídas ao ar livre, como em casa elas não compreendiam essa transição. Tendo em conta estas preocupações, a cooperante auferiu a importância da integração deste tema, com a intenção de existir uma elucidação sob a transição do vestuário apropriado às diferentes estações no ano.

A sétima semana de **tema “Os animais que hibernam”**, pretendeu dar a compreender às crianças as razões pelas quais os animais têm necessidades físicas distintas entre eles, tendo alguns a necessidade de entrar num “sono profundo” a que chamamos estado de hibernação. Para isso foram escolhidos animais como o Urso e o Ouriço para trabalhar a temática. Foram utilizadas para a abordagem do tema histórias muito conhecidas e recomendadas pelo plano nacional de leitura, como é o caso de *A cantiga do Urso*, de Benjamin Chaud, que serviram de ponto de partida para os jogos e as atividades realizados durante a semana. Realizou-se ainda um momento de dramatização, baseado em um tratador de animais que perde a sua tartaruga (uma tartaruga real que eu havia escondido na sala) e que entra na sala à sua procura auxiliando-se da ajuda das crianças para a encontrar. Através da dramatização e da tartaruga, foi possível a realização de atividades baseadas na ampliação dos sentidos táteis e visuais, em que as crianças tiveram a possibilidade de verem, sentirem e ainda desenharem o animal ao vivo, fazendo um desenho de temática orientada, intitulada “o que observo”.

A nona semana teve como **tema “O presépio e a família”**, sendo que o tema da minha investigação incidia sobre a família, conjuguei a temática natalícia, em que abordamos o presépio e a família do menino Jesus, para fazer uma pequena abordagem, em género de “ensaio”, para a minha investigação. Foi partindo do livro *As famílias não são todas iguais* de Tango Books que se realizou essa pequena abordagem ao tema da diversidade na instituição familiar. Apesar deste ensaio, foi preservada a envolvimento natalícia que é conferida à época, aliando-a também a jogos e experiências científicas.

A décima primeira semana teve como **tema: “As cantilenas e danças do tempo dos nossos avós”**, sendo que o objetivo desta temática era fazer uma retrospectiva àquilo que foi o natal antigamente, não encontrei melhor forma de abordar este tema sem ser através da dramatização, aliada à fantasia e a magia própria do Natal. Para isso, fiz uma recolha de informações sobre os costumes e os trajes junto de quem me era mais próximo, a minha avó (felizmente ela tinha guardadas roupas da minha bisavó que utilizei para a dramatização). Aliando os antigos costumes às tradições das aldeias,

reuni estas duas vertentes para a criação de uma “Aldeia Natal”, esta tinha como base uma casa habitacional, um madeiro, e uma igreja. Foi através da dramatização e do “cenário” natalício, construído no exterior da instituição, que partimos para a aprendizagem das cantilenas e das danças populares.

A décima terceira semana teve como **tema: “O quadrado e o inverno”**, tratando-se de dois temas divergentes, um associado à área da matemática e o outro ao mundo físico, inicialmente, para conciliar estas duas temáticas, utilizei um teatro de sobras chinesas em que os personagens eram pinguins (um animal associado ao Inverno), estes tinham a particularidade de serem representados através das diferentes formas geométricas. A partir desta integração didática das duas temáticas, optei por trabalhar os dois conceitos em dias distintos. No primeiro dia, o conceito do quadrado foi exercido com recurso a danças e atividades que permitiam a apropriação do termo de uma forma mais rítmica. A temática do “inverno” foi construída partindo do livro *A Bruxa Mimi no Inverno*, de Korky Paul (recomendado pelo plano nacional de leitura) para as atividades. Ainda, durante esta semana, de forma a recriar o tema do inverno, foi colocado um iglô gigante na sala, de forma a cabermos todos lá dentro, onde protagonizei um esquimó, com o objetivo de promover e dinamizar a temática. No final da semana da PES, voltei a conciliar as duas temáticas através de circuitos de atividades (género estafetas).

A décima quarta semana sendo uma semana conjunta foi realizada em parceria com as minhas colegas de estágio, esta semana teve como **tema: “Os brinquedos”**, a educadora cooperante pretendeu que este tema fosse uma retrospectiva à história dos brinquedos e dos jogos tradicionais. O objetivo de trabalhar sobre a temática dos brinquedos foi a transmissão de uma mensagem de valorização e apreço por estes, pois hoje em dia as crianças têm tudo em abundância e não os valorizam. Deste modo, o nosso principal objetivo foi transmitir esses valores e dar-lhes a conhecer os costumes, as tradições, os brinquedos e os jogos do “tempo dos nossos avós”. Dada a temática semanal, transformamos a nossa sala na “Cidade LEGO”. Sendo os LEGOS dos brinquedos mais antigos que existem, criados em 1934 e utilizados até aos dias de hoje, por permitirem às crianças criar todo um mundo imaginário partido da sua criatividade, achamos muito motivador o apelo ao tema desta forma. Para além disso, transformamo-nos nós próprias em personagens de LEGO gigantes, desta forma, fizemos da nossa sala um real “mundo encantado”. Ainda, no decorrer da semana produzimos atividades que consistiam na construção de brinquedos, com o objetivo de através dessa atividade aprenderem a valoriza-los, uma vez que era o seu trabalho, tempo e dedicação que estavam ali investidos e representados.

***Anexo 10**- Galeria de fotos de todas as semanas individuais da PSEPE.

2.4. Planificações da Educação Pré-Escolar (Exemplificação de uma planificação semanal referente à 13^o semana)

2.4.1. Descrição do conteúdo programático

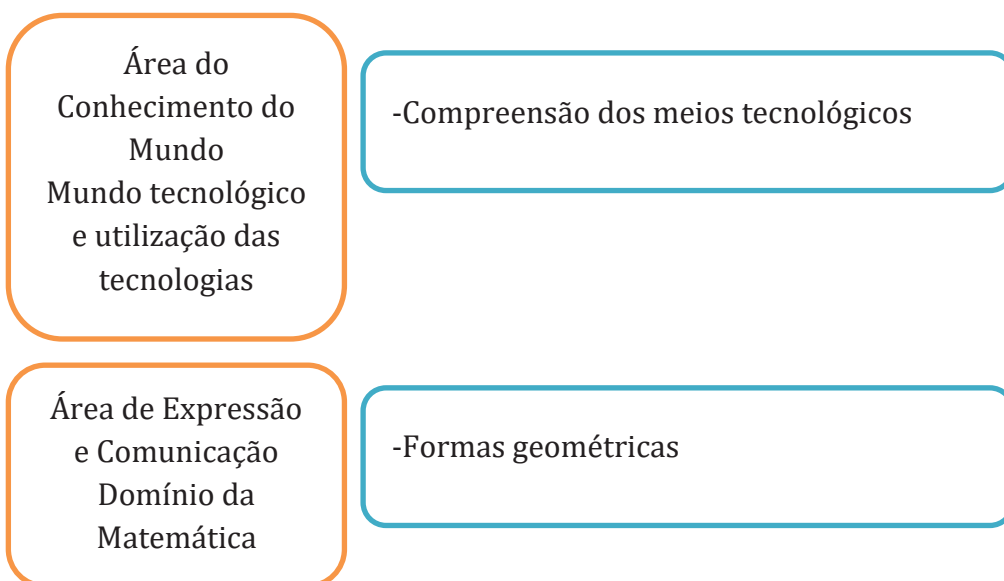
Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas. Silva et al. (2016, p.15)

Semana de Implementação: 13^o Semana PSEPE/ 5^o Individual

A planificação semanal apresentada a seguir, a título de exemplo, da prática em Educação Pré-Escolar, teve como tema “O Quadrado e o Inverno”. O esquema 1 aponta as áreas de conteúdos e os conteúdos trabalhados, ao longo da semana, como base nas OCPE de 2016.

Esquema 1: Áreas de conteúdo e conteúdos trabalhados na 13^a semana da PSEPE

Áreas de Conteúdo: Conteúdos:



Área de Expressão
e
Comunicação Domínio da Educação Artística Subdomínio das Artes

- A cor
- Recorte
- Motricidade fina
- Exploração de diferentes matérias (barro e algodão)

Área da Expressão e Comunicação Domínio da Educação Artística Subdomínio da Música

- Enriquecer o reportório musical
- Interligação de audição, interpretação e criação
- Explorar as características dos sons

Área do Conhecimento do Mundo Conhecimento do Mundo Social

- Tradição – “Janeiras”
- Estações do ano - Inverno

Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita:

- Sentir se escutado e ter interesse em comunicar

Área de Expressão e Comunicação Domínio da Educação Artística Sub-domínio do jogo

- Teatro de sombras
- Dramatizações

Área de Expressão
e Comunicação
Domínio da
Linguagem Oral e
Abordagem à
Escrita:

- Compreensão de mensagens orais;
- Criar um clima de comunicação;
- Desenvolvimento oral e ampliação do vocabulário
- Jogos linguísticas / Rima

Área de Expressão
e Comunicação
Domínio da
Educação Física

- Desenvolver a coordenação motora
- Exploração livre do espaço, do movimento e dos materiais
- Equilíbrio e Coordenação
- Consciência do corpo
- Controlo voluntário do movimento

Área de Formação
Pessoal e Social

- Compreender rotinas;
- Partilhar de aprendizagens em grupo;
- Educar para a cidadania;
- Desenvolvimento da independência e da autonomia;
- Promover a socialização;
- Promover o intercâmbio, a comunicação e a partilha.

2.4.2. Planificações diárias (semana de 9 a 12 de janeiro de 2017)

Tabela 4 - Atividades - 9 de janeiro de 2017

Segunda-feira - 9 de janeiro de 2017	
<ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Higiene” • Rotina “Canção do Bom dia” • Rotina “Pão ou Fruta” • Teatro de sombras chinesas – “ A história da quadradinha” (anexo 2) • Rima: “O quadrado” <p>Eu sou o Quadrado</p> <p>Bonito demais</p> <p>Tenho quatro lados</p> <p>E todos iguais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Dança do quadrado (distribuir folhas em forma de quadrado para cada criança) • Atividade plástica – Faz o teu próprio “Srº Quadrado /Srª Quadradinha” (apêndice c) • Rotina “Higiene” • Rotina “Almoço” • Rotina “Sala” • Rotina “Sesta”

Estratégia:

O dia começa com as rotinas diárias, as crianças são chamadas para se juntarem todas na maninha para darmos início às nossas atividades, em seguida quatro a quatro vão com a ajuda da auxiliar e de uma das estagiárias à casa de banho. As atividades começam com a canção do “Bom Dia” e da escolha do chefe do dia, após estas rotinas dou às crianças o pão ou a fruta.

Terminado o “*snack*” matinal explico a atividade que vou realizar e falo um pouco sobre o teatro de sombras chinesas. Desloco-me para detrás do teatro de sombras e dou início à história da quadradinha. Ainda durante a história, ao apresentar a personagem principal, irei ensinar-lhes a rima do quadrado, da qual farei uso, posteriormente, para trabalhar com as crianças esta figura geométrica. Concluído o teatro apresento os personagens às crianças, uma vez que já falamos sobre o círculo e o triângulo, personagens integrantes da história da quadradinha, aproveito-os para relembrar conceitos anteriormente trabalhados. Seguidamente, sento-me diante das crianças na manta e relembramos as partes mais importantes da história, ideias chave e conceitos que pretendo que eles adquiram e memorizem.

Em seguida, aprenderemos a rima do quadrado e repetiremos algumas vezes, todos em conjunto, começando verso a verso e depois a estrofe completa.

Sendo a temática do dia “o quadrado” distribuo pelas crianças um quadrado de papel e desimpeço o espaço, no meio da sala, para que possamos ter espaço para a atividade da dança. Pego no nosso quadrado e explico a atividade às crianças, distribuo-os pelo espaço existente e coloco -me virada de frente para eles. Coloco uma música e vou-lhes dando instruções dos passos de dança (Ex: “todos dentro do quadrado”; “todos a dançar à volta do quadrado”; “o quadrado na mão direita”). Depois de as crianças se movimentarem um pouco e “libertarem as energias” com a atividade de dança, peço-lhes que regressem à mantinha para “o quadrado descansar que também ele está cansado”. Já na mantinha explico às crianças a atividade de plástica que vamos realizar, para isso, pego na folha da atividade (apêndice 3) e explico o que iremos fazer, explicando que ali se encontra um quadrado que pode ser a Sra.^a Quadradinha ou o seu marido, mas que ainda não estão feitos, precisamos de lhes dar forma, utilizando para isso pedaços de papel de jornal que vamos rasgar e colocar em torno do quadrado seguindo as setas orientadoras. Depois de colado o papel, temos barro desfeito em água (explico o que é o barro) que vamos usar para pintar com as pontas dos dedos o interior do quadrado. Explicada a atividade, divido as crianças pelos cantinhos e peço a quatro que se desloquem até à mesa de atividades para, em pequenos grupos, fazermos o corpo da senhora quadradinha ou se preferirem do senhor quadrado.

Perto da hora do almoço, peço às crianças que comecem a arrumar os cantinhos e se juntem na manta até todos estarem prontos, depois peço ao chefe do dia que verifique se os cantinhos se encontram todos arrumados e começo a fazer o comboio para o almoço.

Depois do almoço, regressamos à sala onde fazemos um jogo ou aproveitamos uma das histórias ou outro material, que as crianças levam para a sala, para ocuparmos essa hora, conforme se proporcionar ou for a sugestão delas.

Perto do 12h30 cantamos a canção da Lua (anexo1), que assinala o momento de ir para a cama, fazemos o comboio e vamos até à sala da sesta. Deito-os e despeço-me.

Tabela 5 - Atividades - 10 de janeiro de 2017

Terça-feira - 10 de janeiro de 2017
<ul style="list-style-type: none">• Rotina “Higiene”• Rotina “Canção do Bom dia”• Rotina “Pão ou Fruta “Visita à Câmara Municipal de Castelo Branco para cantar as janeiras• Rotina “Higiene”• Rotina “Almoço”• Rotina “Sala”• História “O Inverno” (anexo 3)• Rotina “Sesta”

Estratégia:

O dia começa com as habituais rotinas diárias, quatro a quatro, as crianças são chamadas para fazerem as suas necessidades acompanhadas pela auxiliar e uma das estagiárias. Quando todos tiverem feito, as crianças juntam-se na manta e cantamos a canção do bom dia, é-lhes explicado que será um dia diferente pois vamos à Câmara Municipal cantar as “Janeiras”, como já andávamos a planear a alguns dias. Como vamos sair da instituição não faremos o chefe do dia, para as crianças terem tempo de comer antes da saída. São também lembradas as regras de comportamento que devem ser mantidas durante a nossa saída. Antes da saída vestimos os casacos e fazemos o comboio até à porta de entrada, onde iremos apanhar o autocarro que nos levará até à Câmara.

Já na Câmara organizamos o grupo e auxiliamos a Educadora Sara no controlo do mesmo.

Chegados à instituição despimos os casacos e vamos até ao refeitório para servir os almoços. Depois do almoço as crianças são levadas para a sala, aí irei contar-lhes a história do Inverno que ajudará a entender os conceitos inerentes a esta estação do ano.

Terminada a história, distribuí os bonecos, de dormir e canto-lhes a canção da Lua. Fazemos o comboio e deslocamo-nos à sala da sesta. Deito as crianças e despeço-me.

Tabela 6 - Atividades - 11 de janeiro de 2017

Quarta-feira - 11 de janeiro de 2017	
<ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Higiene” • Rotina “Canção do Bom dia” • Rotina “Pão ou Fruta” • Dramatização “O esquimó da Gronelândia” • Cultura esquimó – diálogo, história e partilha de registos fotográficos • Canção e dança – “beijos de esquimó” 	<ul style="list-style-type: none"> • Reprodução através da voz dos sons onomatopaicos: vento, chuva, trovões e passos na neve. • Jogo: Vamos à pesca como os esquimós!” • Rotina “Higiene” • Rotina “Almoço” • Rotina “Sala” • Rotina “Sesta”

Estratégia:

O dia começa com as rotinas diárias, as crianças são chamadas para se juntarem todas na maninha para darmos início às nossas atividades, depois quatro a quatro vão com a ajuda da auxiliar e de uma das estagiárias à casa de banho. As atividades começam com a canção do “Bom Dia” e da escolha do chefe do dia.

Neste dia peço à educadora Sara ou ao meu par pedagógico que iniciem a manhã para que eu possa surgir posteriormente na sala. Na sala já se encontra montado o meu “iglu” junto ao local onde habitualmente se encontra o cantinho da leitura. Para esta atividade optei por construir uma parede de um iglu que simulasse um iglu verdadeiro. Com isto pretendo introduzir a temática do Inverno, falando um pouco da cultura dos esquimós.

Quando as crianças tiverem todas terminado as rotinas, peço a uma das minhas colegas que me faça sinal para poder entrar na sala, aí apresento-me às crianças como sendo uma esquimó da Gronelândia e sugiro às crianças entrarem no meu iglu para lhes falar um pouco sobre a “minha” história. Desenvolvo um diálogo interativo com eles, sobre a “minha” vida e os “meus” costumes e com a ajuda de um globo terrestre mostro-lhes local onde “vivo”. Falar-lhes-ei dos invernos rigorosos, das técnicas de caça e pesca que “usamos” para sobreviver e mostro-lhes fotos da “minha terra”. Em seguida, falo-lhes mais um pouco desta cultura e explico que os esquimós não se cumprimentam como eles, com dois beijos em cada uma das faces, os esquimós cumprimentam-se esfregando o nariz da pessoa que pretendem cumprimentar. Para dinamizar este momento irei colocar a canção do Piglo – “Beijos de Esquimó” do canal Panda, para que todos em grande grupo dancemos ao som desta canção e repitamos os gestos. Aproveito a temática para explorarmos os sons do Inverno, e peço-lhes que

reproduzam sons onomatopaicos relativos ao Inverno (vento, chuva, passos na neve, ...).

Depois de realizarmos as atividades relativas à música, relembro os costumes dos esquimós, e pegando na foto relativa à pesca, sugiro às crianças também elas irem pescar o seu próprio peixe num cubo de gelo que “eu” trouxe da “minha” terra. No entanto, digo às crianças que nem todos os peixes que apanharem podem ser consumidos, os esquimós apenas gostam dos peixes que tiverem a forma de quadrados no seu corpo, caso contrario, esse será inapropriado para a alimentação dos esquimós e têm de os devolver para dentro do cubo do gelo, como estratégia de inserir o quadrado neste dia de atividades. Para este jogo irei fazer pequenos grupos e distribuir as restantes crianças pelos cantinhos.

Perto da hora do almoço, peço às crianças que comecem a arrumar os cantinhos e se juntem na manta até todos estarem prontos, depois peço ao chefe do dia que verifique se os cantinhos se encontram todos arrumados e começo a fazer o comboio para o almoço.

Depois do almoço se estiver bom tempo iremos até ao pátio exterior, senão iremos até à sala onde irei distribuir as crianças a brincar pelos cantinhos, uma vez que a manhã terá sido preenchida de atividades, para que eles possam desfrutar das suas brincadeiras livres.

Perto do 12h30 peço que arrumem tudo e se juntem na manta, cantamos a canção da Lua, fazemos o comboio e vamos até à sala. Deito as crianças e despeço-me.

Tabela 7 - Atividades 12 de janeiro de 2017

Quinta-feira - 12 de janeiro de 2017	
<ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Higiene” • Rotina “Canção do Bom dia” • Rotina “Pão ou Fruta” • Apresentação da bruxa Mimi às crianças • História: “A bruxa Mimi no Inverno” (anexo 3) • Atividades no ginásio: Jogos / Circuitos (apêndice b) <p>1ºjogo – As formas geométricas</p> <p>2º Jogo – Chegou o Inverno</p> <p>3º Circuito – Cai neve, vamos fazer um boneco de neve</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Higiene” • Rotina “Almoço” • Rotina “Sala” • Rotina “Sesta” • Tarde • Rotina “Acordar” • Rotina “Higiene” • Rotina “Pentear” • Rotina - Educação Física • Lanche

Estratégia:

O dia começa com as rotinas diárias, as crianças são chamadas para se juntarem todas na maninha para darmos início às nossas atividades, depois quatro a quatro vão com a ajuda da auxiliar e de uma das estagiárias à casa de banho. As atividades começam com a canção do “Bom Dia” e da escolha do chefe do dia.

Para dar início ao dia, irei levar para a sala uma bruxa, de cerca de um metro, que irei apresentar às crianças como sendo a bruxa Mimi, para isso irei simular que ela está dentro de uma mala de viagem escondida como se fosse a mala das surpresas (na impossibilidade de usar a mala das surpresas uma vez que ela é demasiado pequena para a bruxa). A bruxa traz consigo um projetor e um computador para poder contar às crianças a história de uma das suas aventuras no inverno. (Peço às crianças que se virem na direção da tela e conto a história na voz da bruxa Mimi.)

Dialogamos sobre a história e as peripécias da bruxa Mimi e relembramos em conjunto as ideias/conceitos que encontramos ao longo da história (como a hibernação, a queda das folhas das árvores (Outono) e outros temas que já trabalhamos anteriormente e que aparecem de forma indireta na história).

Em seguida, a “bruxa Mimi” pede às crianças que façam o comboio para irmos para o ginásio que ela preparou lá algumas atividades. Na companhia da bruxa Mimi vamos até ao ginásio onde se encontram já preparadas as atividades (apêndice 2).

Perto da hora do almoço, peço às crianças que se juntem e começo a fazer o comboio para o almoço. Depois do almoço, regressamos à sala onde fazemos um jogo ou

aproveitamos uma das histórias que as crianças levam para a escola para contar nessa hora, conforme se proporcionar ou elas sugiram. Perto do 12h30 cantamos a canção da Lua, fazemos o comboio e vamos até à sala da sesta.

Na parte da tarde, dirijo-me à sala da sesta para acordar as crianças e ajudo-as a calçar e a arrumar as camas. De seguida, fazemos o comboio e vamos até à nossa sala para pentear os cabelos e despir os bibes para descermos até ao ginásio para a hora da Educação Física com a professora Elizabete. Terminada a aula de Educação Física fazemos o comboio e vamos até ao refeitório para o lanche. Regressamos à sala para vestir os bibes e para distribuir as crianças pelos cantinhos, onde ficam em brincadeiras livres até os pais as virem buscar. Perto das 17h a auxiliar desce com as restantes crianças para a sala comum e despeço-me.

2.4.3. Reflexão Semanal: 9 a 12 de janeiro de 2017

A semana de 9 a 12 de janeiro representa o culminar das minhas semanas de implementação individual. As atividades desenvolveram-se em torno da temática semanal do “Quadrado” e do “Inverno”. Dada a temática decidi começar a semana por introduzir o quadrado como forma geométrica, e nos restantes dias da semana trabalhar o Inverno, mas inserindo sempre conceito de quadrado nas outras atividades, de forma implícita.

No dia 9 de janeiro foi trabalhado o quadrado, para isso, e também para ter aí presente a temática do inverno, comecei por fazer um teatro de sombras com as crianças sobre a história da quadradinha, mas no qual os “quadrinhos” e todas as outras formas geométricas aí representadas eram Pinguins (fig.18). Como esta forma de contar histórias é feita no escuro, ajudou muito a manter a atenção das crianças e a envolvência daquilo que se estava a fazer (fig.19).



Fig. 18 - Apresentação dos personagens



Fig. 19 - Teatro de sombras

A disponibilização de objetos (fantoques de dedo, de luva ou marionetas de vara, etc.) que facilitem a expressão e a comunicação, através de “um outro”, são também um suporte fundamental para atividades de jogo dramático da iniciativa da criança. Podem ainda utilizar-se outros recursos, tais como, como o teatro de sombras (projetar o corpo, as mãos ou silhuetas) (...). Silva et al. (2016, p.52)

Como estratégia para inserir o conceito “quadrado” optei por fazer uma dança com as crianças, nessa dança usávamos a música da “dança do quadrado”, por ser de melodia tão repetitiva acaba por ficar na cabeça. Por essa razão, achei ser a ideal para a situação. A atividade de dança foi realizada tendo em conta um pedaço de cartão, em forma de quadrado, que eu entreguei às crianças para que pudessem ao mesmo tempo que ouvia a música e dançavam, associar o conceito à forma do cartão (fig.20/fig.21). O que resultou numa estratégia motivadora e divertida.



Fig. 20 e 21 - Momentos da dança do quadrado

Depois da dança do quadrado, e tendo em conta a história da Sr^a Quadrinha, fizemos a atividade de plástica baseada no corpo da Sr^a ou do Sr^o Quadrado (fig.22), inicialmente, a ideia era pintarmos com barro o interior do quadrado, no entanto, não foi possível concluir o resto desta atividade devido ao tempo. Em conversação com a educadora Sara revimos que o importante era as crianças adquirirem a noção da forma do quadrado que já havia sido conseguido pela atividade do rasgo e da colagem no tracejado (fig.23).

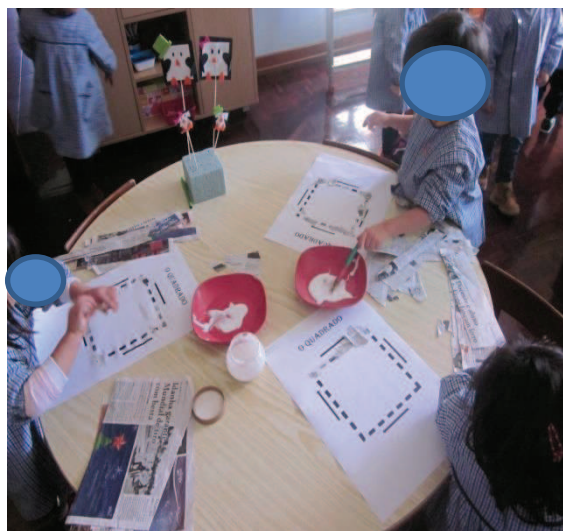


Fig. 22 - Atividade Plástica



Fig.23 - Colagem do jornal pelo picotado seguindo as setas indicadoras

Na terça-feira a manhã não havia sido planificada com atividades, pois estava destinada a ser utilizada para nos dirigirmos à Câmara Municipal de Castelo Branco para cantarmos as Janeiras, no entanto, com a morte do ex-presidente Mário Soares, o país entrou em luto nacional durante 3 dias. Como já íamos a sair da instituição quando recebemos o telefonema da Câmara, a explicar a situação, a Educadora Sara optou, por dada a agitação das crianças, não regressar de imediato à sala. Assim, a decisão tomada, foi de irmos até à Creche do Olival do Paço cantar as Janeiras.

Quando regressamos à instituição, o resto da manhã correu como planeado e quando subi com as crianças para a sala, entre a hora do almoço e a hora da sesta, contei-lhe uma história sobre o Inverno, onde aproveitei para falar com eles sobre as peripécias na neve de algumas crianças que durante a leitura da história se foram manifestado dizendo. “Marta, eu já fui à neve”. Então aproveitando as suas sugestões, falamos sobre as experiências de quem já tinha ido à Serra da Estrela, o que lá encontraram, e o que fizeram. Muitas crianças referindo: “eu fiz muitas bolas de neve e um boneco”, entre outros testemunhos que foram surgindo. Foi também uma oportunidade de eu falar da minha experiência da neve, tornando-se num momento de partilhas. Estes momentos de partilhas são sempre muito bons, pois aproxima-nos das crianças e do seu mundo.

A quarta-feira, foi o dia escolhido para falar da cultura dos esquimós, uma vez que a temática, era o Inverno, achei divertido e importante ampliar o leque cultural das crianças através da cultura esquimó, sendo este um povo que vive sempre num local em que as condições climatéricas são muito rigorosas.

Para o planeamento deste dia desloquei-me à instituição ainda no dia anterior à minha implementação, quando às crianças se encontravam já todas no andar de baixo à espera dos seus familiares e a sala estava vazia, para montar o iglu, para que no dia

seguinte, quando elas chegassem à sala, ele já lá estivesse e não desse a entender que tinha sido eu que o havia levado (fig.24).

De manhã, o meu par pedagógico começou as rotinas e quando as terminou eu apareci, na sala, vestida de esquimó. Intitulei-me “Nivi” e como havia pesquisado algumas palavras como: “olá”, “adeus”, “como estão” em gronelandês ensinei-lhes e convidei-os a visitarem o “meu iglu” (fig.25).



Fig. 24 -Iglu



Fig. 25 Apresentação da esquimó “Nivi”

Já todos no iglu comecei por mostrar às crianças um globo terrestre, para lhes mostrar o sítio exato de onde “eu” vinha. Assim verificamos e marcamos no globo a localização da “minha” terra e a do local onde nos encontrávamos (fig.26), para vermos a distância entre ambas. Falei-lhes dos “meus” costumes e tradições e mostrei-lhes fotos (retiradas da internet) que eu simulei serem da “minha família” e da “minha terra”. Depois dei especial destaque às fotos da pesca e do “beijo de esquimó” pois iam ser essenciais para dar seguimento às atividades.



Fig.26 - Marcação da posição da Gronelândia e de Portugal no globo terrestre

Durante a partilha das fotos, mostrei uma que representava o meio de transporte dos esquimós, o trenó. Nesse momento uma criança disse-me “Nivi eu trouxe um trenó”, este momento foi muito engraçado e acabou por ser uma coincidência incrível que não podia ter resultado melhor. Pedi à criança que fosse buscar o trenó para o mostrar aos amigos, e a partir deste objeto pude de imediato associa-lo à foto e encaixa-lo no nosso dia de atividade (fig.27).



Fig. 27 - Trenó do Tomás associado à foto do esquimó para simbolizar o seu meio de transporte

Sáidos do iglu, fomos para um espaço mais amplo, recriar sons onomatopaicos relativos ao Inverno e cantar e dançar a música do Piglo-“beijos de esquimó”. Depois da dança do esquimó, seguiu-se o jogo da pesca. Como eu já havia mostrado nas fotos, os esquimós para pescarem, faziam um buraco no gelo e ficavam em torno dele a pescar. Para associar este elemento ao tema do quadrado, fiz peixes com diferentes formas geométricas e expliquei às crianças que apenas podiam apanhar os peixes com os quadrados (fig.28), pois eram os únicos que os esquimós gostavam. Eles entenderam de imediato, e até diziam uns para os outros: “não podes apanhar esse, que esse não presta, o esquimó não gosta”.



Fig. 28 - Jogo da Pesca

Na quinta-feira, a manhã começou com algumas mudanças ao que eu havia destinado no meu plano diário, uma vez que este tinha sido o dia escolhido para as atividades de Educação Física no ginásio, mas devido a uma troca nas aulas de judo, este ficou ocupado, pelo que tive de repensar as atividades para outro espaço. Estas acabaram por ser aplicadas nos corredores da instituição do piso superior.

Para começar a manhã, levei comigo uma mala de viagem, que dentro dela tinha uma bruxa, a “Bruxa Mimi” (fig.29), que serviu como impulsionadora para contar a história. As crianças adoraram a bruxa e começaram logo a apontar as suas características, como a verruga, a vassoura, o chapéu.



Fig. 29 - História: “A Bruxa Mimi no Inverno”

Na atividade dos circuitos, como havia pensado uma coisa, e depois surgiu outra, adaptei o espaço (fig.30/ fig.31), e as atividades acabaram por fluir como esperado. De todas as atividades, a que mais animo e euforia causou, foi a da neve faz de conta (algodão), porque puderam atirar uns aos outros as bolas que tinham feito.

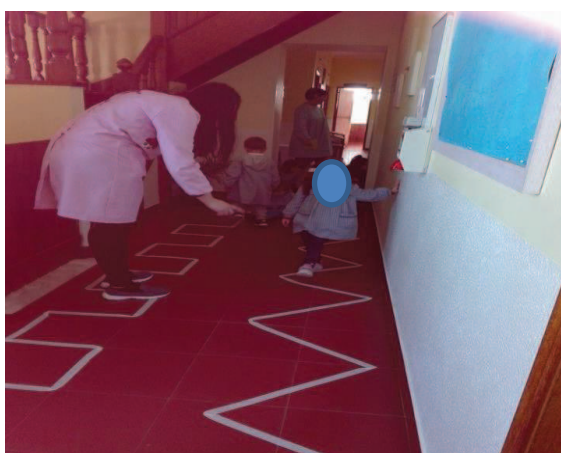


Fig.30 - Atividades no circuito 3



Fig.31 - Término do boneco de neve

3. Reflexão final da PSEPE

Finalizadas as 16 semanas da PSEPE é com saudade que me despeço do grupo de crianças, da nossa educadora cooperante e de toda a comunidade educativa desta instituição.

Quando iniciamos este estágio na sala do Mundo Encantado da educadora Sara, era tudo uma novidade, tivemos de nos adaptar aos seus métodos, à sua personalidade, decorar muitos nomes e essencialmente aprender muito sobre o funcionamento da instituição, das rotinas das crianças, das canções das rotinas, os detalhes inerentes a cada criança (porque um só dorme se tiver o boneco X, outro Y, outro só bebe leite com chocolate, outro sem lactose, outro de aveia, outros só comem com ajuda, outros...) entre todo um conjunto de pormenores necessários a uma plena integração.

Agora, terminado o estágio, olho para a instituição como a casa que assistiu à minha metamorfose, a minha larva tornou-se aqui borboleta. Tudo se deveu a toda a comunidade educativa aqui presente, aos meus professores e essencialmente às educadoras com quem trabalhei que me transmitiram muito do seu saber prático.

Quando integramos a sala, descobrimos que a nossa educadora nada era semelhante a nós, ou seja, quando fomos para este estágio tanto eu como o meu par pedagógico, que somos pessoas muito “calmas e pacíficas”, deparamo-nos com o nosso oposto, de início tememos, pensamos que não poderia funcionar, mas revelou-se, no fim, uma experiência incomparável.

Trabalhar com esta educadora cheia de vida e ânimo ajudou-nos a sair do nosso casulo e a fazer coisas que saiam completamente da nossa zona de conforto, o que se repercutiu em aprendizagens e um crescimento pessoal muito significativo, tanto para mim como para o meu par pedagógico, pois partilhamos a mesma opinião em relação ao ter saído deste estágio como pessoas diferentes, pessoas mais abertas ao mundo. Claro que as aprendizagens didáticas foram imensas e muito valorizadas para com esta educadora, mas é sabido que há pessoas que nos mudam, e nem sempre para pior, neste caso, a nossa educadora mudou-nos para melhor, partilhando connosco a sua alegria de viver.

Tal como a “Nanny McPhee” refere no filme “A Ama Mágica” when you need me, but do not want me, then I will stay. When you want me, but do not need me, then I have to go”. A ideia do filme sugere que quando temos algo que não queremos ela permanece mas quando temos algo que queremos ela vai embora, o mesmo aconteceu com a nossa cooperante, a princípio tememos que as diferenças existentes entre nós fossem um obstáculo à nossa prática, no final descobrimos que era tudo o que precisávamos.

Em relação às semanas de implementação de atividades conseguimos sempre ir ao encontro do que era pretendido pela educadora cooperante, aplicando os diferentes conteúdos à temática e à nossa prática, no entanto, foi evidente um melhoramento na nossa forma de planear, na nossa forma de organização do espaço e das atividades à

medida que fomos progredindo no estágio, como costume dizer ao meu par pedagógico, que me acompanhou ao longo das várias práticas (incluindo a intervenção em Creche) “agora que terminámos é que devíamos começar”, porque o que acontece sempre que terminamos um estágio é que sentimos que quando a nossa engrenagem está finalmente a funcionar sem interrupções, ele termina.

4. Contextualização da prática supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

4.1 Caracterização do Contexto Educativo

O Agrupamento de Escolas Amato Lusitano situa-se na cidade de Castelo Branco. É uma cidade localizada na região da Beira Baixa, na Região Centro (NUT II), e na Beira Interior Sul (NUT III) e possui cerca de 38 542 habitantes. O conselho de Castelo Branco divide-se em 19 freguesias e possui 1 438,19 km² de área.

A atividade socioeconómica da cidade de Castelo Branco tem sofrido mudanças significativas nos últimos anos, registando-se uma tendência para o crescimento das atividades ligadas ao sector industrial, comércio e serviços, em detrimento do sector agrícola.

Relativamente às estruturas socioculturais existentes na cidade, são de salientar o Jardim do Paço, o Museu Tavares Proença Júnior, Museu do Cargaleiro, o Centro Cultura Contemporânea entre outros.

Os agrupamentos de escolas são unidades organizacionais dotadas de órgãos próprios de administração e gestão. São constituídos por estabelecimentos de educação pré-escolar e de um ou mais níveis e ciclos de ensino, com um Projeto Educativo comum.

A constituição de Agrupamento de Escolas considera, entre outros critérios relativos à construção de percursos escolares integrados, a articulação curricular entre níveis e ciclos educativos e a proximidade geográfica.

O Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, criado em julho de 2013, integra a Escola Secundária de Amato Lusitano, a EBI João Roiz, a EB1 – Quinta da Granja, o Jardim-de-infância/ EB1 do Valongo, e as EB1 Cebolais de Cima e Retaxo.

De acordo com o Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, a escola sede do agrupamento seria, no passado, uma escola técnica, Escola Comercial e Industrial de Castelo Branco. No ano de 1974, o ensino passou a ser unificado e a escola passou a ter a designação de Escola Secundária de Castelo Branco, que abarcava turmas desde o 7º ano ao 11º ano, sendo que mais tarde foi acrescentado o 12º ano ao

sistema educativo português. Posteriormente, a escola passou a designar-se Escola Secundária de Amato Lusitano.

Em julho de 2013, o agrupamento de Escolas João Roiz de Castelo Branco, que agregava as escolas EB1 Cebolais de Cima e Retaxo, EB1 Quinta da Granja e Jardim de Infância/EB1 do Valongo, foi integrado no Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, sendo a sede do agrupamento a Escola Secundária de Amato Lusitano.

Cada um dos estabelecimentos que integra o Agrupamento mantém a sua identidade e denominação próprias.

O Agrupamento de Escolas Amato Lusitano é constituído pela Escola Secundária Amato Lusitano (7º ano ao 12º ano e Cursos Profissionais); EBI João Roiz (3º ano ao 9º ano); E. B. 1 da Quinta da Granja (1º e 2º ano); E. B. 1/J. I. do Bairro do Valongo (Jardim de Infância e 1º e 2º ano); E. B. 1/ J. I. dos Cebolais de Cima e Retaxo (Jardim de Infância e 1º ano ao 4º ano).

O Agrupamento oferece oferta educativa nas seguintes áreas (fig.32):



Fig. 32: Ofertas educativas do agrupamento Amato Lusitano

4.2. Caracterização da instituição

João Roiz de Castel - Branco (Séc. XV - XVI) era um poeta e fidalgo da Casa Real de D. Manuel e chegou a desempenhar o cargo de contador da fazenda da Beira, para o qual foi nomeado em 1515. Ignoram-se as datas precisas de nascimento e morte de João Roiz de Castel-Branco, mas é seguro afirmar que este homónimo de Amato Lusitano terá vivido entre finais de Quatrocentos e as primeiras décadas do Séc. XVI. A obra poética de João Roiz de Castel - Branco, hoje conhecida, resume-se a 4 composições incluídas no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.

A Escola EBI João Roiz situa-se no bairro Quinta da Granja mais precisamente na Avenida de Zuhai. Começou a funcionar no ano letivo de 2001/2002, A nível do 1º Ciclo

do Ensino Básico tem 2 turmas de 3º ano e 3 turmas de 4º ano. Tem também turmas de 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico.

O seu meio envolvente é constituído por diversos estabelecimentos comerciais, área residencial, os Bombeiros Voluntários de Castelo Branco e a Guarda Nacional Republicana. É uma zona com excelentes acessibilidades o que facilita o acesso aos alunos, seja em veículo próprio de quem os vai levar à escola, seja de transportes públicos ou até mesmo a pé.

A figura 33 representa uma imagem aérea da escola. Esta que se encontra dividida da seguinte forma: 1 – Entrada; 2 - Bloco B (Bar e Sala dos Professores, o Bar dos alunos, a Papelaria, a Direção da Escola, Reprografia, Telefonista, Secretaria e Sala para Diretores de Turma; 3 - Bloco A (salas de aula de 1º Ciclo e também de 2º/3º Ciclo); 4 – Bloco C – (salas de aula de 2º/3º Ciclo); 5 – Bloco D (refeitório); 6 – Campos de Futebol; 7 – Balneários; 8 – Pavilhão Gimnodesportivo.



Fig. 33 - Escola EBI João Roiz

4.3. Caracterização da sala do 3ºA

A prática supervisionada em 1ºCEB decorreu na turma do 3ºA, na sala 21 do 1º andar do bloco A, da Escola Básica João Roiz. Esta sala conta com quatro janelas que se encontram sempre fechadas, uma vez que a luz natural reflete no quadro e dificulta a visualização dos alunos.

A sala dispõe de 2 armários de arrumação, no armário que possibilita o fecho, os alunos guardam os materiais que levam para a escola no início do ano (compasso, réguas, colas...). Na outra estante, aberta, os alunos guardam os seus dossiers. Dentro

destes dossiers são guardadas as fichas, os desenhos, e os elementos de trabalho (em formato papel) que os alunos vão realizando ao longo dos períodos. Sempre que ocorre o início de um período a professora dá aos alunos um separador, com um desenho para pintarem, que serve de identificação. Ainda nesta estante encontram-se os livros e cadernos de fichas dos alunos, estes ficam aqui guardados para que os alunos não tenham de andar constantemente a levar e a trazer de casa.

A sala dispõe de uma secretária que serve de mesa de trabalho e de apoio à professora cooperante (fig.34). Esta está orientada no sentido contrário ao dos alunos. Usufri de um computador, com acesso à internet, e com ligação direta ao projetor, existente na sala, o que possibilita aulas mais dinâmicas, tecnológicas e interativas e o fácil acompanhamento por todos os alunos do manual interativo da Porto Editora.



Fig. 34 - Secretária de professora



Fig. 35 - Perspetiva da sala

A sala está equipada com 16 mesas, das quais 15 são ocupadas pelos alunos. A mesa suplementar serve de local de observação da professora e da equipa de supervisão durante as aulas das estagiárias, durante o resto do ano esta mesa serve de apoio para as lancheiras dos alunos ou para a colocação de materiais, como por exemplo os desenhos feitos pelos alunos. As mesas na sala estão dispostas em formato de “U” nas laterais e ao centro em filas (fig.35).

A sala tem ainda dois quadros de ardósia, iluminados por quatro focos de luz, e dois placares de afixação onde são colocados os trabalhos realizados pelos alunos resultantes, por exemplo, das aulas de expressão plástica. Também são aqui afixados no placar pósteres sobre os conteúdos lecionados e cartazes informativos. Na parede oposta ao quadro, encontra-se ainda um espaço dedicado aos trabalhos das aulas de inglês, aqui encontram-se algumas frases básicas, das regras em sala de aula, como “posso ir afiar o lápis” e “preciso de ir à casa de banho” em inglês, para servir de ajuda aos alunos durante as mesmas.

4.4 Caracterização da turma

Os dados apresentados têm como base as grelhas de caracterização da turma, disponibilizadas pela professora Conceição Vicente, para um maior aprofundamento da nossa caracterização, preenchidas pelos alunos no início do ano letivo (anexo 6).

A turma do 3ºA é constituída por 29 alunos, dos quais 18 são raparigas e 11 rapazes. Apenas dois alunos não integraram a turma desde o início, no entanto, é evidente a boa relação que existe entre todos os alunos. Apesar de, segundo a cooperante, quando a aluna estrangeira, intergou a turma, alguns alunos revelarem comportamentos de exclusão para com ela, a professora teve de intervir e, com o passar do tempo, os alunos passaram a aceitar a aluna sendo que, atualmente, têm uma atitude de integração e proteção por esta menina.

Alguns alunos, ainda que uma pequena minoria, revelam algumas dificuldades de concentração, por isso, a professora cooperante exerce junto destes um acompanhamento mais personalizado, mantendo-os sentados mais perto da sua secretária, para facilitar esse acompanhamento.

Em relação ao tempo que passam na escola, a maior parte dos alunos almoça na escola, o que significa que passam aí a maior parte do seu dia. Sabemos que os pais/encarregados de educação dos alunos são bastante preocupados com a vida escolar dos filhos/educandos, apoiando-os na resolução de trabalhos de casa, participando nas reuniões de pais e nas atividades extracurriculares.

Os alunos encontram-se, maioritariamente, no seio de famílias tradicionais, ainda que alguns integrem agregados familiares de famílias divorciadas, reconstruídas e monoparentais, existindo um caso de monoparentalidade por viuvez na sala.

As disciplinas que mais gostam são Matemática e Estudo do Meio, pois afirmam que gostam de realizar cálculos e aprendem muitas “coisas” divertidas. A maioria acha a disciplina de português a mais difícil, pois não gostam muito de escrever textos ou não gostam muito de ler. De referir também que este grupo de alunos motiva-se facilmente com propostas de atividades que envolvam a utilização das novas tecnologias como, por exemplo, *tablets* ou *smartphones*.

Assim, concluímos que dos 25 alunos sobre os quais tínhamos dados, 1 dos alunos vive apenas com o pai mas tem irmãos, 16 alunos vivem com os pais e têm irmãos, 2 alunos vivem só com a mãe e com os seus irmãos e 6 alunos vivem apenas com os pais pois não tem irmãos.

No que respeita ao subsídio escolar, 18 alunos não beneficiam de subsídio, 1 aluno beneficia de escalão A, 2 alunos têm escalão B e 4 alunos inquiridos não responderam. Todos os alunos inquiridos frequentaram a Educação Pré-Escolar. Nenhum dos alunos ficou retido e apenas 2 alunos frequentam apoio pedagógico.

Os alunos estudam, na sua maioria, durante 30 minutos diários e, os restantes, dedicam 60 minutos por dia aos estudos. O local de estudo privilegiado pelos alunos diz respeito ao quarto. As opiniões dividem-se, equitativamente, quanto à preferência nos momentos de estudo, sendo que metade prefere estudar sozinho e a outra metade em grupo. Todos os alunos pretendem continuar os estudos, à exceção de um que não mostrou interesse em prosseguir.

No que diz respeito aos interesses dos alunos, assinalando duas atividades favoritas, podemos afirmar que ver televisão e praticar desporto são as atividades preferidas. Estar no computador é também uma atividade que muitos alunos preferem e ouvir música é aquela que é a menos escolhida pelos alunos.

Quanto às características que os alunos preferem num professor, as características que prevalecem são a amizade, a simpatia e a compreensão por parte do professor. As três características que menos relevância têm para os alunos são o professor ser pouco assíduo, ser passivo durante as suas aulas e autoritário.

Os alunos definem-se, na sua maioria, como simpáticos, sinceros, confiantes, persistentes e compreensivos, poucos alunos acham-se desconfiados e nenhum aluno pensa ser egoísta.

Quando estão a falar e são interrompidos, a maioria dos alunos recorre ao diálogo para prosseguir a comunicação, pedindo ao colega que espere até eles acabarem de falar, outros preferem mandar calar o colega com alguma “agressividade” e os restantes deixam o colega falar e no fim chamam-no à atenção.

No que respeita a atitudes de agressão no recreio, a maioria dos alunos não reage contra o aluno que os agride mas dirige-se à funcionária para participar o que aconteceu, alguns optam por conversar e dois optam pela violência.

Se algum conteúdo ou atividade interessa pouco aos alunos, a maioria pede esclarecimentos ao professor sobre o assunto, outros começam a brincar com algum material que tenham à mão como por exemplo o lápis, a régua ou o estojo. Os restantes dizem começar a conversar com o colega do lado e um dos alunos respondeu que começa a desenhar no caderno.

O tipo de aulas que mais agrada aos alunos são aquelas em que trabalham em grupo, seguidas das aulas em que utilizam as novas tecnologias e aquelas em que o professor tem em conta os seus interesses. As aulas em que só o professor é dinamizador das aulas e os alunos são agentes passivos são aquelas que menos agradam aos alunos.

Em conversa com a professora cooperante percebemos que, todos os períodos, a turma elege o “aluno em destaque”, este aluno é escolhido com base em vários critérios como a atenção e o comportamento na aula, a relação mantida com todos os colegas e as notas obtidas nas avaliações.

Por observação e análise da turma pudemos constatar que, de uma forma geral, esta revela vontade de aprender e participar ativamente nas atividades propostas nas aulas. É de salientar que a turma, apresenta entre bons e muito bons resultados em todas as

áreas curriculares, excetuando 2 ou 3 casos de alunos que apresentam reais dificuldades.

5. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em 1ºCEB

5.1. Horário da turma

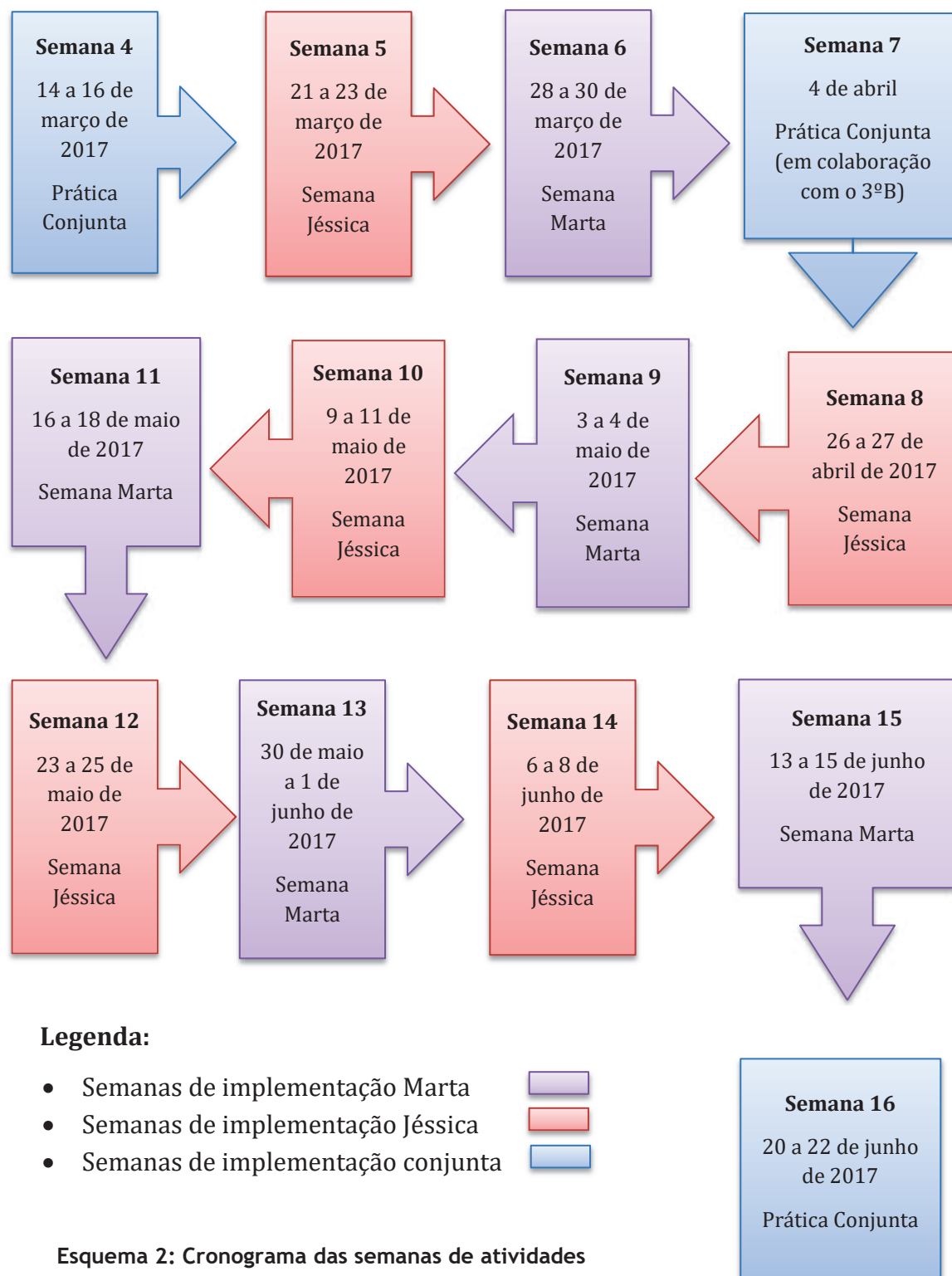
Horário da turma do 3ªA					
Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9.00-10.30	Português	Matemática	Português	Português	Matemática
10.30-11.00	Intervalo				
11.00-12.30	Matemática	Português	Apoio ao estudo*	Matemática	Português
12.30-14.00	Almoço				
14.00-15.00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Matemática	Expressões	Estudo do Meio
15.00-16.00	Música	Programação		Educação Física	Expressões
16.00-16.30	Intervalo				
16.30-17.30	Educação Física	Expressões	Inglês	Programação	Inglês

Fig. 36- Horário do 3ªA

*A hora de apoio ao estudo foi utilizada durante a PES para lecionar Estudo do Meio.

5.2. Cronograma de distribuição das semanas de atividades

O esquema 2 inicia-se na 4ª semana, uma vez que as anteriores são referentes às semanas de observação do trabalho pedagógico da professora cooperante.



Esquema 2: Cronograma das semanas de atividades

5.3 Tabela das semanas de implementação por temas semanais

Na tabela 8 apresentamos os temas trabalhados em cada semana da PES, juntamente com o tema da unidade didática construída para essa semana e o elemento integrador utilizado. Segundo Pais (2010, p.9) “A função do elemento integrador baseia-se na capacidade de interligar as diversas variantes tipológico-didáticas da prática da leitura com os diferentes momentos técnicos do seu desenvolvimento.” São ainda apresentados os temas trabalhados durante a PES por áreas curriculares. (Serão apresentados apenas os temas da minha prática supervisionada e das semanas planificadas em conjunto com o meu par pedagógico, ou em algumas situações, em colaboração com as colegas da turma do 3ºB com as quais fizemos, por diversas vezes, atividades em conjunto.)

Tabela 8 - Temas semanais da PES em 1.º CEB

Semana de implementação:	Tema integrador (TI), tema da unidade didática (TUD), elemento integrador (EI):	Tema trabalhado por área curricular:
Semana 4 – Conjunta	TI: As plantas. TUD: Aprender com elementos naturais! EI: Cesta com tangerinas, pinhas e rosmaninho.	Português: Livro <i>As fadas Verdes</i> , de Matilde Rosa Araújo; Conjugações verbais; A biografia.
		Matemática: Frações e submúltiplos
		Estudo do Meio: Plantas
		Expressões: Recorte; Colagem; Dobragem: Prenda dia do Pai. Voz: Canção “Eu gosto é do papá”.
Semana 6 – Marta	TI: Os animais. TUD: A terra: um ecossistema. EI: Caixa mistério.	Português: Livro <i>As fadas Verdes</i> , de Matilde Rosa Araújo. Conjugações Verbais. Pronomes
		Matemática: Frações. Unidades de medida de comprimento do sistema métrico.
		Estudo do Meio: Os animais

		Expressões: Dobragem: <i>Origami</i>
Semana 7 – Conjunta	TI: A Páscoa. TUD: A Páscoa. EI: Os ovos da Páscoa.	As atividades realizadas neste dia foram transversais a todas as áreas curriculares, no entanto, incidiram mais sobre as expressões (plástica e motora). Pretendeu-se ser um dia mais dedicado à parte lúdica, uma vez que representava o culminar do 2º período.
Semana 9 – Marta	TI: A família. TUD: A família. EI: Cartaz “Como é a tua família”, Associação ILGA Portugal.	Português: Livro <i>O livro do Pedro</i> , Manuela Bacelar. Verbos Irregulares.
		Matemática: Área
		Estudo do Meio: Rochas
		Expressões: Recorte; Colagem; Dobragem- Prenda dia da Mãe.
Semana 11- Marta	TI: Os astros. TUD: Aprender com música. EI: Música <i>Balada Astral</i> , de Miguel Araújo e Inês Viterbo.	Português: Livro <i>Álbum de famílias</i> , de Susana Amorim e Rute Agulhas. Conjugações Verbais. Pronomes. Determinantes.
		Matemática: Unidades de medida de massa.
		Estudo do Meio: Astros
		Expressões: Recorte, Dobragem e Colagem. Atividade de Pintura sugerida. Dramatização.
Semana 13 – Marta	TI: A agricultura e criação de gado. TUD: Fado pelas lezírias.	Português: Canção <i>Campinos do Ribatejo</i> , de Amália Rodrigues. Pronomes. Conjugações verbais.
		Matemática: Círculo. Circunferência.
		Estudo do Meio: Agricultura e a criação de gado.

	EI: Campino do Ribatejo e canção de Amália Rodrigues “Campinos dos Ribatejo”.	Expressões: Desenho de expressão livre. Atividade de pintura sugerida. Situação de exploração da movimentação em grupo (dança).
Semana 15 – Marta	TI: O tempo. TUD: A fotografia na evolução dos tempos. EI: A máquina fotográfica e a fotografia.	Português: Livro <i>A minha mãe anda estranha</i> , de Ricardo Baptista. Sistematização de conteúdos gramaticais.
		Matemática: Medidas de tempo.
		Estudo do Meio: Exploração mineral e industrial.
		Expressões: Modelagem e Escultura: Pasta de papel.
Semana 16 – Conjunta	TI: Os incêndios TUD: Os incêndios. EI: Bombeiro.	Português: Poema
		Matemática: Revisões
		Estudo do meio: Sensibilização aos incêndios. Visita ao Quartel de bombeiros.
		Expressões: Filme: “A Mansão Mágica”.

***Anexo 10**-Galeria de fotos de todas as semanas individuais em PES 1ºCEB.

5.4 Descrição do conteúdo programático (Plano diário 16 de maio de 2017)

Como exemplo de planificação diária da PES é descrito, em seguida, o plano referente ao dia 16 de maio de 2017:

Tema integrador: Aprender com música

Vocabulário trabalhado:

- **Português:** Ensarilhar; Determinante.
- **Matemática:** Quilograma, grama, decagrama, hectograma, decigrama, centigrama, miligrama, quintal, tonelada e decaquilograma.

- **Estudo do Meio:** Astros, planetas, estrelas, meteoritos, cometas, reflexão, refração e sombra.

Elemento integrador: Música “Balada Astral” de Miguel Araújo (com Inês Viterbo).

Princípios de avaliação:

A avaliação do tipo formativa, em todas as atividades propostas. Com recurso a:

- Grelhas
- Observação direta
- Guião do aluno

Recursos: Guião do aluno, Manuais Escolares, Projetor, Computador, Tintas, Purpurinas, Balanças, Artigos de Merceria, Papel de cenário.

Sumários:

Matemática: Unidades de medida de massa (quilograma e grama)

Português: Análise e interpretação da canção “Balada Astral” de Miguel Araújo. Determinantes possessivos. Verbos regulares e irregulares.

Estudo do Meio: Os astros (estrelas e planetas) – O sol, a terra e a lua.

Expressões: Criação do cenário para a peça “ Uma família no espaço”.

5.4.1 Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem

Manhã

Matemática:

Atividade 1 (Motivação): Música “Balada Astral” de Miguel Araújo (com Inês Viterbo)

- 1.1. A aula inicia-se com a música “Balada Astral” de Miguel Araújo com (Inês Viterbo) que deve ser carregada no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=iQJ6hjJtf6Q>.
- 1.2. A música deve ser repetida 2 vezes para que os alunos consigam retirar da canção ideias chave da letra. (Os alunos ouvem a música e vão tomando nota no caderno das palavras-chave da canção).
- 1.3. No final da 2ª repetição da música a professora deve explorar, em grande grupo, as ideias chave que os alunos retiraram da música. Enquanto os alunos vão fornecendo as suas sugestões a professora aponta as ideias no quadro. (Algumas ideias principais que devem ser exploradas: “Astros”; “Cósmico” “pão”, “signos”, “constelações”, “estrelas”, “mãe”, “pai”, etc.)

1.4. Terminada a atividade devem ser verificadas quais foram as ideias que os alunos sugeriram e discutidas.

A professora deve referir que a música será o elemento integrador da semana. Mencionando a forma como este retrata a família e as relações pessoais, os astros e vários elementos ligados ao espaço. Apesar de não referir especificamente as unidades de medida de massa a professora deve partir dos versos “eu que pensava que ia só comprar pão” e “o pão nesse dia ficou por comprar” para introduzir a matemática através da receita do pão. Para isso questiona os alunos sobre “E como se faz o pão?”, “Existe uma receita?” “E essa receita tem medidas certas?” “Como vemos se as quantidades necessárias que estamos a utilizar são as corretas?”.

Atividade 2: Receita do pão caseiro

2.1 A professora projeta no quadro a receita do pão caseiro e discute com os alunos as medidas utilizadas em “ingredientes” para a exploração das unidades de medida de massa.

“Ingredientes

- 500g de farinha de trigo sem fermento
- 400g de água morna
- 1 colher de chá de sal integral
- 10g de fermento de padeiro fresco

2.2 Depois de projetada a receita deve questionar os alunos sobre o “g” que aparece ao longo da receita. Em seguida, deve questionar os alunos sobre como fazemos para medir as medidas apresentadas, de forma a podermos cumprir a receita com exatidão. Por último deve questiona-los sobre que gênero de balança deve ser utilizada, uma vez que existem vários tipos de balança.

Atividade 3: PowerPoint – Tipos de balança

3.1 Projeção no quadro do ppt sobre os tipos de balança. (apêndice d)

3.2 Discussão com os alunos tendo em conta os diapositivos apresentados no PPT.

Atividade 4: O Peso e a Massa – Banda Desenhada (BD) Garfield



Fig. 37- Tira da BD do Garfield

4.1 A professora deve ler em grande grupo a tirinha com os alunos (fig.37), e em seguida explorar os diálogos com a turma.

4.2 A professora deve explicitar a diferença entre massa e o peso no quadro, recorrendo a alguns exemplos.

Atividade 5: O quilo e a grama

5.1 A professora leva para a sala um “peso” de 1kg e outro de $\frac{1}{2}$ kg e mostra aos alunos esses “pesos” questionando-os sobre qual terá maior massa. Os alunos devem a olho nu concluir que é o mais pequeno, no entanto, a professora deve verificar isso com os alunos utilizando uma balança de dois pratos. Em seguida a professor deve demonstrar que dois “pesos” de $\frac{1}{2}$ kg equivalem a 1kg, utilizando de novo a balança de pratos para comprovar a teoria.

5.2 Mostrando à turma o “peso” correspondente a 1kg, a professora, questiona os alunos sobre que produtos do nosso dia-a-dia conhecem que se vende ao quilo (arroz, farinha, açúcar,...).

5.3 A professora questiona os alunos sobre a sua massa corporal, depois distribui os guiões dos alunos e em grande grupo fazemos a questão 1, que consiste na medição da massa corporal de cada um dos alunos. Depois do exercício realizado devem ser utilizados os resultados obtidos para trabalhar o quilograma e a grama, e verificar quem tem maior e menos massa corporal. (Para esta atividade os alunos devem tomar notas no caderno diário.)

5.4 No final das atividades, deve ser entregue aos alunos o guião do aluno com desafios para resolverem individualmente.

Português:

Atividade 6: Análise da música “Balada Astral”

6.1 Reprodução e canto coletivo da música de Miguel Araújo com Inês Viterbo – Balada Astral seguindo a letra no guião do aluno.

6.2 Análise e interpretação do poema/ música “Balada Astral”, em grande grupo.

6.3 Leccionamento dos determinantes possessivos utilizando alguns versos da música (“Que do seu cósmico vagar”; “Mandaram teu pai”; “Sorrir para tua mãe”; “Do seu cósmico refém”).

6.4 Resolução de perguntas de interpretação, individualmente, no guião do aluno.

6.5 Correção, em grande grupo, das questões do grupo I.

6.6 Leitura em voz alta, pelos alunos escolhidos aleatoriamente, das questões do grupo II. Resolução dos exercícios individualmente.

6.7 Resolução e correção, em grande grupo, das questões do grupo II do guião do aluno.

(Guião do aluno, de português, de dia 16 de maio de 2017- apêndice e)

Tarde

Estudo do Meio

Atividade 7: Os astros

7.1 Tendo em conta o elemento integrador, verificar que palavras se encontram na música que pertençam ao espaço. Explorar essas palavras. (“Astros”; “Cósmico”; “signos”, “constelações”, “estrelas”.) Explorar com os alunos que outras coisas existem no espaço que o músico não referiu na sua canção.

7.2 Questionar os alunos sobre: “o que são astros?” E os planetas e as estrelas são o quê? O que é a terra, a lua e o sol? São todos iguais ou exercem diferentes funções? Analisados os conhecimentos prévios dos alunos.

7.3 Em seguida, distinguimos o sol, a lua e a terra quanto à sua função e características (estrela, satélite e planeta).

7.4 Visionamento do vídeo Paxi: O sistema solar. *Link* do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=7jkCIRdvGIg>. Análise em grupo do vídeo

7.5 Identificação de outros astros: cometas, asteroides e meteoritos. Explicitação pela professora das suas características.

7.6 Identificar fontes de luz natural e artificiais utilizando um candeeiro e uma vela como fontes de energia não natural. Explicitar a diferença entre estas fontes de energia e o sol (fonte natural).

7.6 -Anotação dos apontamentos da matéria nos cadernos.

Expressões:

Atividade 8: Criação de um cenário espacial para a peça “Uma família no espaço”.

8.1 Explicitação aos alunos do objetivo da atividade.

8.2 Criação de um cenário espacial de 3x1m, em grande grupo.

5.4.2 Reflexão semanal (semana de 16 a 18 de maio)

Esta semana teve como tema da unidade didática “Aprender com música”, para isso utilizei a canção de Miguel Araújo e Inês Viterbo, Balada Astral, para trabalhar as diferentes áreas curriculares. Foi interessante perceber que quando começamos a explorar esta canção, sob a forma de poema, e a interpreta-la estrofe a estrofe, que os alunos me afirmassem que não sabiam que as canções que ouvem na rádio e na televisão, como esta do Miguel Araújo, tinham algum tipo de significado e podiam

mesmo contar uma história, como era o caso. Consegui identificar em muitos deles o prazer que haviam retirado desta pequena descoberta, de perceberem que no fundo de todas as músicas há sempre uma mensagem por detrás. Quase todos conheciam a música e cantavam, mas não percebia a sua real mensagem. Neste caso, a da história de amor do cantor com a sua amada e da influência que os astros tiveram para que esse amor acontecesse.

No dia seguinte a esta aula fui abordada por dois alunos que na entrada da sala me disseram: “professora ontem cheguei a casa e fui à “net” ouvir a música que a professora colocou”, e outro que disse de imediato “Professora eu também pedi à minha mãe e estivemos a ouvir a música, e expliquei-lhe a letra”. Isso satisfez-me muito pessoalmente, pois percebi que foi algo que lhes prendeu a atenção e os levou a dar continuidade àquilo que aprendemos para fora da sala de aula.

Penso que a escolha por trabalhar as diferentes áreas curriculares através da música foi algo que se revelou dinamizador e motivador, pois permitiu aos alunos perceberem que através de uma música que achavam que não poderia ter nenhum conteúdo pedagógico, esta se revelou um “terreno fértil” para as aprendizagens, sendo capaz de atravessar as diferentes áreas do conhecimento através da sua exploração. Outro aspeto positivo, é que as músicas por si só, já são motivadoras, e dinâmicas por natureza, devido à melodia conseguem captar de imediato a atenção de quem as ouve, mesmo que não compreendam a sua mensagem, mas pelo próprio ritmo inerente à generalidade das músicas. Esta música não foi exceção, e não só prendeu a atenção dos alunos como ajudou à disciplina na sala de aula, uma vez que era totalmente proibido qualquer barulho acima do volume da música.

A música é composta pelo som, pelo ritmo, pela melodia e pela harmonia, cada um destes elementos tem uma correspondência a um aspecto humano específico, que é mobilizado de uma forma mais ou menos intensa. Assim, o ritmo musical conduz o movimento corporal, a melodia estimula a afectividade e a harmonia contribui activamente para a afirmação e restauração da ordem mental de um sujeito. Quando a música é bem trabalhada consegue desenvolver nas crianças o raciocínio, a criatividade, outras áreas e aptidões que muitas vezes não são desenvolvidas. (Silva, 2012, p.48)

Partindo da música para trabalhar a área do estudo do meio, nomeadamente “Os Astros”, fiquei surpresa com o conhecimento que um dos alunos detinha sobre astronomia. Tendo ele já referido no inquérito feito à turma que esta era uma das áreas pela qual tem mais gosto e a professora cooperante também ter referido que havia um aluno que gostava muito desta temática, nunca imaginei, o real nível de interesse dele e do seu conhecimento pela área.

Partia da BD do Garfield para falar da diferença entre peso e massa, referindo logo a influência que a força gravítica tem no peso, quando o aluno me refere o valor exato da gravidade de terra e como esse é diferente nos outros planetas, daí a resposta do Garfield. Outra situação interessante, foi ele saber qual o número exato de luas que

tinha Júpiter e toda uma série de curiosidades sobre esta temática, que também deixei o aluno partilhar com os colegas para enriquecimento e dinamização da aula, pois ele estava como se num “fervilhar” interno para demonstrar o seu conhecimento sobre o que eu falava, estando constantemente com o dedo levantado para responder e partilhar curiosidades que eram do seu conhecimento.

Em relação à área da Matemática, penso que apesar de eu insistir e insistir sobre o facto de peso e massa serem conceitos diferentes, havia sempre um aluno que por mais correções dizia, “isso pesa mais que aquilo” ou algo semelhante. Acredito que esse fator se deve ao facto de usarmos esse termo de forma muito banal no nosso dia-a-dia, em situações do quotidiano, como ir ao supermercado, onde as pessoas sempre empregam o termo para referir uma determinada quantidade de massa, então por mais que eles tentassem evitar, acabava por ser referido por algum dos alunos. Ainda na área da Matemática, quero frisar a abordagem de uma aluna que afirmava ter uma massa de 28g, porque o médico lhe disse. Quando questionados os alunos sobre o facto de saberem qual a sua massa corporal, ela deu-me essa resposta, que se transformou num ótimo ponto de partida para falar desta unidade de medida (a grama) e compará-la a outras “massas” que tinha levado para a sala, mostrando aos alunos como a unidade referida não era a mais adequada e que tínhamos de ter atenção sempre à medida utilizada de acordo com a massa à qual nos pretendemos referir.

A atividade da medição e de comparação de massas, utilizando uma balança de pratos e outra digital (para casos mais ambíguos), ajudou os alunos a perceberem que a quantidade e o tamanho de uma embalagem não influencia a sua massa, esta pode ser muito grande e ter uma massa menor, algo que eles antes de testarem nas balanças não acreditavam ser verdade e eram sempre influenciados, visualmente, pelo tamanho dos produtos.

Quanto ao estudo do meio, os conceitos de reflexão, refração e sombra, são fáceis de demonstrar mas difíceis de explicar. Por isso parti de vários exemplos práticos para que os alunos percebessem o conceito por detrás da teoria. Dois alunos referiram dois bons exemplos para a temática, o primeiro sobre a refração, dizendo que quando vai à piscina o seu corpo fazia o mesmo que o copo de água com o lápis da experiência que havíamos realizado, o segundo referindo que a sua imagem era refletida sempre que se aproximava de um rio. Foi assim, essencialmente, entre vários exemplos práticos que os alunos iam identificando do seu dia-a-dia que fomos desmistificando a teoria dos conceitos para dar lugar ao conhecimento.

Para terminar, esta semana deu lugar à segunda semana de implementação das minhas atividades para a investigação para o relatório de estágio, para a qual usei o livro *Álbum de famílias* de Rute Agulhas e Susana Amorim. Este livro que aborda quase todo o tipo de famílias que existem, dando lugar a uma exploração detalhada sobre cada uma delas. (Esta análise encontra-se detalhada na análise e discussão dos dados da investigação em 1^oCEB.)

6. Reflexão final da PES em 1ºCEB

Com o culminar de mais uma etapa, neste caso a última etapa da PES do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico, é com nostalgia e de coração cheio que recordo todos os bons e maus momentos destes 2 anos de mestrado.

Foi um caminho longo, que custou a percorrer, mas do qual levo grandes recordações e, essencialmente, muitas aprendizagens. Antes de iniciarmos a PES, sentia que apesar de já ter uma Licenciatura sentia que estava muito “verdinha”, a Licenciatura reunia um plano de estudos que assentava muito na parte teórica tendo existido poucas oportunidades de prática “no terreno”.

Comecei este mestrado sem saber muito bem o que esperar, apenas ouvia colegas dizer o como era difícil, as noites que passavam sem dormir, e não percebia a razão. Hoje, terminado este ciclo, também eu passei muitas dessas noites sem dormir, também prescindi de muitas coisas em prol de uma dedicação efetiva a este momento de aprendizagem mas, agora terminando, encaro esse esforço com orgulho.

Nestes últimos dois anos, essencialmente, aprendi o que era estar do outro lado, deixar de ser a aluna e passar a ser a “professora”, passar a ser a “responsável”, foi difícil aprender a conter tudo o que digo e como digo, passar a ser aquela que deve dar o exemplo, a todo o momento, e não a ser a repreendida, não foi fácil, mas se não mostrarmos aos alunos que somos um exemplo, jamais teremos deles o mesmo respeito.

Penso que educar é isso, colocar os alunos como a nossa prioridade, tentar acordar todos os dias com motivação, para que os consigamos motivar também a eles, e deixar todos os problemas à porta da sala de aula. Aquele é o momento deles e as horas e horas que passamos a planear aulas só temos esperança que produzam boas práticas, que visem a melhoria das suas aprendizagens e os tornem cidadãos responsáveis e sensatos.

Cabe ao professor a função de promover oportunidades equitativas, apoiando-se numa pedagogia estruturada e organizada de forma sistemática e intencional. Esta tem em vista a construção de uma aprendizagem integrada dos alunos. Neste entendimento, a integração do estudante-estagiário num contexto real de ensino, o EP¹, revela-se uma ótima oportunidade para a aquisição destas competências. Ribeiro (2012, p.25)

Mas as aprendizagens e a aquisição de competências práticas e teóricas não seriam possíveis sem as pessoas com quem nos deparamos neste percurso, professores que nos ensinaram a nós, para podermos ensinar os outros, alunos que nos incentivaram a ser melhores, pais que depositar em nós a confiança de educar os filhos, auxiliares que

¹ EP- Estágio profissional

nos ajudam das mais diversas formas, que tornam a nossa prática mais fácil e nos ensinam baseados na sua experiência.

Escrevo esta reflexão, com o sentido de dever cumprido, não foi fácil, houve muitos contratempos e dificuldades no percurso, muitas coisas que podia ter feito melhor e outras que até correram melhor do que esperava. Mas no fundo sinto que foram todas aprendizagens. Só aprendemos a fazer as coisas bem errando e depois tentando de novo, sem desistir. Por vezes, coisas que pensávamos que seriam um sucesso, não o são, e coisas que pensamos que não tinham tanta relevância, tornam-se momentos chave da aula, é preciso refletir sobre isso, perceber a turma e as diferentes personalidades que temos perante nós. Claro, é sempre impossível agradar a todos, mas temos, sempre, de fazer essa tentativa de estimular o máximo possível de alunos para a aprendizagem. É o feedback que recebemos dos alunos que nos incentivam e motivam para as aulas, momentos inesperados e contratempos, que integram qualquer prática docente e que a enriquecem.

Em termos do decorrer da investigação, consegui durante as minhas semanas de implementação realizar todas as atividades que tinha previsto. Algumas, por causa do tempo letivo dado a cada disciplina, ficaram um pouco aquém do que era o meu objetivo. Posto que existe sempre uma pressão muito grande de conseguirmos abordar todos os conteúdos e depois não é possível fazer as atividades planeadas da forma espetável, porque existe um horário a cumprir e, no meu caso, a investigação ocupava praticamente todo o tempo destinado à disciplina do português, sendo difícil, quando não conseguíamos terminar uma tarefa, nesse dia, concluí-la posteriormente.

Em jeito de conclusão, aponto o tempo limitado de realização da PES, associado à vontade de desenvolver/explorar as temáticas recorrendo a estratégias e materiais diversificados e à organização rígida dos horários do 1º ciclo estipulados para as áreas curriculares, como o maior entrave, durante a minha implementação. Estas contingências limitam a flexibilidade e o aprofundamento na implementação das atividades programadas. Senti que no decorrer da PES em educação pré-escolar foi possível “moldar”, flexibilizar e adaptar as atividades de uma forma mais adequada quer para a minha experiência profissional quer para as necessidades das crianças.

Capítulo II - O projeto de investigação no contexto da prática supervisionada

1. Identificação e justificação do tema

A escolha do tema deveu-se a uma preocupação pessoal com a temática da aceitação da diferença, sob a forma de uma tentativa de sensibilização de questões como a discriminação e o preconceito, em relação aquilo que foge à norma da sociedade, nomeadamente a organização de categorias de famílias que não se enquadram no modelo ainda dominante das representações sociais da nossa cultura.

Tendo em conta a nova legislação que consagra a possibilidade de coadoção pelo cônjuge ou união de facto de indivíduos do mesmo sexo (anexo 5) e assistindo-se a uma multiplicidade de novos modelos e conceitos de família, reconheci ser importante trabalhar este tema para que as crianças possam compreender e analisar diferentes realidades familiares, contribuindo para desconstruir o estereótipo associado à representação de um modelo único de família.

Por outro lado, considerando o papel da família no processo de desenvolvimento da criança é importante entender as questões familiares, tendo em conta a forma como aquilo que acontece na família se reflete no trabalho da sala de aula e da vivência do aluno na escola.

Sendo a família durante grande parte da vida ou durante toda a vida o microsistema mais relevante, tal como acontece com a escola, onde as pessoas passam uma grande parte da sua vida, é importante destacar este assunto, pelo papel relevante que essas instituições assumem na educação e na construção das representações dos conceitos e estereótipos nas crianças.

No entanto, a abordagem destes assuntos acarreta algumas dificuldades, pois tratam-se de assuntos complexos e que algumas vezes envolvem a intimidade do aluno. Nasce aqui a escolha da abordagem ao tema através da literatura infantil. A literatura ajuda a generalizar a temática, tornando-a passível de aproximação dos alunos às diferentes realidades através de personagens fictícios.

2. Enquadramento teórico

2.1. O conceito de família

Ao longo da história das sociedades humanas, a organização familiar tem sido uma realidade transversal a todas as culturas mesmo que a sua configuração tenha assumido especificidades de acordo com os contextos históricos, geográficos e socioculturais. “A origem da família está diretamente ligada à história da civilização, uma vez que surgiu como um fenómeno natural, fruto da necessidade do ser humano em estabelecer relações afetivas de forma estável.” (Noronha & Parron, 2012, p.4).

Desde o início do século XIX a família era, de base, constituída por uma mãe e um pai e os seus descendentes, típicas famílias tradicionais nucleares e consideradas durante muito tempo as famílias ideais e a tipologia adequada de uma forma de constituição familiar. “Formed through a combination of marital and blood ties, ideal families consist of heterosexual couples that produce their own biological children”² (Collins, 1998, p.1). A sua descendência era, por norma, numerosa e liderada pela figura paterna, o “chefe” da casa, que estava incumbido da tarefa de sustentar a casa, enquanto a mulher competiam as tarefas domésticas e a criação dos filhos. A família era também vista como uma unidade de produção, sendo que todos os seus elementos representavam “mão-de-obra”, por esta razão privilegiavam-se as famílias numerosas. “Os membros de uma família cooperavam na produção dos recursos necessários à subsistência, abrigo e proteção, construção de instrumentos de trabalho e defesa do exterior” (Ruivo, 1977,p.39). Com a saída das populações dos meios rurais para os grandes centros urbanos, e a obrigatoriedade da frequência escolar, este fator modificou-se, uma vez que as crianças deixaram de representar mão-de-obra e passaram a representar encargos.

Como refere Wall (1995, p.431) “as definições de família e das obrigações familiares, tal como se encontram quer na legislação, quer nas práticas de política social em Portugal têm mudado ao longo do tempo, em resposta a diferentes contextos sociais, económicos e políticos.” Assumir que o conceito de família é muito abrangente e utilizado de diferentes formas conforme a ciência ou a entidade que o utilize é essencial para compreender toda a abrangência por detrás deste termo.

Do ponto de vista antropológico, o termo “família” é utilizado para definir um grupo social originado no casamento, constituído por marido, esposa e pelos filhos (as) provenientes de sua união, configurada a partir de três tipos

² Tradução: Formada através de uma combinação de laços conjugais e de sangue, as famílias ideais consistem em casais heterossexuais que produzem suas próprias crianças biológicas.

de relações: aliança entre o casal (casamento ou legalização conjugal), filiação e consanguinidade. (Lévi-Strauss (1972) cit. in Borsa & Nunes, 2011, p.32)

Mais recentemente, a Organização Mundial de Saúde definiu em 1994 que “o conceito de família não pode ser limitado a laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adoção. Família é o grupo cujas relações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo e um destino comum”. (Ordem dos Enfermeiros, 2008)

De acordo com Alarcão (2006) apesar de existirem múltiplas definições de família, importa sobretudo compreender cada uma delas na dinâmica da sua organização relacional e estrutural que permite que cada família seja una e única.

O modelo de família foi se alterando em consequência de algumas mudanças que foram surgindo e que questionaram o papel de género feminino e masculino. Numerosos autores (Badinter, 1985; Rocha-Coutinho, 2003; De Marque, 2006 cit. in Borsa & Nunes, 2011) referem que os movimentos sociais ocorridos no século XX, entre os quais destacam o feminista, obrigaram a sociedade a repensar as identidades de género e, muito particularmente, o lugar da mulher na família. Esse fenómeno teve como consequência alterações profundas nas configurações da família tradicional.

Esse processo permitiu que na atualidade se verifique “uma valorização da presença do pai na vida dos filhos, sugerindo o aparecimento de uma nova concepção de paternidade que incorpora valores distintos daqueles das gerações anteriores.” (Vasconcelos et al., 2013. p.1)

De acordo com o exposto, a instituição família “ (...) é uma instituição social que varia ao longo da história e até apresenta formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar”. (Prado, 2017, p.8). Como nos refere Dias (s.d. (b)) “O retrato da família não é mais a foto de um casamento.” Hoje em dia, verificamos uma vasta multiplicidade de diferentes tipos de famílias caracterizados por uma temporalidade de mudança, apresentando-se, em geral, muito mais diminutas na sua constituição.

Em Portugal, mesmo que o percurso de transformação da estrutura familiar se tenha afirmado mais tardiamente do que noutros países do mundo ocidental, coincidindo com a mudança social desencadeada pela revolução dos cravos, em 25 de abril de 1974, apresenta-se, no dealbar do século XXI, como uma estrutura em mudança, assumindo múltiplas facetas e configurações. (Pedroso & Branco, 2008)

Atualmente, segundo o artigo 67º, da Constituição da República Portuguesa podemos ler que: “A família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à proteção da sociedade e do Estado e à efetivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros.” Ainda no mesmo documento, no artigo 36º temos que: “Todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade” (anexo 4). Através da legislação é possível inferir que “a partir do 25 de Abril, as mutações do direito de família e das crianças em Portugal passaram a acompanhar as principais tendências de mudança através da sua

universalização/internacionalização/europeização;constitucionalização;desinstitucionalização do direito civil da família”. (Pedroso & Branco, 2008, p.67)

A família resulta, assim, de um conjunto dinâmico e complexo de variáveis³ estruturais intrafamiliares, mas também de realidades extrafamiliares. Assim, a família, nas suas relações com o contexto sociocultural, passa pela evolução que caracteriza de modo significativo o mundo de hoje. Portanto, não pode ser vista fora deste contexto e desta realidade. (Dias, 2000, p.89)

Apontamos algumas dessas variáveis intrafamiliares e extrafamiliares, como a emancipação da mulher, a legalização do divórcio e a desacreditação na instituição “matrimónio”. “Com a evolução da sociedade moderna, a concepção de família fundamentada na matriz cristã, e em especial no mundo mais desenvolvido, começou a desvalorizar a união sacramental entre homem e mulher” (Gomes, 2015, p.13), o que levou a que cada vez mais famílias vivam em uniões de facto ou optem por outros modelos de organização familiar. “Na sociedade moderna verifica-se cada vez mais um aumento de matrimónios de facto, isto é, a convivência entre homens e mulheres, sem que tenha existido algum contrato matrimonial” (Roussel e Bourguignon, 1978 cit. in Dias 2000, p.96). Segundo Dias (2011) Na base das transformações na estrutura e na dinâmica familiares estão, essencialmente, factores económicos, socioculturais e demográficos.

Apesar do século XX ter sido atravessado por múltiplas convulsões sociais e humanas que provocaram o questionamento de valores e comportamentos, a par de uma progressiva consciencialização dos direitos individuais, não estamos perante uma situação de desvalorização do conceito de família nestes novos tempos. Antes pelo contrário, cada vez mais a família é valorizada, consagrada e colocada em primeiro lugar não se anunciando “a sua dissolução, mas a sua readaptação e reestruturação de papéis. A capacidade humana de superar situações difíceis e buscar novas formas de equilíbrio possibilita o ajustamento e estruturação de novos arranjos familiares.” (Martins, 2003,p.214)

“Pode-se entender, assim, a família na pós-modernidade como aquela que faz emergir novas formas de sentido, oriundo das transformações históricas e ideológicas que sofreu”. (Maluf, 2010, p.39)

É importante compreender a amplitude do conceito de família dado este ter diferentes interpretações dependendo da história de cada um, dos vínculos biológicos, estatuto social ou religioso. O conceito de família foi-se adaptando e dando resposta às novas modalidades familiares, sendo esta visão questionadora e sujeita a sucessivas desconstruções da família uma marca da contemporaneidade.

³ Segundo Dias (2000, p.100) Este conjunto de variáveis são de tipo biológico, psicológico, económico, jurídico, moral social, político e religioso, formam um “facto total”, na linguagem de Marcel Mauss. São estas as forças que manterão a instituição familiar ligada a uma construção social, mas também de solidariedade familiar.

“Neste início de século XXI, observa-se que homens e mulheres vêm contribuindo para o estabelecimento de novas formas de relações no contexto sociofamiliar contemporâneo”. (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004 cit. in Borsa & Nunes, 2011, p.35). O homem desempenha diferentes funções e a mulher conquistou a sua independência e maiores direitos de cidadania. Existem atualmente famílias mais igualitárias no desempenho de papéis, definição das responsabilidades e na assunção do poder. (Caniço et al., 2010)

O carimbo atual do conceito de família assenta na valorização da felicidade, do amor e do respeito que existe entre as pessoas que vivem sobre o mesmo teto, sem a necessidade da existência de um pai e uma mãe biológicos para que isso se verifique.

2.2. A família no século XXI: Novos conceitos e múltiplas configurações

“As amarras do casamento tradicional deixaram de existir. Valoriza-se a realização pessoal na procura pela relação e pelas famílias perfeitas”. (Luís,2010)

“Com a valorização da afetividade, as pessoas começam, por um lado, a libertar-se do “guião heterossexual tradicional e dos padrões de hetero-relacionalidade que lhe costumam andar associados”. (Roseneil, 2006: 41)

Na linha do exposto no ponto anterior, compreendemos que “ Falar de família é simultaneamente falar do que sentimos e do que sabemos: do que sentimos uma vez que todos nós temos uma família e cada um de nós é capaz de identificar quais as pessoas a que chama a sua família; do que sabemos dado que, ao longo dos tempos, cada cultura, cada disciplina científica, cada área da sociedade criou a sua própria definição de família originando uma multiplicidade de conceitos, cada um procurando encerrar em si todas as possibilidades de estruturas e funções que a família foi tomando.” Ordem dos Enfermeiros (2008)

O reconhecimento e a afirmação progressiva dos direitos individuais e a conseqüente e progressiva assunção de múltiplas identidades individuais e sociais progressivamente legitimadas pelo poder político e judicial, fez surgir novos conceitos sobre a família que na atualidade é reconhecida como:

Um conjunto diversificado de configurações familiares distintas da família nuclear tradicional e da família de três gerações. Embora muitas dessas experiências, se não mesmo todas, tenham surgido já no passado, e num

passado por vezes até longínquo, a sua existência como configuração familiar social e legalmente aceite é relativamente recente. (Alarcão, 2013, p.204)

Confrontamo-nos atualmente com uma sociedade mais democrática e respeitadora das diferenças individuais (“*open minded*”⁴), que tem permitido que minorias como as famílias homossexuais ganhem visibilidade e se comecem a pronunciar quanto à igualdade de direitos que pretendem atingir e usufruir, sendo sobre esta que se tem debatido mais nos últimos anos e razão pela qual tem ganho maior destaque e relevância. “Na verdade, pessoas *gays*, lésbicas e bissexuais sempre assumiram funções parentais, começando a assistir-se nas últimas três décadas ao fenómeno a que os investigadores apelidaram de *lesbian and gay baby boom*⁵ e que consiste na constituição de famílias lésbicas e *gays* planeadas.” (Leal et al.,2013, p.790)

Esta mudança organiza-se como uma verdadeira (r)evolução relativamente aos conceitos considerados pilares fundamentais da sociedade ocidental e tem permitido em muitos países a legalização da adoção por casais do mesmo sexo, e leis que permitem a procriação medicamente assistida também abrangente a casais do mesmo sexo.

De acordo com Wolff et Moget (2011, p.232,):

Le terme «homoparentalité» désigne des configurations familiales homoparentales diverses où procréation, axes conjugal et parental ne se recouvrent plus: L’enfant né d’une union hétérosexuelle antérieure, l’adoption, le recours aux techniques de procréation médicalement assistée ou encore la co-parentalité constituent les quatre modalités de formations familiales homoparentales⁶.

Existem atualmente 26 países que permitem a adoção entre casais do mesmo sexo, sendo Portugal um destes países, desde o dia 10 de Fevereiro de 2016. Apesar de no nosso país esses casos serem ainda escassos, em outros países essa realidade assume já uma representação significativa. Segundo Costa et al. (2013, p.790) “estimativas comunitárias revelaram que aproximadamente uma em cada cinco lésbicas e um em cada nove homens *gays* assumiam funções parentais, estimando-se que o número de crianças a crescer numa família homoparental se situava entre os seis e os 14 milhões.”

⁴ “*Open Minded*” – termo inglês que designa mente aberta a novas ideias e argumentos.

⁵ Compreende-se como “*lesbian and gay baby boom*” - Advances in gay rights, coupled with increased availability of alternative reproduction techniques and liberalization of legal restraints, have led to an unprecedented increase in the number of openly gay and lesbian parents.(Johnson & O’Connor, 2002, p.1) Tradução: Avanços nos direitos dos homossexuais, juntamente com o aumento da disponibilidade de técnicas de reprodução alternativas e a liberalização das restrições legais, que levaram a um aumento sem precedentes no número de pais abertamente *gays* e lésbicas.

⁶ Tradução: O termo “homoparentalidade” refere-se a várias configurações familiares homoparentais diversas ou à procriação, eixos conjugais e parentais não se sobrepõem: A criança nascida de uma união heterossexual anterior, a adoção, ao uso de técnicas de procriação medicamente assistida ou à co - parentalidade constituem as quatro modalidades de formação familiar homoparental.

(Bryant & Demian, 1994, Patterson, 2002; Patterson & Friel, 2000; Ryan & Martin, 2000).

No entanto, muitos se têm indagado sobre como se processa o desenvolvimento e as vivências de uma criança oriunda de uma família homoparental. Será a criança influenciada pelos pais à homossexualidade? Sofrerá bullying em consequência da sua forma de constituição familiar? Estando esta forma de constituição familiar muito sujeita a atitudes de preconceito, discriminação e homofobia⁷ isso afetará a criança? Ou o seu desenvolvimento psicossocial ocorrerá de forma natural e saudável? Estas são algumas das questões que mais têm sido motivo de debate social entre estudiosos do desenvolvimento humano, grupos religiosos e políticos.

Apesar de estudos já realizados com crianças pertencentes a famílias homossexuais, demonstrar que o seu desenvolvimento ocorre de forma natural e saudável no seio destas famílias, chega-se à conclusão que: “Por muito boas que sejam as interações familiares numa família homossexual, é-lhes impossível controlar as reações externas e colmatar ou atenuar as dificuldades que surjam e o impacto negativo que possam ter nos seus filhos” (Gomes,2013,p.9). Ora, este tipo de situações, tanto é incontrolável para uma família homoparental como para uma qualquer outra forma de constituição familiar. A premissa de que pertencer a uma família homossexual acarreta situações de discriminação para a criança, não pode nem deve ser diretamente correlacionado, pois qualquer criança, mesmo as pertencentes a seios de famílias tradicionais, é exposta a situações de bullying pelas mais diversas razões, também estas incontroláveis pelos seus progenitores heterossexuais.

Numa análise das atas de conferência, da associação ILGA, podemos ler o depoimento de um pai homossexual sobre as questões com que é abordado relativamente à homoparentalidade e o seu parecer perante a situação:

Sempre que referimos a pesquisa em meios não académicos, as perguntas que nos fazem incidem maioritariamente sobre as crianças: quem são? Como vivem? Como lidam com a sexualidade dos pais? Apesar de percebermos a ansiedade e mesmo a genuína preocupação de muitos dos que fazem essas perguntas, não deixamos de nos indignar com a forma como as mesmas questões não parecem inquietar estas pessoas quando se fala apenas de crianças, independentemente das famílias a que pertencem. Respondemos quase sempre dizendo que Os Miúdos Estão Bem, como no filme. Mas a resposta soa sempre muito fácil, muito simples, incapaz de satisfazer a curiosidade dos inquiridores. Para nós, contudo, é muito óbvia. Mesmo assim, damos por nós em rebuscadas explicações para chegar à grande revelação: estas crianças não têm nada de especial, a não ser o facto de serem crianças muito especiais para as suas famílias, como o são (ou deviam ser) todas as crianças. (Lima & Moz, 2013, p.39)

⁷ A palavra “homofobia” significa medo ou rejeição da homossexualidade. (Gomes, 2013,p.21)

Tendo em conta o depoimento e os estudos realizados, podemos apresentar a ideia de que o preconceito está nas pessoas que não compreendem ainda esta nova forma de constituição familiar. No entanto, ela não é implicada na qualidade das relações familiares das crianças.

Uma das maiores falhas que o sistema encontra nas formas de constituição familiar homossexual é a falta de um modelo heterossexual. Podemos perceber que não é só neste modelo de família que isso pode acontecer, há que ter em linha de conta que o mesmo acontece nas famílias monoparentais. (Alarcão, 2006)

A Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013) refere que os dados das investigações têm demonstrado que a qualidade das relações familiares se tem afirmado como uma variável mais importante na construção da identidade e no desenvolvimento da criança do que a orientação sexual parental.

No que diz respeito à construção da identidade de género, que tem subjacente a sua compreensão através de vivências com modelos de referência, a criança poderá construí-la através das suas relações sociais alargadas, uma vez que os modelos de feminino e masculino não se restringem apenas às figuras físicas de pai e de mãe.

As famílias homossexuais são uma novidade ainda rara nas escolas portuguesas, e um pouco ainda por todo o mundo. No entanto, temos muitos outros casos de situações familiares mais antigas que carecem de uma atenção especial, uma vez que as alterações nos momentos de transição familiar se refletem no desempenho escolar dos alunos. Mencionamos assim as famílias divorciadas, separadas, reconstituídas, monoparentais e de adoção.

Se atualmente é debatida a forma com as crianças oriundas de famílias homossexuais se integram na sociedade e nas escolas, e como ocorre o seu desenvolvimento psicossocial, outrora a temática divórcio e separação também gerou grande preocupação e motivo de debate. Perspetivou-se que iria também ser o fim das famílias e não uma reorganização da sua constituição. Falamos do tempo dos nossos avós em que o assunto divórcio era tabu, e se especulava, igualmente, sobre o desenvolvimento das crianças que daí advinham. Atualmente, sabemos que o seu desenvolvimento ocorre de forma natural, e falar em divórcio nos dias de hoje, apesar do pesar sentido no seio da família que o ultrapassa, socialmente é um assunto quase banal e que todos sabemos que apesar de afetar a criança emocionalmente, reação normal a uma rutura, isso não está diretamente relacionado com os outros fatores do seu desenvolvimento.

O tempo mostrou que não foram o fim da família, mas parte do processo de transformação desta instituição social em permanente mudança. A naturalidade com que se fala hoje em dia do divórcio não nos remete para o significado negativo e a preocupação com que o tema era abordado há três décadas em Portugal. (Lima & Moz, 2013,p.38)

Daqui a três décadas ou até menos, espera-se que estas questões relacionadas com as famílias homoparentais tomem o mesmo caminho dos casos de divórcio e sejam encaradas com a normalidade que lhe devia ser própria. “Uma sociedade que se quer aberta, justa, livre, pluralista, solidária, fraterna e democrática, não pode conviver com tão cruel discriminação, quando a palavra de ordem é a cidadania e a inclusão dos excluídos.” (Dias, s.d. (b))

Abordar com seriedade e objectividade este tema na escola e junto das crianças mais novas pode ter um contributo fundamental na compreensão e aceitação da diferença como algo inerente ao ser humano. Não podemos esquecer-nos que de acordo com a lógica organizativa da sociedade actual, a escola assume um papel imprescindível na construção dos valores e das atitudes dos indivíduos.

Podemos sustentar que vivemos num mundo de famílias heterogéneas. Atualmente falar-se em direito das famílias obriga a integrar nesse conceito múltiplas configurações que têm como elemento central e agregador o comprometimento mútuo com as relações, com o cuidado às crianças e o suporte afetivo. (Dias, s.d. (a))

Tornou-se necessário que estas questões sejam progressivamente aceites para que, nomeadamente, aos pais homossexuais possam ser dadas “tréguas sociais” que lhes permitam usufruir de uma plena experiência de parentalidade positiva, sem o pesar de olhares discriminatórios sobre si, enquanto disfrutam da plenitude dos seus direitos.

Cruz (2009) cit in Teixeira (2014,p.13) descreve o conceito de parentalidade positiva como as condições necessárias para que as crianças possam desenvolver as suas capacidades de forma o mais completa possível, internamente e externamente à família. Desta forma, é necessário construir e estabelecer um contexto de aprendizagem positivo, seguro, estimulante, afetuoso e responsivo. Como ainda, supervisionar o comportamento da criança e cuidar de si mesmo como pessoa.

De acordo com Gomes (2013) o facto das famílias homoparentais se confrontarem com reações sociais ainda adversas e estigmatizantes pode ter como consequência a vivência de conflitos intra e interindividuais que se traduzem em *stress* parental. No entanto, o *stress* parental não se encontra apenas associado às famílias homoparentais, ele está presente em qualquer família, uma vez que hoje em dia se exige que ambos os progenitores sejam ótimos tanto no exercício da prática profissional como o de cuidadores da família. Este é atualmente um dos maiores problemas das famílias contemporâneas atendendo que conciliar a família com a profissão é difícil. Esta constatação deve ser ponderada na definição dos sistemas de apoio e na organização política e social já que essa variável se constitui como um importante suporte motivacional na concretização do papel parental e na assunção das responsabilidades com ele associadas. (Nunes, 2015)

A família é o local onde cada indivíduo se insere, sendo neste contexto que a pessoa se inicia na socialização que o levará à articulação com a comunidade. “Ela tem, portanto, um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos

indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais”. (Dessen & Polonia, 2007, p.22) É no seio familiar que se inicia a transmissão de valores, costumes e tradições, sendo um local de aprendizagem não formal muito importante na construção do carácter e das aprendizagens ao longo da vida.

A pluralidade, dinâmica e complexidade dos movimentos sociais (multifacetários) contemporâneos trazem consigo, por óbvio, a necessidade de renovação dos modelos familiares até então existentes. Os casamentos, divórcios, recasamentos, adoções, inseminações artificiais, fertilização in vitro, clonagem, etc., impõem especulações sobre o surgimento de novos status familiares, novos papéis, novas relações sociais, jurídicas e afetivas. (Farias & Rosenvald, 2010,p.4)

2.3. Tipos de famílias

As famílias são constituídas das mais diversas formas, não existe já um pai e uma mãe como base de uma família sólida, hoje, temos perante nós um vasto leque de novas situações familiares que é importante compreender, para que também as crianças que se inserem nessas situações familiares sintam na escola e na sociedade em geral, respeito e reconhecimento do seu modelo familiar. O ambiente familiar é um local onde deve existir harmonia, afetos, proteção e todo o tipo de apoio necessário na resolução de conflitos ou problemas de algum dos membros. São as relações de confiança, segurança, conforto e bem-estar que proporcionam a unidade familiar.

Os diferentes tipos de família são entidades dinâmicas com a sua própria identidade, compostas por membros unidos por laços de sanguinidade, de afetividade ou interesse e que convivem por um determinado espaço de tempo durante o qual constroem uma história de vida que é única e irreplicável. (Giddens, 1999; 2004; Amaro, 2006: 71; Alarcão & Relvas, 2002 cit in Dias 2011, p.143)

Identificamos, em seguida, os mais destacados tipos de famílias existentes na actual sociedade e que analisamos junto das crianças no contexto do presente estudo:

1-Familia tradicional nuclear – parte de uma primeira união entre o homem e a mulher, de onde surgem, depois, os filhos. “Também designada de família simples. Classicamente, é-lhe atribuída grande estabilidade, de facto, tradição ou sociedade”. “Cada membro tem um papel pré-estabelecido de dentro da sociedade, consoante o género ou faixa etária, conservador no tempo e atitude”. (Caniço et al., 2010, p.36) Até meados dos anos 50 do passado século, o pai era considerado único responsável pelo sustento da família, enquanto a mãe responsabilizava-se por todas as atividades referentes ao lar e à família. Esse modelo de organização familiar permanece até hoje em muitos contextos, porém, trata-se de um cenário que vem sendo modificado pelas

transformações que a família vem sofrendo ao longo do tempo (Lamb, 1975; Parke, 1998; Crepaldi et al., 2006 cit. in Borsa&Nunes, 2011, p.35).

2-Família monoparental – composta por apenas um dos progenitores: pai ou mãe. Os motivos que possibilitam este tipo de estrutura assentam em causas como: morte, abandono, divórcio, separação ou por opção (Ex: adoção solteira). “A entidade monoparental, pode advir do abandono do lar, da morte de um dos cônjuges, ou de ser uma mãe solteira que decidiu ou que teve que cuidar sozinha das crianças, como também uma adoção unilateral por pessoa solteira, ou seja, há a ausência do outro progenitor.” (Silva, 2016, p.33)

3-Família Ampliada ou extensa – Consiste na família nuclear, mais os parentes diretos ou colaterais, existindo uma extensão das relações entre pais e filhos para avós, pais e netos, tios e sobrinhos; “A família ampliada ou extensa é aquela formada por parentes, no qual, a criança tem vínculo de afetividade e afinidade, como por exemplo, a criança que vive com os avós ou tios.” (Silva, 2016, p.12).

4-Família Numerosa- Neste tipo de família incluem-se as famílias, em que os progenitores têm três ou mais filhos. Algumas destas famílias, quando mais desfavorecidas, necessitam de ajuda externa e de apoios económicos. “Trata-se de uma família que exige apoio social e grande versatilidade dos cuidadores (pais, avós ou outros) quer devido ao número de crianças e jovens que habitualmente é elevado, quer às diferentes exigências de cada grupo etário” (Caniço et al., 2010, p.20)

5-Família Homossexual – constituídas por um casal homossexual formado por dois homens ou duas mulheres e os filhos. Alguns destes casais têm as suas famílias tendo em conta relações anteriores heterossexuais. “Após a separação com prole, o pai ou a mãe que tem a guarda dos filhos resolve assumir sua orientação sexual e passa a viver com alguém do mesmo sexo”. (Dias, 2005, p.52) Outras formas de formação destas famílias são com recurso a barrigas de aluguer, adoção, ou fertilização *in vitro*, recorrendo a bancos de esperma, no caso dos casais lésbicos.

6-Família reconstituída ou reconstruída - Constituídas pela família de origem do primeiro casamento ou união de facto e a família do novo companheiro, com ou sem descendentes de relações anteriores. “Para estas famílias tem sido usada a expressão famílias reconstruídas, pretendendo-se com a palavra reconstruída dar ênfase à «destruição» familiar anterior” (Gameiro, 1997, p.19) “Aquilo que, desde, cedo, é específico nas famílias reconstituídas é o facto de, na atual configuração, existirem pessoas que, num passado mais ou menos próximo, tiveram outras famílias (nucleares, entenda-se), em parte agora reunidas neste novo sistema.” (Alarcão, 2006, p.206). A maioria dos casos existentes de famílias reconstituídas deve-se a divórcios, separações ou viuvez. “A situação que ocorre com mais frequência, será uma mulher com filhos de um relacionamento anterior que passa de um período de monoparentalidade, para uma situação em que volta a ter um homem que poderá ou não ter filhos”. (Teixeira, 2014, p.16) “Novas figuras aparecem como atores suplementares na cena familiar, que

impõe uma nova forma de intervenção. Os novos pais aparecem na maioria das vezes não como pais mas como amigos” (Gomes, 2015, p.19)

7-Família adoção- Constituída por um pai e uma mãe, dois pais, duas mães, ou um pai ou uma mãe, e pelo filho/ filhos, sem laços consanguíneos, fruto de um processo de adoção. “As famílias adotivas caracterizam-se hoje, na sua maioria, pelo facto de acolherem no seu seio crianças e adolescentes que não têm laços de sangue com aqueles pais, mas que lhe estão ligados por laços afetivos e legais.” (Alarcão, 2006, p.220). “Nestas famílias, podem co-habitar filhos biológicos. A impossibilidade de descendência biológica pode ser a motivação para a adopção, ou esta ocorrer após um luto de um filho. Por outro lado, a adopção pode significar um desejo por si só.” (Caniço et al., 2010, p.29)

8-Família institucional – Constituída por crianças que vivem em instituições, com outras crianças e adolescentes, com um corpo diretivo e administrativo e auxiliares (cuidadores) que se responsabilizam pelo seu bem-estar e com os quais criam laços familiares vinculativos. Bowlby (1981, 1984, 1998 cit. in Pinhel et al., 2009, p.509) ” Definiu vinculação como um sistema inato de comportamentos de aproximação do bebé às figuras cuidadoras, no sentido de adquirir a protecção de que necessita. Resultante de uma propensão biológica inata para o desenvolvimento de laços afectivos “. Normalmente fazem parte deste leque de famílias crianças que foram retiradas aos pais por não terem condições de as criarem, por motivos de maus tratos, abusos sexuais, falta de condições socio emocionais ou incumprimento dos direitos legais impostos nos direitos das crianças. Outros episódios estão relacionados com situações de rejeição ou de abandono pelos progenitores que as entregam às instituições ou a casos de crianças órfãs.

Além da tradicional estrutura familiar denominada nuclear, as transformações sociais e culturais, proporcionam a existências de diferentes estruturas familiares. A família não é mais a mesma que de há uns séculos atrás, a sua forma e estrutura têm mudado substancialmente. Apesar de algumas das representações familiares aqui retratadas já existirem há décadas, e não fazerem parte das “novas famílias”, como o caso das famílias de adoção e de instituição, estas foram aqui representadas por terem feito parte da literatura integrante da investigação e serem também muito importantes quando o contexto a perscrutar é a família, uma vez que estas constituem duas das formas mais antigas do desenvolvimento das crianças fora da família nuclear biológica.

2.4. O papel da literatura infantil na desconstrução de estereótipos em contexto escolar

“Se a leitura tem seu papel na escola e na sociedade, ela tem também seu papel na formação do indivíduo atuante e transformador da realidade social”. (Silva, 2009, p.145)

Nem sempre a literatura infantil foi considerada um género literário. Em tempos quando as crianças eram criadas em casa e a escolarização ainda não era acessível a todos, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, não existindo uma preocupação na compreensão das suas características desenvolvimentais e, em consequência, em criar materiais e estratégias pedagógicos adequados à sua especificidade. Essa situação era extensível à literatura, não existindo um estilo literário adaptado aos interesses e necessidades das crianças. Apenas no início do século XIX, mas apenas em grupos culturais e sociais muito restritos, começou a ser respeitado o estado de infância tendo por base a compreensão das diferenças entre a criança e o adulto. A esse propósito Brites & Cássia (2012, p.184) afirmam que “A criança não deve ser vista como um adulto em miniatura mas como ela própria, um ser social único, singular e particular, que ao longo da sua história se vai construindo e reconstruindo.”

No entanto, de acordo com Silva (2009) a literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), justamente com a função de educar moralmente as crianças. “As histórias tinham uma estrutura maniqueísta, a fim de demarcar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. A maioria dos contos de fadas, fábulas e mesmo muitos textos contemporâneos incluem-se nessa tradição.” (Silva, 2009, p.138)

François Fenélon, sacerdote, escritor e educador francês, foi o primeiro a escrever um livro que envolvia uma finalidade educativa, por detrás de fábulas. *Dialogues des Morts*⁸, publicado em 1712, foi a primeira obra do escritor e educador a ter isso em consideração. A partir daí, percebidas as necessidades educativas especiais para os “mini” adultos, foram surgindo outros autores que se preocuparam em escrever para

⁸ “Este trabalho, como a maioria dos fenelon's, foi escrito para a educação do duque de Borgonha. O famoso moralista escreveu estes *Dialogues* de acordo com as suas necessidades: às vezes corrigir de forma dotada e amável os defeitos de carácter do aluno, outras afirmar nele o que era bom e ótimo; às vezes, por fim, insinuar-lhe, por meio de instruções familiares ao alcance de sua idade, as máximas mais sublimes da boa política e moral. Enquanto ele formou o seu gosto, o seu coração e a sua mente, ele, ao mesmo tempo, ensinou-lhe a fábula e a história com os personagens dos grandes homens da antiguidade. Ao unir os preceitos e os exemplos, ele pintou a sua virtude de uma maneira sensível e interessante, e mostrou que ela não é apenas bela e amável na especulação, mas que a prática não é tão boa acima da força do homem, e é só por isso que um rei deve alcançar a verdadeira glória.” La rédaction (2013) [Traduzido do texto original em francês].

este público. "Com obras facilmente aceitas pelas crianças, os autores Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm, Charles Perrault foram precursores de grandes trabalhos." (Sharf, 2000, p.16)

Atualmente, a maioria dos livros infantis são narrativas construídas com recurso a texto e a ilustração, assumindo esta última componente um papel de relevo, podendo, por si só, contar uma história que pode ou não ter a mesma interpretação do texto que a acompanha (Cademartori, 2017). Para uma criança que ainda não tem domínio da leitura, ajuda a desenvolver a sua criatividade e a sua imaginação, partindo do visual para os desafios da sua cognição. "Ambos são textos autônomos que se interpenetram, enriquecendo o jogo de significações da leitura, são duas formas de produção cultural que veiculam em diferentes códigos." (Queiroz, 2007, p.28)

De acordo com vários autores (Azevedo, 2006; Sharf, 2000; Abramovich, 1991) a leitura e análise de livros infantis é um processo essencial para potenciar os níveis de literacia, a compreensão das estruturas linguísticas, o gosto pela leitura mas, não menos importante, para a criança iniciar um percurso de descoberta e compreensão do mundo nas suas múltiplas "paisagens" e perspetivas.

A escola oferece a muitas crianças o primeiro contacto com produtos culturais de qualidade, nomeadamente o conhecimento de livros infantis. Nesse sentido a escola ocupa um lugar de destaque na construção de conhecimentos sobre o diverso e o plural. De acordo com Coelho (cit. in Gonçalves, 2000, p.16) "ela é o espaço privilegiado onde serão lançados desafios que abrirão a mente das crianças facilitando a aprendizagem.

Na equação de desenvolvimento da criança, outro elemento fundamental e estruturante na construção do conhecimento, dos valores e atitudes é a família, pelo que é fundamental estabelecerem-se pontos de contacto e articulação entre a escola e a família. "O ponto de encontro da relação família-escola é o educando, cuja pessoa constitui a razão de ser desta relação, reputada de vital, pois incide em cada uma das dimensões perfectíveis do ser humano". (Diez, 1994, p.89)

Neste processo, é fundamental reconhecer que cada família tem um certo grau de liberdade para poder transmitir os seus próprios valores culturais e sociais e, nesse sentido, a escola deverá providenciar experiências de aprendizagem que respeitem uma interligação construtiva entre diferentes realidades, culturas e identidades, reforçando o papel da escola e da literatura infantil na construção de conceitos e representações sobre um mundo plural e diverso.

A escola e os professores devem indicar, sugerir e trabalhar bons livros com os alunos, que os ajudem a compreender a sociedade em que se inserem e os aproximem das suas realidades. "Ler não é só ponte para uma tomada de consciência, mas também um modo pelo qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo." (Sharf, 2000, p.43)

A contemporaneidade trouxe consigo a temática das novas famílias; analisar estas questões é agora um marco ainda mais importante de ser trabalhado e educado nas

escolas do que era há umas décadas atrás, em que as situações não eram tão evidentes e muito excepcionais. Apesar de num percurso longitudinal do ser humano sempre terem existido diferentes tipos de família e não obstante ainda hoje algumas das configurações analisadas na nossa pesquisa constituírem a minoria, consideramos que os professores não se podem alhear dessa realidade, podendo ajudar as crianças a construir representações sociais apoiadas em conhecimento múltiplo e rigoroso. Partilhamos com Brites & Cássia (2012) a ideia de que as competências e a organização do pensamento não são predeterminadas por factores genéticos, sendo fortemente condicionadas pelas vivências e interações com o contexto sociocultural em que o sujeito se insere.

A literatura trabalhada em contexto de sala de aula deve adaptar-se às mudanças que se vão fazendo sentir no nosso país, aquando da legalização e da atribuição de direitos a estas minorias. É assim, importante alertar as crianças precocemente para o facto de as famílias serem formadas das mais diversas formas, para que sejam abolidos factores negativos da vivência social como a discriminação, a exclusão e o preconceito, trabalhando em prol de uma educação inclusiva. Kimberley Reynolds (2005) cit in. Azevedo (2015, p.14) assinala que “a simples utilização da expressão “ser membro da família” ou “pertencer à família” acarreta a imediata conotação de que se faz parte de um determinado grupo, independentemente das eventuais relações de natureza biológica.”

Ainda que a literatura infantil seja uma ótima ferramenta de trabalho para a abordagem destas temáticas, as obras que as narram ou analisam são ainda escassas em Portugal.

There is a increasing recognition in contemporary children's fiction that texts must be revelant to the children's who does not experience the classic, idealised nuclear family, and there are many texts that adress divorce, abuse, homelessness, and other socially-aware thems that constrast with the cosy nuclear family ideal, that ideal remains fundamentally intact⁹. (Alson, 2008)

Em 2008, Alson, em Inglaterra referia a falta de obras que existiam que saíssem do contexto da família nuclear; em 2015 Azevedo, diz-nos que:

Olhando para a produção editorial publicada em Portugal que tem como público-alvo as crianças, verifica-se que são ainda pouco frequentes as obras nas quais se questiona o modelo nuclear de família ou se equacionam outros modelos no âmbito dos quais as crianças podem ser socializadas e protegidas. (2015, p.15)

⁹ Tradução: Há um reconhecimento crescente na literatura infantil contemporânea de que os textos devem ser relevantes para as crianças que não experimentam a família nuclear clássica idealizada, e há muitos textos que abordam o divórcio, abusos, sem abrigo, e outros aspetos socialmente conscientes que se relacionam com o ideal acolhedor da família nuclear, esse ideal permanece fundamentalmente intacto.

Atualmente, em Portugal, a situação não difere muito da retratada por Alson, em 2008. Tendo sido a impulsionadora do retrato das questões da família dirigido ao público infantil em Portugal, Manuela Bacelar publicou, em Fevereiro de 2008, “O livro do Pedro”, a primeira obra infantil que retratava a família homoparental. Esta obra “é um bom exemplo de que uma narrativa pode assumir um papel relevante na compreensão e aceitação por parte das crianças da diversidade da identidade de género e da conseqüente multiplicidade de modelos de família.

A literatura infantil serve como um suporte de aproximação à realidade e experiência das crianças oriundas de famílias não tradicionais, educando, ao mesmo tempo, as restantes na aceitação da diversidade.

Por sua vez, “o educador desempenha o papel de mediador quando ele desperta o aluno para o que acontece à sua volta, promovendo o sentido crítico e o conhecimento através de debates, trabalhando o lado crítico dele, envolvendo-o por meio de textos orais e visuais, com temas atuais que promovam debates em sala de aula.” (Pinto, Damasceno & Silva, 2015, p.10)

Dada a dificuldade, por vezes, de dar início a um diálogo em torno destes assuntos, a literatura infantil é um recurso valioso para desmistificar e simplificar a situação junto dos mais pequenos. (Gaspar,2013)

A revisão de literatura efetuada permite-nos afirmar que a literatura infantil quando utilizada em contexto escolar permite abordar temas complexos de uma forma lúdica ou simbólica, promovendo uma compreensão ajustada de realidades sociais diversas.

3. Definição da questão problema e objetivos da investigação

•**Temática:** “Novas configurações familiares”

•**Problema:** O conceito de família na sociedade atual

•**Questão-Problema** – Pode a literatura infantil organizar-se como um recurso pedagógico válido para a desconstrução de estereótipos de família tradicional?

Ao longo da história do Homem, a família foi assumindo diferentes configurações, organizando-se contudo, como um sistema de suporte à sua sobrevivência e desenvolvimento.

Depois de, ao longo do séc. XX, ter afirmado o primado de família nuclear, tem progressivamente assumido configurações múltiplas que alteram o conceito de família tradicional.

Atualmente, as famílias são constituídas das mais diversas formas, não existe já um pai e uma mãe como base de uma família sólida, hoje, temos perante nós um vasto leque de novas famílias que é importante compreender, para que também as crianças que se inserem nessas situações familiares possam ter um desenvolvimento harmonioso.

Foram por isso objetivos da minha investigação:

- Promover nas crianças o conhecimento de diferentes tipologias de família tendo em vista a desconstrução do estereótipo de família tradicional;
- Implementar atividades pedagógicas que promovam a desconstrução do estereótipo de família tradicional com recurso à literatura infantil;
- Avaliar o impacto das atividades pedagógicas implementadas nas conceções das crianças acerca da família.

4. Metodologia

4.1 Procedimentos metodológicos

A investigação em educação é um elemento chave para o desenvolvimento de competências pedagógicas essenciais para dar resposta aos problemas identificados nesse contexto. Neste sentido, o meu projeto organizou-se como uma planificação de intervenção pedagógica que visou dar resposta à necessidade de ampliação do conceito de família.

Através da investigação qualitativa, pretendeu-se interpretar de uma forma rigorosa o observado, sendo que os principais objetivos deste tipo de investigação são a observação, a descrição, a compreensão e a análise dos significados. Não existindo hipóteses pré-concebidas, foi definida a questão problema e os objetivos orientadores.

Bogdan & Biklen (1994) cit. in Craveiro (2007,p.203) consideram que esta abordagem permite descrever um fenómeno em profundidade através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos pois, nestes estudos, há sempre uma tentativa de capturar e compreender, com pormenor, as perspetivas e os pontos de vista dos indivíduos sobre determinado assunto. Pode-se dizer que o principal interesse, destes estudos, não é efetuar generalizações, mas antes particularizar e compreender os sujeitos e os fenómenos na sua complexidade e singularidade.

A investigação qualitativa surge a partir da recolha, análise, descrição e interpretação dos dados. Com base neste tipo de investigação, a metodologia utilizada baseou-se na investigação-ação, esta metodologia caracteriza-se pela sua incidência nas duas vertentes que lhe dão nome, a parte investigativa da problemática a estudo e

a ação sobre essa investigação. Segundo Fernandes (2006, p.4) Esta “desenvolve-se numa espiral de ciclos de planificação, ação, observação e reflexão”.

Segundo Cardoso (2014) cit in. Menezes & al. (2017, p.21) a investigação-ação é um processo levado a cabo pelas pessoas que estão envolvidas numa situação particular; decorre no local da ação, tendo subjacente problemas do quotidiano profissional; tem em vista a melhoria de uma determinada situação, tendo subjacente o diagnóstico de um problema que se pretende modificar; implica uma estratégia reflexiva, em que o investigado reflete sobre a ação antes e depois, numa visão integrada da teoria e prática.

Este tipo de investigação segundo Sousa (2012, p.35) “Trata-se, portanto, de um trabalho de coautoria, ou seja, o investigador é coautor com os sujeitos participantes, não existindo apenas um investigador, mas um investigador coletivo constituído por todos os sujeitos que contribuem para a investigação”.

Associar a Investigação-ação à prática educativa do professor significa, tomar consciência das questões críticas relativas à aula, criar predisposição para a reflexão, assumir valores e atitudes e estabelecer congruência entre as teorias e as práticas. (Matos, 2004 cit. in Fernandes, 2006, p.9)

Segundo Coutinho & al. (2009, p. 376) A investigação-ação, mais do que uma metodologia, tende a afirmar-se como um *modus faciendi*¹⁰ intrínseco à atividade docente e ao quotidiano daquelas instituições educativas que pretendem acompanhar os sinais dos tempos, comungando com as naturais vicissitudes da realidade do mundo em vez de se colocarem na cómoda posição de entidades detentoras de um saber que se vai revelando artificial e envelhecido ao deixarem-se ultrapassar por outros saberes mais mundanos mas, quem sabe, mais refletidos, mais concretos, mais significantes e mais próximos do homem novo.

4.2. Procedimentos éticos e legais

As preocupações de natureza ética não devem centrar-se apenas nos aspetos relacionados com a implementação do estudo (tais como a questão da segurança dos/as participantes e da relação entre participantes e investigadores/as), mas deverão abranger as diferentes etapas inerentes à realização de um estudo (desde o seu planeamento/desenvolvimento, implementação, análise e disseminação dos seus resultados). (Clark & Walker (2011) cit. in Caridade, 2017, p.40)

¹⁰ Termo latim que significa “modo de agir” ou “modo de fazer”

Com a finalidade de respeitar todos os procedimentos éticos e legais decorrentes da pesquisa investigativa foi entregue, num primeiro momento, à professora cooperante um documento explicativo sobre a temática, objetivos e atividades que pretendíamos implementar junto do grupo de crianças. Nesse documento, baseado na pré-proposta entregue aos serviços administrativos do IPCB para validação do projeto, estavam explicitados todos os momentos de implementação da investigação e a fundamentação sobre a qual esta se demonstrava relevante para a prática.

Após a validação do projeto pela professora cooperante foram entregues os respetivos pedidos de autorização juntos dos órgãos administrativos e dos encarregados de educação dos alunos, informando sobre o estudo e pedindo a autorização para a recolha de dados no âmbito da realização do Relatório de Estágio (apêndice f).

Após a validação de todas as autorizações, por parte dos encarregados de educação e das entidades responsáveis, procedeu-se à investigação.

Considerando o facto de que as crianças não têm condições de autorizar ou recusar a sua participação nas pesquisas, é necessário recorrer à mediação com os pais com vista à autorização para que elas sejam sujeitos de investigação. No entanto, mesmo com autorização, outros problemas éticos permanecem: como tratar os nomes e os rostos das crianças?; coloca-se o nome verdadeiro ou falso?; e as fotos e as filmagens, quem autoriza? (Cerisara 2004, p.50 cit in Afonso, 2015, p.94).

Tratando-se de um estudo que envolve o íntimo familiar de cada uma das crianças, foram retirados os nomes dos dados, coberta a cara das crianças nas fotografias, e colocadas letras aleatórias em substituição do nome das crianças nas notas de campo e nos registos gráficos.

Para a realização das entrevistas, aos professores cooperantes, foi construído um guião (apêndice g) que pretendeu legitimar a entrevista e motivar os entrevistados, fornecendo a informação sobre os pontos em que assentava o estudo. As respostas dadas pelos entrevistados foram validadas por estes, a fim de poderem ser colocadas no RE.

Os questionários realizados aos encarregados de educação pretenderam identificar a sua opinião sobre a temática em estudo e perceber o seu nível de conhecimento e a sua opinião em relação à mesma. Para isso foram enviados a todos os encarregados de educação os inquéritos por questionário realizados de uma forma simples e direta, de forma a manter o interesse e a atenção do inquirido (apêndice h). Dos 29 questionários entregues, apenas um encarregado de educação não facultou a sua entrega por razões de ausência da criança da escola, o motivo foram férias antecipadas. Os resultados dos questionários foram representados e analisados através de técnicas de representação gráfica para facilitar a interpretação dos mesmos.

4.3. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

➤ **Notas de Campo**

As notas de campo incluem registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, das pessoas (retratos), suas ações e interações (trocas, conversas), efectuados sistematicamente, respeitando a linguagem dos participantes nesse contexto (Spradley, 1980 cit. in Máximo-Esteves (2008, p.88). São relatórios que descrevem experiências e observações que o pesquisador teve ao participar de forma intensa e envolvida. (Emerson et al., 2013, p.362)

As notas de campo englobam também os dados recolhidos junto do «Par Pedagógico» e da professora cooperante, aquando das sessões de reflexão, que ocorreram no final de cada intervenção diária/semanal. “Através delas, o professor vê, ouve, experiencia e medita sobre o que acontece à sua volta. (Bogdan&Biklen, 1994; cit. in Máximo-Esteves, 2008, p.88)

➤ **Inquérito por questionário aos encarregados de educação;**

O inquérito por questionário segundo Quivy (1998, p.20) “consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse aos investigadores.”

Este instrumento foi utilizado para recolher informação dos encarregados de educação. As questões formuladas para o questionário são de resposta fechada, simples, específicas e tecnicamente precisas. A opção pela auscultação de opinião destes intervenientes fundamenta-se no papel primordial que eles desempenham na formação pessoal e social do ser humano. É no seio da família que a criança começa a construir as suas concepções, valores e atitudes que irão guiar a sua interação com o mundo. Nesse sentido o questionário tem os seguintes objetivos: a) identificar os conhecimentos que os pais têm acerca da temática analisada na nossa investigação; b) identificar a partilha e exploração de livros infantis que abordem essa temática em contexto familiar, c) conhecer a opinião dos encarregados de educação sobre o papel da escola na desconstrução do estereótipo de família tradicional (apêndice h).

➤ **Evidências realizadas pelas crianças/ alunos (jogo sócio dramático e desenhos)**

As evidências baseiam-se tanto nas observações como nos resultados das atividades implementadas. Serão usadas como elemento de interpretação e avaliação da apreensão dos temas ou assuntos abordados durante a implementação, usando as como dados relevantes para apoiar a resposta a questão problema.

➤ **Entrevista aos professores cooperantes**

A entrevista para Ribeiro (2008,p.13) “é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores”.

Para a entrevista foi realizado um guião de entrevista que pretendeu legitimar a entrevista e motivar os entrevistados, fornecendo a informação sobre os pontos em que assentava o estudo (apêndice g).

As entrevistas foram gravadas em suporte áudio e posteriormente transcritas para papel. O protocolo pós-entrevista foi enviado para os professores cooperantes, antes de publicado para que verificassem se tudo se encontrava em conformidade com o estipulado. Por fim, procedi à categorização e análise de conteúdo das entrevistas.

Ao longo deste processo, respeitei os procedimentos éticos, garantindo o consentimento informado para registo escrito.

➤ **Registo audiovisual**

O registo audiovisual foi utilizado na investigação como ferramenta de recolha de dados das atividades realizadas pelos alunos, e para recolher depoimentos da opinião dos alunos em relação ao que é para eles uma família, antes da implementação das atividades e após a sua realização, sendo utilizado como instrumento de análise para verificar se ocorreu uma mudança conceptual em relação ao conceito de família que os alunos detinham anteriormente.

Pensar el uso del vídeo como herramienta de investigación y como parte de un currículo que busque acercarse a la realidad a través de sus imágenes y de los recursos técnicos, estéticos y expresivos que ofrecen los medios audiovisuales, en particular el vídeo, requiere considerar a la imagen no solo como instrumento para almacenar, comprobar y verificar datos, sino como objeto y estrategia de investigación que posibilita el análisis y la reconstrucción de la realidad, así como diferentes lecturas de la misma. (Gil, 2011, p.3)

4.4 Técnicas de análise e tratamento de dados

➤ **Análise de Conteúdo**

Segundo Bardin (1977, p.42) o termo análise de conteúdo designa-se por um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos, e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo pretende complementar a investigação através da análise dos dados recolhidos. Para Mozzato & Grzybovski (2011, p.734) “em qualquer técnica de análise de dados, os dados em si constituem apenas dados brutos, que só terão sentido ao serem trabalhados de acordo com uma técnica de análise apropriada”. A técnica escolhida foi utilizada na análise de todo o material resultante da investigação, nomeadamente entrevistas, desenhos, fotos, gravações e vídeos relevantes para a avaliação dos resultados. A partir dos dados “brutos” recolhidos foi possível fazer uma interpretação pertinente depois de espremeida a informação relevante para a investigação.

➤ **Triangulação de dados – Triangulação Metodológica**

A triangulação é uma abordagem metodológica que requer um desenho de pesquisa, cujo desenvolvimento pode contar com técnicas de recolha de dados diferentes, tanto com instrumentos para a pesquisa quantitativa quanto para a pesquisa qualitativa ou ainda mobilizando instrumentos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa. Ela tem-se mostrado competente porque permite coletar informações a partir de fontes, espaços e tempos diferentes. Pode ainda triangular teorias e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. (Figaro,2014, p. 130)

No final da implementação e fazendo uso da técnica de triangulação de dados analisamos, de uma forma integrada e comparativa, todo o material recolhido durante a implementação do projeto, de forma a evidenciar se foi possível dar resposta aos objetivos do estudo.

5. Procedimentos/Atividades implementadas nas PES

A investigação para o relatório de estágio foi realizada ao longo do 2º semestre do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do Primeiro Ciclo, durante o ano letivo 2016/2017. Ocorreu durante a prática supervisionada em 1ºCiclo do Ensino Básico, respeitando a calendarização abaixo indicada (fig.38):

Ano letivo 2016/2017									
1º Semestre					2º Semestre				
Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar					Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico				
Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
Revisão da literatura					Revisão da literatura				
	Entrega da proposta de RE	Ensaio para a investigação no Pré-Escolar						Implementação do projeto de RE	
Investigação e recolha de dados									

Fig. 38- Planificação dos momentos para a realização da investigação.

Foi ainda realizada durante a prática supervisionada em Educação Pré-Escolar, uma pequena abordagem, em jeito de ensaio, do estudo que implementamos com mais rigor e profundidade no 1ºciclo, em que se aproveitou a chegada da época natalícia e da temática do presépio (a família do menino Jesus), para abordar o tema e fazer um pequeno ensaio com as crianças utilizando o livro *As famílias não são todas iguais* de Tango Books.

As amostras apresentadas foram escolhidas por conveniência, tendo em conta as salas da PES em que realizamos a investigação, tratando-se por isso de amostras pré-determinadas por conveniência. Segundo Oliveira & al. (2012, p.19) “A amostragem por conveniência é uma técnica de amostragem em que, como o próprio nome implica, a amostra é identificada primeiramente por conveniência. Elementos são incluídos na amostra sem probabilidades previamente especificadas ou conhecidas de eles serem selecionados”

5.1 Atividades desenvolvidas na PES do Pré-Escolar:

Amostra: Sala dos 3 anos, composta por 26 crianças, dos quais 9 rapazes e 17 raparigas.

29 de novembro de 2017

- História: *As famílias não são todas iguais* de Tango Books (livro pop-up).
- “Estendal das famílias” com base no cartaz “Como é a tua família?” da associação ILGA PORTUGAL.
- Debate com as crianças, tendo como base as famílias do cartaz, sobre: Quais destas imagens são famílias?”
- Dialogo com as crianças sobre a sua família e as apresentadas no “estendal”.
- Jogo de identificação “Como é a tua família” com recurso ao flanelógrafo e aos símbolos identificativos das crianças (fotos das rotinas diárias).
- Desenho livre: “A minha família”.

Recolha de dados: Observação participante, notas de campo, evidências realizadas pelos alunos.

5.2. Cronograma da investigação da prática supervisionada em 1ºCEB

A recolha de dados para a investigação ocorreu durante as semanas de implementação individuais e a última semana conjunta da prática. A investigação foi implementada durante as semanas individuais, sendo a 3º unidade didática correspondente à 6º semana de estágio, a 6º unidade didática à 9º semana de estágio, a 8º unidade didática à 11º semana de estágio, a 10º unidade didática à 13º semana de estágio, a 12º unidade didática à 15º semana de estágio, e a 13º unidade didática à 16º semana de estágio (fig.39). Sendo a duração total do estágio de 16 semanas consecutivas, abrangendo os meses de março, abril, maio e junho.

Semanas de Estágio	6ª Semana de estágio Março			9ª Semana de estágio Maio			11ª Semana de estágio Maio			13ª Semana de estágio Maio/Junho			15ª Semana de estágio Junho			16ª Semana de estágio Junho		
Dias de estágio	28	29	30	3	4	5	16	17	18	30	31	1	13	14	15	20	21	22

Fig. 39- Cronograma dias de implementação de atividades para a investigação



Implementação de atividades para a investigação



Sem Implementação de atividades da investigação

5.3. Atividades desenvolvidas na PES 1ºCEB

Amostra: Turma de 3ºano, composta por 29 alunos, dos quais 18 raparigas e 11 rapazes.

4 de maio de 2017

- Jogo "Quem é quem"
- Debate: "Como é a tua família?"
- Apresentação do cartaz campanha "Como é a tua família?" da Associação ILGA Portugal.
- Criação de uma história em torno de cada um dos tipos de famílias apresentado no cartaz "Como é a tua família" da associação ILGA Portugal e apresentação das histórias formuladas pelos alunos.

Recolha de dados: Observação participante; Notas de campo; Evidências realizadas pelos alunos.

5 de maio de 2017

- Análise e interpretação do livro O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8) de Manuela Bacelar.
- Criação de um álbum pessoal baseado em O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8), assentando sobre as 4 experiências familiares mais significativas para os alunos.

Recolha de dados: Observação participante; Notas de campo; Evidências realizadas pelos alunos.

17 de maio de 2017

- Análise e interpretação do livro *Álbum de Famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas.
- “Entrevista o teu colega para ficares a conhecer um pouco mais sobre a sua família”.

Recolha de dados: Observação participante; Notas de campo; Evidências realizadas pelos alunos.

18 de maio de 2017

- Criação de uma história com o tema “Uma família no espaço”, tendo em conta as famílias do livro *Álbum de Famílias* de Susana Amorim e Rute Agulhas.
- Dramatização da peça “Uma família no espaço”, utilizando as histórias criadas pelos alunos para a dramatização.

Recolha de dados: Observação participante; Notas de campo; Evidências realizadas pelos alunos, registo audiovisual.

13 de junho de 2017

- Análise e interpretação do livro *A minha mãe anda estranha* de Ricardo Baptista.
- Criação de um poema para a família, tendo como base para esta atividade, um excerto do livro *A minha mãe anda estranha* de Ricardo Baptista da página 10 e 11.

Recolha de dados: Observação participante; Notas de campo; Evidências realizadas pelos alunos.

14 de junho de 2017

- Genograma
- Atividade de foto análise de uma família antiga e de uma família moderna.
- TPC: Composição “O que é para ti uma família?”

Recolha de dados: Observação participante; Notas de campo; Evidências realizadas pelos alunos.

21 de junho de 2017

- Entrevista aos professores cooperantes

Metodologia aplicada: Entrevista.

Capítulo III- Apresentação e análise dos dados

1. Análise e discussão dos dados recolhidos durante a PES.

A investigação de tema: “O contributo da literatura infantil para a desconstrução de estereótipos de família tradicional” assentou essencialmente sobre a utilização de obras infantis, que serviram de ponto de partida para os planos diários e semanais construídos para a PES em Educação Pré-Escolar e para as aulas em Ensino do 1ºCiclo. Tivemos como preocupação a abordagem da temática sobre as novas tipologias de famílias através de obras selecionadas de acordo com a faixa etária das crianças, os seus interesses e os casos de diversificação familiar existentes no grupo amostral.

Para isso foram utilizadas 4 obras:

- *As famílias não são todas iguais*, de Tango Books (Pré-escolar)
- *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*, de Manuela Bacelar (1º CEB)
- *Álbum de famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas (1ºCEB)
- *A minha mãe anda estranha*, de Ricardo Baptista (1ºCEB)

Estas obras retratam a diferença nas formas de constituição das famílias, de forma muito particular, ao mesmo tempo que conseguem exteriorizar a normalidade do dia-a-dia nas mesmas, que apesar das diferenças na sua forma de constituição, se regem pelas mesmas regras e atitudes das famílias apelidadas de tradicionais e em muitos casos de “normais”.

A primeira obra *As famílias não são todas iguais*, de Tango Books, recomendada pelo plano nacional de leitura e destinada ao pré-escolar, para a leitura em voz alta, foi utilizada para um primeiro ensaio da minha investigação durante a prática supervisionada na Educação Pré-Escolar.

A segunda obra *O livro de Pedro (Maria dos 7 aos 8)*, de Manuela Bacelar foi utilizado para explorar o dia-a-dia de uma família homoparental, representando todas as semelhanças que a infância da personagem principal (Maria) tem comparativamente com a das crianças em geral.

A terceira obra, *Álbum de famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas foi utilizado em substituição do livro *É tudo família* de Alexander Maxeiner e Anke Kuhl, que era a obra programada para integrar a investigação. A mudança foi feita uma vez que surgiu este livro em Portugal, com lançamento em Maio (altura em que já me encontrava a realizar a PES) e achei importante trocá-lo e integrá-lo no meu projeto. Uma vez que as obras deste género, de autores portuguesas, ainda não existem em grande número no nosso país, acho importante dar a conhecer autores nacionais de qualidade que procuram sensibilizar as crianças para estas temáticas.

A última obra, *A minha mãe anda estranha*, de Ricardo Baptista, faz parte da coleção “Jovens como nós” e foi vencedor do prémio Maria Rosa Colaço em 2015. Este livro conta a história de uma menina a Clara, de 8 anos, mesma faixa etária dos alunos da

turma em que o livro foi implementado, e que fala de uma forma muito própria sobre a sua experiência perante o divórcio dos pais, o que foi ter um “novo pai” na sua vida e como lidou com a chegada de um novo irmão. Esta história foi escolhida particularmente por apresentar situações semelhantes a três alunos que vivenciaram a mesma situação familiar.

Por fim, é importante salientar a utilização do cartaz da Associação ILGA Portugal que, depois de uma troca de *emails* e telefonemas com esta associação, me forneceu alguns dos seus cartazes para o meu projeto. Foi a partir destes que explorei o tema: “*Como é a tua família?*” Apoiando-me da sua distribuição e análise para a realização da minha investigação.

1.1. Ensaio investigativo realizado na PES em Pré-Escolar

Compreende-se “ensaio investigativo” como uma pequena e simples abordagem feita ao tema das novas famílias, realizado de uma forma experimental antes da sua implementação efetiva no 1ºCiclo.

Com isto pretendi dar a conhecer às crianças, mais pequenas, as diferentes formas de constituição de uma família, uma vez que ainda em tenra idade estas são sujeitas a mudanças na forma de constituição do seu próprio agregado familiar, sendo que as suas memórias e vivências já muitas vezes incluem estas experiências pessoais.

Mas não só por esta razão, sabemos que as crianças são naturalmente observadoras e muito atentas ao que se passa ao seu redor, e sabem distinguir, perfeitamente, quando algo foge àquilo que é o seu padrão de normalidade, por isso, é importante explicar-lhes e dar-lhes a conhecer as diferenças existentes na nossa sociedade desde cedo, para que compreendendo as diferentes tipologias de família, as possam encarar com naturalidade e sem preconceitos. Segundo as OCEPE (p.85,2016) a curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que a criança já conhece, bem como pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e o interesse por explorar, questionar descobrir e compreender.

1.1.1. Livro *As famílias não são todas iguais*, de Tango Books



Fig. 40- Capa do livro *As famílias não são todas iguais* de Tango Books

Título: As Famílias não são todas iguais

Autor: Tango Books

Ilustração: Rachel Fuller.

Editor: Editorial Presença

Sinopse: Como é a tua família? Vives com a tua mãe? Ou com o teu pai? Ou com os dois? Talvez tenhas uma madrasta ou um padrasto e vários novos irmãos. Ou talvez sejas adotado, ou vivas com os teus avós. Este livro esclarece a criança, de forma lúdica e instrutiva, sobre os diferentes tipos de famílias.

O livro *As famílias não são todas iguais*, de Tango Books caracteriza-se por ser um livro “pop-up”, o que o torna logo à partida numa ferramenta de divertimento e de atração para as crianças (fig,40). O facto de abrir para cima, para baixo, para os lados e rodar, torna-o um objeto dinâmico, interessante e apelativo para ser manuseado por qualquer criança, de qualquer faixa etária, e mesmo por adultos. Um livro que apresenta estas características é um instrumento ótimo para prender a atenção de uma criança e deixar a sua imaginação fluir, principalmente para crianças que ainda não têm domínio sobre a leitura e onde as mensagens que retiram destes livros são de uma leitura estritamente visual.

As ilustrações de um álbum ilustrado contêm, em si, uma história, que pode, ou não, ser a mesma do texto; ou seja, as ilustrações têm a capacidade de transmitir ideias, conceitos e histórias. Assim é necessário que o leitor compreenda não só a linguagem verbal, ou seja, o texto, mas também a linguagem visual, de forma a interpretar correctamente as imagens e, assim, ter acesso a toda a história contida no livro. (Costa, 2016,p.38)

Recomendado para um grupo etário dos 2 aos 6 anos, é um livro pobre em texto mas rico em ilustrações. Transmite de uma forma simples a mensagem que pretende, que é demonstrar a variedade na forma de constituição de uma família, e ainda deixa duas atividades finais, que podem ser realizadas pela criança, onde lhe dão a oportunidade de explicar com é a sua família e de a representar graficamente.

Intencionalidade educativa: Este livro é uma ferramenta lúdico-didática que através de uma mensagem simples e apostando fortemente na literacia visual, ajuda as

crianças a compreenderem melhor a diversidade que existe na forma de constituição dos vários tipos de famílias.

1.1.2. Cartaz “Como é a tua família?”- Associação ILGA Portugal



Fig. 41- Cartaz Propaganda da Campanha “Como é a tua família” - Associação ILGA Portugal.

Esta campanha tem como objetivo chamar a atenção para o facto da diversidade familiar ser a regra: as famílias são de diferentes tipos e tamanhos e as crianças portuguesas estão a ser criadas por uma mãe e um pai, por duas mães ou dois pais, por um pai ou uma mãe, por madrastas ou padrastos, em coparentalidade, por famílias alargadas, por avós e avôs, por tios e tias, por irmãos e irmãs e por famílias reconstituídas, reagrupadas, adotivas e de acolhimento. A investigação científica mundial demonstra que o bem-estar das crianças é determinado pela qualidade das relações parentais e não pela estrutura das suas famílias. E o que faz uma família é o amor. **Famílias Arco-Íris (2012)**

O texto acima citado retirado da campanha, à qual o cartaz dá nome, “Como é a tua família?”, retrata alguns dos vários tipos de famílias atualmente existentes, e pretendeu ser uma forma de alerta para a diferença e ao mesmo tempo de apelo para a aceitação na diferença e na luta contra o preconceito.

Adaptado de materiais do *Australian Rainbow Families Council*, esta campanha contou em Portugal com a parceria da Amplos, da APF, da rede ex aequo e da UMAR, segundo a ILGA Portugal. Ainda segundo a Associação ILGA Portugal, esta tem por principal objetivo a integração social da população lésbica, *gay*, bissexual, trans e intersexo (LGBTI) em Portugal através de um programa alargado de apoio no âmbito social que garanta a melhoria da sua qualidade de vida; através da luta contra a discriminação em função da orientação sexual, da identidade de género e características sexuais; e através da promoção da cidadania, dos Direitos Humanos e da igualdade de género.

Com um grafismo simples, texto curto, cores quentes e chamativas podemos olhar para este cartaz como uma forma de chamamento muito atrativa para aqueles a que mais se destina, escolas, jardins-de-infância e creches (fig. 41). Não só apelativo para

crianças, mas também para adultos, pois transmite a sua mensagem base de que não importa a diferença na forma de constituição, pois as relações afetivas são a força organizadora em qualquer tipo de família, sendo uma característica transversal fundamental para o desenvolvimento das crianças. De acordo Abraham Moles (1987) cit in. Coelho (2010, p.3) a função educadora do cartaz está ligada à produção de cultura e transmissão da mesma. Como é um meio de comunicação, o cartaz é também um produtor de cultura, além de disseminá-la para todos sem censura.

Intencionalidade educativa: O cartaz que serve como instrumento pedagógico para trabalhar a temática das novas famílias, em que no caso do primeiro ciclo foi utilizado como instrumento introdutório do projeto, enquanto no ensaio do pré-escolar como complemento às atividades, foi um instrumento riquíssimo e que muito apoiou a minha investigação, essencialmente pelo caráter da sua simplicidade textual e gráfica, que torna este cartaz um instrumento muito rico para ser trabalhado de diversas formas, tendo em conta a criatividade do educador e do docente.

1.1.3 Análise e discussão dos resultados do ensaio investigativo em Pré-Escolar

Partindo da temática semanal do presépio, como a família do menino Jesus, para tratar do tema da família, generalizando o conceito, foi escolhida para introdução desta temática com as crianças o livro *As famílias não são todas iguais* de Tango Books, como já anteriormente referido.

Através do livro foi possível explicar às crianças que existem famílias com constituições muito distintas umas das outras, umas são grandes outras pequenas, algumas crianças têm irmãos outros não, umas famílias têm duas mães outras dois pais e outras vivem em instituições (fig.42/ fig.43). Nesta parte das crianças que vivem em instituições, aproveitei para referir o “dia do pijama” que havia sido realizado na semana anterior à implementação das atividades, em que todas as crianças, educadoras, estagiárias e auxiliares foram de pijama para a instituição. Este dia segundo o *site* *Mundos de Vida* (2012) é uma iniciativa criada com a finalidade de sensibilizar o país para o “direito de uma criança crescer numa família”, promover o acolhimento familiar de crianças e reduzir o número de crianças institucionalizadas. Achei importante referir este assunto enquanto lia o livro, pois as crianças já haviam falado dele e já lhes havido sido explicado o porquê de celebrarmos este dia, assim, foi uma forma de relembrarem e associarem à temática que todas as crianças têm direito e ter uma família e que não importa a sua origem ou constituição mas o amor, frase que fui sempre reforçando durante toda implementação.



Fig. 42 e 43- Apresentação e leitura do livro “As famílias não são todas iguais” de Tango Books

Após a leitura do livro as crianças ainda associavam, a princípio, quando lhes pedia para descreverem oralmente a ilustração por exemplo dos dois pais, diziam de imediato ser uma mãe e um pai, mas depois pedia-lhes que observassem melhor, e aí apercebiam-se que eram dois “papás” (como se referiam) a passear, a brincarem ou a cozinharem com os seus filhos. Depois de se aperceberem disso e de constatarem que em várias famílias, havia umas constituídas por duas “mamãs”, outras por “dois “papás” e outras apenas por um deles apreenderam de imediato e já referiam o “casal” como sendo assim constituído, duas “mamãs”, “dois “papás”, ou outros casos, como as crianças que viviam com apenas um dos progenitores.

De uma forma geral, foi mais difícil no grupo compreenderem que algumas crianças apenas viviam com a mãe ou com o pai, do que as crianças terem dois pais ou duas mães. Penso estar relacionado com questões do par, pois nesta sala, todas as crianças vivem com o pai e com a mãe, não existindo casos de filhos fora do casamento, filhos de divórcios ou questões de morte de um dos progenitores. Daí ser mais fácil para eles entender que algumas crianças têm 2 pais, mas sendo o par, do que crianças terem apenas um deles.

Na segunda parte da implementação com recurso ao flanelógrafo apresentei cinco fotos de diferentes tipos de famílias, e fui explorando cada uma das formas de constituição das mesmas (fig.44/ fig.45). No flanelógrafo, designei as famílias de: “Famílias arco-íris”, da mesma forma que são apelidadas pela associação ILGA, e coloquei, a termo de pormenor, um coração no centro do quadro, para que fosse a representação do amor existente em cada família, o mesmo coração que depois colei em cada uma das molas do estendal das famílias que ficavam a segurar a foto, para que fosse o símbolo do amor, sem importar a diferença na sua forma de constituição. As famílias que utilizei foram as ilustrações retiradas do cartaz “como é a tua família” produzido pela Associação ILGA Portugal.



Fig. 44 - Apresentação das imagens das diferentes formas de constituição familiar.



Fig. 45 - Construção do estendal das famílias no flanelógrafo

Exploramos as imagens individualmente e em seguida, foi pedido às crianças que viessem colocar o seu “símbolo” (fotos usadas para as divisões de tarefas pelos “cantinhos”) na identificação da família que mais se assemelhava com a sua, esta atividade gerou muito “alarido” em grande grupo, pois todos queriam fazer ao mesmo tempo, pelo que optei por fazer seis ou sete em grande grupo, e os restantes em grupos de três elementos, de forma a também poder conversar melhor com eles e recolher algumas opiniões sobre as famílias que ali se encontravam apresentadas. Para isso, as crianças procuravam o seu símbolo na caixinha e depois colocavam junto da família que mais semelhança tinha com a sua (fig.46 à 49).



Fig. 46/47 - Procura pelo símbolo de identificação



Fig. 48- Descoberta do símbolo e identificação



Fig. 49- Identificação da sua forma de constituição familiar

Durante a implementação, devido à escassez de tempo disponível, foi impossível simular com eles a dramatização, como era a minha ideia inicial, mas, ainda assim, conseguimos “encenar” a situação relativa à família constituída por 2 pais e 2 filhas para imaginarmos o seu dia-a-dia. Para isso intitulei os personagens José e Manuel e sugeri às crianças que me respondessem a questões como: “Qual deles penteia a filha?”; “Qual dos pais limpa a casa?”; “Qual faz o jantar?” – A princípio referiam sempre que era o pai “Manuel” quem fazia estas atividades domésticas, talvez por na foto ser o pai que carrega a filha bebé ao colo e associarem à “mãe”. Mas depois questionei-os sobre o facto de ser o pai Manuel quem fazia tudo, e um dos meninos disse haver uma mãe que ia fazer a comida também.”. Associo esta resposta a uma criança que provém de um ambiente familiar em que sejam as mulheres quem se responsabilizam pelas tarefas domésticas, podendo ser uma resposta já estereotipada em relação aos papéis de género.

Na explicitação do desenho comecei por, também eu, retratar a minha família e pedi ao meu par pedagógico que fizesse o mesmo, uma vez que são famílias de diferente constituição, sendo a minha família monoparental e da minha colega uma família tradicional (fig.50/51). Este procedimento pretendeu demonstrar às crianças as diferenças que também existiam nas nossas famílias, dando exemplos mais práticos de duas pessoas que lhe são próximas.



Fig. 50/51- Comparação e identificação das diferentes formas de constituição da família das estagiárias

Já durante a realização do desenho as crianças representaram a sua família de acordo com o esperado para a sua faixa etária. Luquet (1969) cit in.Paiva & Cardoso (2010, p.4) foi um dos primeiros teóricos a se interessar pelo desenho infantil, analisando-o numa abordagem cognitiva. O autor buscou respostas para questões relativas ao quê e como a criança desenhava, assim como suas intenções e interpretações. Marques (2015,p.114) Luquet estabelece quatro fases: realismo fortuito, por volta dos dois anos de idade, realismo falhado, entre três e quatro anos de idade, realismo intelectual, dos quatro aos dez ou doze anos de idade, e realismo visual, por volta dos doze anos de idade.

Podemos incluir as crianças no estágio do realismo falhado. O realismo falhado ocorre, normalmente, entre os dois e os três anos e meio, fase em que a criança descobre a identidade forma- objeto, a criança procura reproduzir esta forma, isto é, procura ser realista, todavia não consegue assumir esta atitude, por se verificarem, ainda algumas dificuldades a nível físico e psíquico, no que diz respeito ao controlo dos movimentos e à falta de atenção. (Afonso, 2015, p. 81).



Fig. 52- Evidências gráficas realizadas pelas crianças

Nos desenhos (fig. 52) salienta-se a particularidade de alguns fazerem uma tentativa de representação dos animais de estimação que, penso ter sido, influenciados pelas fotos colocadas no flanelógrafo que também apresentavam a família com os seus animais de estimação.

Já no flanelógrafo, concluída a atividade, pude verificar o que à partida já sabia, uma vez que já havíamos feito a caracterização do grupo e sabíamos as formas de constituição das suas famílias, sendo que todas são constituídas de forma tradicional, com o pai e com a mãe, e em alguns casos acompanhados dos seus irmãos (fig.53). Apenas uma das crianças colocou a foto na imagem onde estão representados os avós, apesar de eu lhe ter explicado que aquela família era para os meninos que viviam somente com os avós e não viviam com os pais, deixei a criança colocar a foto neste sítio, pois percebi que ela para além de viver com os pais também vivia com os avós.

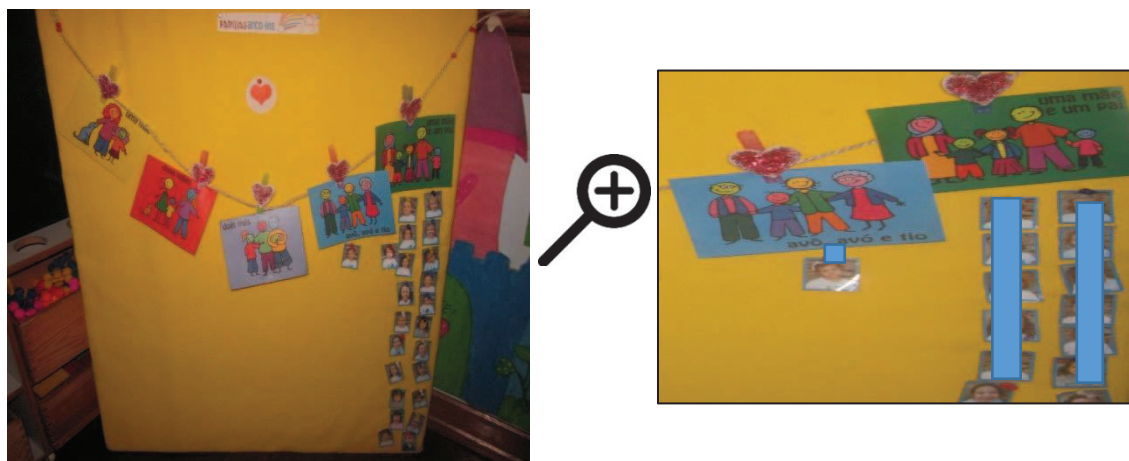


Fig. 53- Quadro do registo final da forma de constituição das famílias das crianças

De uma forma geral consegui recolher a informação que pretendia com estas atividades, recebendo o feedback das crianças em relação às famílias nas quais crianças como eles se inserem, sendo que a diferença era que estas tinham “dois pais” ou então “duas mães”, na vez do pai e da mãe como é a forma de constituição da tradicional família portuguesa e em parte das suas próprias famílias.

Para meu espanto quando falei no assunto assumiram aquele fator de diferenciação com muita naturalidade. Pensei que iria ouvir alguma manifestação como “Oh, dois pais? Mas isso não existe”, mas pelo contrário reagiram bem ao assunto, o que significa que somos nós adultos quem mais faz julgamentos e juízos de valor, e que se os assuntos forem abordados com normalidade e de acordo com a faixa etária das crianças, podemos ajudá-las a conceber um mundo igualitário e respeitador das diferenças.

1.2. Apresentação e análise dos dados recolhidos durante a investigação no 1ºCEB

A análise de conteúdo, atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). Quanto a interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. (Silva & Fossá, 2015, p.3)

A investigação para o RE repartiu-se em quatro sessões, divididas entre as diferentes semanas da PES, como apresentado na tabela 9 do ponto seguinte. A 1ª sessão teve como base as atividades com o Cartaz “Como é a tua família?” da associação

ILGA e o *Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*, de Manuela Bacelar. A 2ª sessão teve como base o livro *Álbum de Famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas. A 3ª sessão cessou o ciclo das obras selecionadas para a investigação com o livro *A minha Mãe anda estranha*, de Ricardo Baptista. Por fim, a 4ª sessão da investigação foi utilizada para a recolha de dados junto dos professores cooperantes das turmas do 3ºA e 3ºB através das entrevistas.

O conteúdo programático antecipado para a investigação teve como preocupação a progressiva integração do conceito da multiplicidade da diversidade familiar, seguindo uma linha descendente. Ou seja, partindo de atividades de representativa ampla das famílias para casos mais específicos e particulares.

Os objetivos das atividades realizadas durante a investigação em 1ºCEB encontram-se concernentes entre si. Uma vez que a base desta investigação se rege, sempre, pela utilização da literatura infantil para alcançar os objetivos das diferentes atividades de propósito compartilhado.

A análise dos dados segue a ordem cronológica das sessões desenvolvidas enquanto as atividades segue a seguinte estruturação: apresentação da atividade e análise do conteúdo referente a essa atividade. No caso das obras literárias é feita uma pequena abordagem à obra antes da apresentação das atividades. É de salientar que a maioria das atividades desenvolvidas, *à posteriori*, tivera como base os livros abordados nesse dia/semana. Partido sempre de algum detalhe ou pormenor relacionado com a obra em análise para as atividades realizadas.

1.2.1 Tabela das sessões/ atividades e objetivos

A tabela 9 representa a divisão das sessões, por semanas, sobre as quais foi implementada a investigação em 1ºCEB, juntamente com as atividades realizadas nos diferentes dias e os objetivos que se pretenderam atingir.

Tabela 9 - Sessões da investigação

	Sessão:	Data:	Atividade:	Objetivos:
1º CEB	1º Sessão	4 de maio	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Jogo "Quem é quem" ➤ Debate: Como é a tua família?" ➤ Apresentação do cartaz campanha "Como é a tua família?" da ILGA Portugal. ➤ Criação de uma história em torno de cada um dos tipos de famílias apresentado no cartaz "Como é a tua família" da associação ILGA Portugal e apresentação das histórias formuladas pelos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> -Refletir sobre a diversidade existente na instituição família; -Reconhecer a pluralidade da multiplicidade familiar existente na sociedade atual; -Ampliar o conceito de família; -Desconstruir o estereótipo de família tradicional; -Construir concepções sobre a diversidade dos modelos familiares que se organizam com base na assunção de valores de respeito pela diferença e educação para a diversidade; -Proporcionar espaços de debate e de partilha; - Construir a identidade pessoal através da aceitação do próprio e dos outros;
		5 de maio	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Análise e interpretação do livro <i>O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)</i> de Manuela Bacelar. ➤ Criação de um álbum pessoal baseado em O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8), assentando sobre as 4 experiências familiares mais significativos para os alunos. 	
	2º Sessão	17 de maio	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Análise e interpretação do livro <i>Album de Famílias</i>, de Susana Amorim e Rute Agulhas. ➤ "Entrevista o teu colega para ficares a conhecer um pouco mais sobre a sua família". 	
1ºCEB		18 de maio	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Criação de uma história com o tema "Uma família no espaço", tendo em conta as famílias do livro <i>Álbum de Famílias</i> de Susana Amorim e Rute Agulhas. ➤ Dramatização da peça "Uma família no espaço", utilizando as histórias criadas pelos alunos para a dramatização. 	<ul style="list-style-type: none"> -Educar para os direitos humanos, democráticos e de cidadania; -Consciencializar e dar significado à importância do afeto, do amor e da amizade como base das relações sólidas entre as famílias; -Aproximar a literatura da realidade das crianças e das suas experiências pessoais; -Proporcionar momentos de aprendizagem lúdico-pedagógica; -Descoberta de diferentes conceitos de identidade; -Contribuir para uma escola inclusiva na aceitação da diferença;
	3º Sessão	13 de junho	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Análise e interpretação do livro <i>A minha mãe anda estranha</i> de Ricardo Baptista. ➤ Criação de um poema para a família, tendo como base para esta atividade, um excerto do livro <i>A minha mãe anda estranha</i> de Ricardo Baptista da página 10 e 11. 	
		14 de junho	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Genograma ➤ Atividade de foto análise de uma família antiga e de uma família moderna. ➤ TPC: Composição "O que é para ti uma família?" 	
	4º Sessão	21 de junho	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Entrevista aos professores cooperantes 	

1.2.2. Análise dos dados recolhidos por atividade

1.2.2.1. Jogo “Quem é Quem”

Para iniciar a investigação de uma forma motivadora, tive como ponto de partida a realização de um jogo muito conhecido de todos, o “Quem é Quem?”. A ideia do jogo parte do objetivo de se descobrir quem é a pessoa mistério, tendo em conta as apresentadas num tabuleiro. Para isso são fornecidas informações de um jogador que tira uma carta à sorte e vai dando pistas ao adversário até que este adivinhe e acerte, ou não, quem é a pessoa mistério em causa. No entanto, o tabuleiro utilizado não continha o típico jogo do “Quem é quem?”, no lugar das figuras habituais foram colocadas as fotos dos alunos.

Intencionalidade didática:

- Compreender que cada pessoa possui características especiais que as distinguem dos restantes membros da sociedade, e que é isso que a torna única.
- Compreender que não só nas pessoas existem diferenças físicas que as tornam únicas e especiais, as diferenças fazem parte integrante do mundo físico e social, e um desses casos é na forma de constituição das famílias.

Este jogo foi feito em grande grupo, em que um aluno à sorte fornecia pistas para que os restantes adivinhassem quem era. O jogo permitiu que as crianças fossem levadas a refletir sobre que diferenças existiam entre cada colega que os distinguia dos restantes, e que os permitia ser identificados.

Este jogo foi utilizado como “pontapé de partida” para a abordagem da questão central “o que era a diferença?” à qual todos no geral responderam que “eram pequenas coisas que cada pessoa possui que a torna diferente”. Então questionei-os “E é só em nós que há diferenças? Ou ela está presente em vários objetos e lugares. Algumas das respostas foram: Nos animais também há diferenças entre eles”; “Entre os cães também, há muitas raças”. Em resposta a isto confrontei-os: “E nas famílias existem diferenças?”

1.2.2.2. Debates

Lancei outros desafios aos alunos para análise:

Questões colocadas a debate:

1. Que diferenças existem entre as famílias.
2. Como é a vossa família?
3. Que tipos de famílias conhecem?

1. À primeira questão, a sua resposta foi: “não professora, são diferentes. Mas aí questionei-os “Mas são diferentes como?”, ao qual eles responderam: umas são pequenas, outras grandes, outras gigantes (“já vi na televisão”) disse-me um.

2. A segunda pergunta surge então: “E como é a vossa família? Aqui fui apontando no quadro alguns exemplos que eles foram dando, até que chegamos à conclusão que na nossa turma as famílias eram também muito diferentes umas das outras, umas mais numerosas outras mais diminutas na sua forma de constituição. Havia meninos que viviam só com o pai ou só com a mãe e com os irmãos (família monoparental), outros que viviam com a mãe e com o pai (família nuclear), outros com a mãe biológica e o padrasto (família reconstruída e recasamento).

3. A terceira pergunta foi colocada após as conclusões à questão anterior, em que os interroguei: “Então e que tipos de famílias vocês conhecem para além destas que aqui temos?” A princípio eles não entenderam muito bem, a que tipo eu me referia, então dei alguns exemplos partindo das deles. Aí eles falaram em casos de pessoas que viviam juntamente com os avós, mas sem nunca saírem muito da conceção de família tradicional. Foi então a partir desta questão lhes dei a conhecer o cartaz da campanha “Como é a tua família”, da Associação ILGA Portugal.

1.2.2.3. Cartaz “Como é a tua família” da Associação ILGA Portugal.¹¹

Partindo do cartaz “Como é a tua família?” da Associação ILGA Portugal, foram analisadas detalhadamente os 5 tipos de família que aí nos eram apresentados.

1. Uma família composta por duas mães, um filho e o gato;
2. Uma família composta por uma mãe, um pai, e três filhos;
3. Uma família composta por uma mãe, uma filha e um cão;
4. Uma família composta por dois pais, uma filha e um bebé;
5. Uma família composta por uma avó, um avô, um tio e um menino.

Primeiramente foram identificados de entre estes tipos de famílias, quais aquelas que eram semelhantes aos casos existentes na turma, estes que tinham correspondência com a 2^a e 3^a situação.

Em seguida, passamos à exploração mais detalhada das outras famílias, perguntando-lhes se conheciam estes tipos de famílias. Houve unanimidade na resposta negativa. Nessa altura uma aluna colocou-me a seguinte questão:

¹¹ A apresentação do cartaz e a sua intencionalidade educativa, já foi realizada na apresentação e análise dos resultados do ensaio investigativo em pré-escolar, encontrando-se na página 88 deste relatório para consulta.

Y questiona-me: “Professora?”, Eu: “Diz Y”. Y: Está ali uma situação em que se são dois pais, então como têm uma filha e um bebé?” (os alunos começam-se a rir e a fazer comentários). Eu: “Daquilo que já estudamos, do sistema reprodutor, sabemos que para haver um bebé é preciso que o óvulo da mulher se encontre com o espermatozoide do homem e o fecunde certo? Todos: “Sim”. Eu: “Então, em casos em que os casais são do mesmo sexo, eles recorrem muitas vezes à adoção, ou a barrigas de aluguer, que são senhoras que se disponibilizam a dar o seu corpo para ajudar uma família que, por si, não possa ter filhos sozinha, isto que pode acontecer entre casais do mesmo sexo ou mesmo entre casais formados por uma mulher e um homem que não possam ter filhos próprios.” (Notas de Campo, 4 de maio de 2017).

Na questão da aluna acima referenciada, denotou-se a sua curiosidade para saber a resposta à dúvida com a qual me confrontou. Considero que essa dúvida era partilhada por muitos dos seus colegas apesar de se sentirem inibidos em assumir publicamente. Daí a reação deles à pergunta da colega, rindo-se, alguns colocando a mão na cabeça, e outros dizendo “Oh Y, isso não se diz”, achando que ela me tinha dito algo completamente grave e “descabido”. É em situações como esta que se evidencia que estes assuntos, se não esclarecidos e simplificados em idades precoces, começam a ser algo tabu, envolto em mistério e secretismo que faz parecer que é algo pecaminoso. Se esclarecido e simplificado, os estereótipos e as mistificações criadas podem ser desmistificados, pois no fundo as crianças até sabem, até já viram ou ouviram falar mas ninguém lhes explicou e acham que se perguntarem pode ser algo intrometido ou pretensioso, sendo desta forma que se começam a criar os estereótipos e preconceitos inerentes a realidades ainda não completamente assumidas como a da homossexualidade.

Outra questão levantada em relação ao cartaz foi: “Onde estão os pais do menino que está só ali com os avós e o tio?” As crianças desta turma, todas elas, vivem com o pai, com a mãe ou com ambos, constituindo para elas um problema esta situação, perguntando-me se eles não tinham pais ou o que lhes tinha acontecido. Este exemplo foi importante para falarmos sobre os casos das famílias em que os pais têm de emigrar, foi a situação que escolhi, e que os filhos antes de os pais terem alguma estabilidade em outro país ficam a viver com os avós. Outra situação que retratei foi a do eventual falecimento dos pais, antes dos avós e eles são deixados à sua guarda, outras vezes dos tios ou de um familiar mais próximo, e que em casos em que não têm ninguém são levados para instituições que os acolhem, expliquei-lhes. Notei que esta última exemplificação os deixou um pouco perturbados, para eles fazia sentido eles ficarem com os avós durante um tempo, como até alguns estão acostumados, mas os pais morrerem e ficarem sozinhos foi algo que os inquietou.

Em relação à situação da temática com duas mães, apresentada no cartaz, achei curioso não manifestarem nenhum tipo de comentário ou ideia. Foi algo que parece que depois das outras situações esclarecidas já estava aceite por eles, que deviam ser uma situação talvez semelhante à dos dois pais e por isso era uma situação que estava

esclarecida. Outra explicitação possível relaciona-se com a presença de representações sexuais que associam o papel maternal à mulher pelo que uma família com duas mulheres é considerada mais “normal” e adequada para educar/cuidar dos filhos que uma família com dois indivíduos do sexo masculino. No entanto, eu como vi que não havia mais questões, acabei por falar e esclarecer um pouco esta situação explicando-lhes que como as mulheres podem gerar os seus bebés estas podem recorrer a clínicas especiais para ter os seus próprios filhos através de inseminação do espermatozoide ou que então recorriam às outras situações já identificadas, a barriga de aluguer e a adoção, para poderem ter filhos.

- **Atividades propostas aos alunos com base no cartaz “Como é a tua família?”:**
 - Criação de uma história em torno de cada um dos tipos de famílias apresentado no cartaz.

Para esta atividade foram criados cinco grupos para que fosse entregue a cada um dos grupos um dos cinco tipos de famílias apresentados no cartaz. Em seguida, cada um dos grupos organizou-se de forma a criar uma história para cada uma dessas famílias. Para a construção dos textos, forneci-lhes três indicações que podiam seguir para os orientar: Como se chamam e quem são os personagens? A segunda: Onde vivem? E a terceira: O que gostam de fazer nos tempos livres?

Exemplo de três das histórias criadas pelos alunos:

A família divorciada

Era uma vez uma menina chamada Margarida que tinha uma mãe chamada Luísa e que tinham um cão chamado Bill.

Eles vivem juntos em Castelo Branco e nos tempos livres gostam de passear o cão no jardim e de brincar no parque.

No sábado de manhã, foram a Lisboa visitar o pai, chamado Pedro, e vieram embora no domingo à tarde para Castelo Branco.

Os pais estão divorciados e a Margarida mora com a sua mãe Luísa.

A mãe trabalha na cozinha do restaurante e o pai na polícia e é futebolista.

Esta família é divorciada mas é muito feliz.

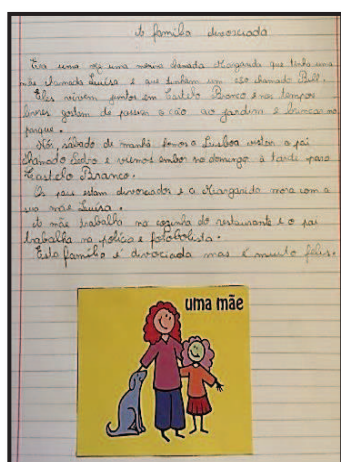


Fig. 54- Registo do grupo
5

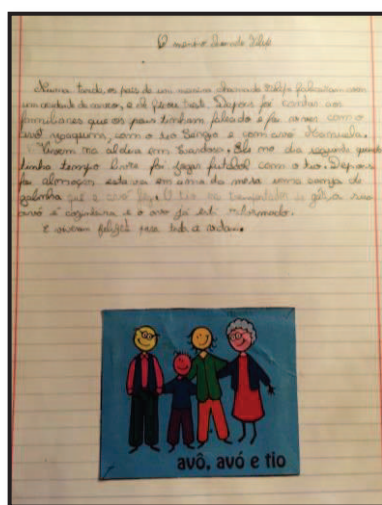


Fig. 55- Registo do grupo 2

Uma família cheia de amor

Era uma vez uma família que tinha dois pais, mas adotaram duas crianças. O bebé chamava-se Zezé, a menina chamava-se Catarina e os pais Fernando e Miguel.

Eles vivem em Londres e nos tempos livres gostam de ir ao Museu de Cera e de ir à piscina.

Um dia, o Zezé queimou-se no fogo e foram ao hospital. No hospital disseram aos pais para aplicar gelo.

Nas férias iam visitar novos países, ou seja, eram aventureiros. Já visitaram Paris, Nova York e Hollywood.

Um pai trabalhava no banco e o outro era rececionista e as crianças iam para a escola.

Era uma família com amor, ternura e divertida.

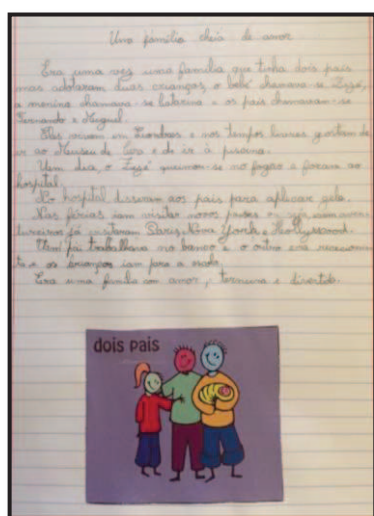


Fig. 56- Registo do grupo 3

O menino chamado Filipe

Numa tarde, os pais de um menino chamado Filipe faleceram com um acidente de carro, e ele ficou triste. Depois foi contar aos familiares que os pais tinham falecido e foi viver com o avô Joaquim, com o tio Sérgio e com a avó Manuela.

Vivem na aldeia da Lardosa. Ele no dia seguinte, quando tinha tempo livre, foi jogar futebol com o tio. Depois foi almoçar canja de galinha que a avó fez. O tio era transportador de gás, a sua avó cozinheira e o avô já está reformado.

E viveram felizes para sempre.

Em análise aos textos consigo identificar, na generalidade, que todos, para começo de história, seguem as indicações que lhes sugeri, e até são exaustivos nessa descrição.

Em análise às histórias é perceptível que aquilo que eles escrevem está muito relacionado com as suas vivências, tirando o caso da família homoparental em que o grupo é um pouco mais sonhador, e dá aos pais umas vivências diferentes, remetendo curiosamente para contextos situados fora de Portugal.

Na primeira história, uma das alunas que fazia parte do grupo tem os pais divorciados, talvez por isso a história que eles criaram tenha tido um pouco da sua experiência pessoal.

A segunda história é, de todas, a mais invulgar no seu contexto, as outras baseiam-se muito em locais, aspetos e pormenores que fazem parte do dia-a-dia destes alunos, e muitos dos detalhes por eles apresentados são as suas experiências. No entanto, este grupo foi um pouco mais longe, talvez, um pouco mais influenciado pela televisão e deixando de parte algumas experiências pessoais.

Na terceira história saliento o detalhe curioso de os alunos acharem que se os pais falecerem num acidente de carro, a família não ter conhecimento do assunto. Outro detalhe curioso, a história desenrolar-se na aldeia da Lardosa, novamente um detalhe inerente a um dos elementos do grupo. Depois o pormenor “quando tinha tempo livre” foi jogar à bola. Pois é algo que se evidencia muito no discurso entre pais e educadores, dar-se a indicação, sempre, que só podem fazer o que gostam depois de fazerem todas as tarefas primeiro (como trabalhos de casa, arrumar o quarto,...).

Em todas as histórias, mesmo aquelas que aqui não são representadas, verifica-se a necessidade de as crianças colocarem, sempre um “e foram felizes para sempre” ou “esta família é divorciada mas é muito feliz”, algo que não lhes pedi e que todos aplicaram, pormenor este que parte do imaginário infantil e das representações que a sociedade vincula junto das crianças.

1.2.2.4. *O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8), de Manuela Bacelar*

A investigação centra-se no tema “O contributo da literatura infantil para a desconstrução de estereótipos de família tradicional” a qual dei início com a obra de Manuela Bacelar *O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)* (fig.57).

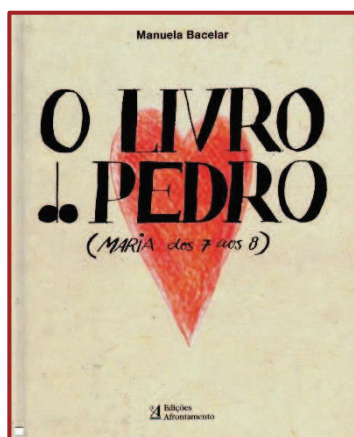


Fig. 57- Capa do livro *O livro do Pedro* de Manuela Bacelar

Título: O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)

Autor: Manuela Bacelar

Ilustração: Manuela Bacelar.

Editor: Edições Afrontamento

Sinopse: Maria, que traz um filho dentro da barriga, conta à sua filha a história da sua infância. Uma história simples, de uma criança feliz. O que torna esta história especial é o facto de Maria ter dois pais: O Pedro e o Paulo.

Esta obra trata-se de uma narrativa *mise en abyme*¹² que expõe a diversidade na forma de constituição das famílias, enfocando duas questões muito importantes, a homoparentalidade e a adoção. De uma forma geral, retrata a vida de uma família formada por um casal homossexual que adota uma criança, a Maria. O livro surge como um álbum de recordações como o de tantas outras famílias, que um dos pais criou e ilustrou, durante uma fase em que se encontrava desempregado. No livro, podemos encontrar a Maria, já com uma filha e à espera do seu segundo bebê, a contar a história da sua vida através do álbum do seu pai (Pedro) à sua filha. Este livro conta assim com três referências temporais, uma ao passado da Maria, uma ao presente e ainda uma pequena ao futuro, pois termina dizendo “Mais tarde, passados uns anos, o irmão irá sentar-se ao pé da irmã, que lhe contará, pela 73ª vez, a história d’ «O Livro do Pedro».

Segundo Pires, Morgado & Pereira. (2016, p.507) o livro do Pedro é um livro que abordando a diferença de uma forma inesperadamente simples e aparentemente linear, permite desconstruir estereótipos e concepções prévias sobre a influência educativa que os casais de homossexuais podem exercer no desenvolvimento da identidade das crianças.

Intencionalidade Educativa: Este livro retrata a integração de uma criança, a Maria, no seio de uma família homossexual, numa tentativa de desmistificar problemáticas baseadas em como é crescer numa família sem representatividade de uma figura materna. Testemunhando que o seu desenvolvimento ocorre de forma natural e saudável, que as suas vivências são iguais às das crianças de famílias nucleares, e que a orientação sexual dos pais não influenciou a Maria nas suas escolhas futuras.

- **Análise e interpretação do livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8) – Pós leitura.**

Após a leitura e análise da história com os alunos, foi engraçado verificar como muitos se identificaram com a história da Maria.

M: “Professora, eu sou igual a essa Maria, sou Maria também e gosto muito de cozinhar com os meus pais.” (Notas de Campo, 5 de Maio de 2017).

Os alunos compreenderam a essência da história, e perante a questão que lhes fiz: “Vocês encontram alguma semelhança entre as coisas que a Maria fazia com os pais e as que vocês fazem?”, eles responderam: “a minha mãe também me traz à escola e o meu pai vem buscar-me”; “também cozinho com os meus pais e passeamos juntos”; “nos fins de semana também vou ao parque da cidade com os meus pais”; “às vezes vou ver os meus avós à terra deles porque eles também vivem longe, como os da Maria”.

¹² Lucien Dallenbach (1977, p.18) define que a *mise en abyme* corresponde a toda a inserção de uma narrativa dentro de outra que represente alguma relação de similitude com aquela que a contém” cit. in Pino (2004, p.160)

Implicitamente depreende-se que compreenderam as funções e rotinas transversais aos diferentes tipos de famílias.

No final da leitura pedi-lhes que me identificassem algumas palavras que caracterizassem a história desta família, escolheram: “Amor”; “Paixão”; “Ternura”; “Amizade”; “Diversão”; “Carinho”; “Afeto”; “Felicidade” e “Alegria”.

- **Atividades desenvolvidas com base na obra *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*, de Manuela Bacelar**
 - **Criação de um álbum pessoal baseado em *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*.**
1. Partindo da obra de Manuela Bacelar, foi sugerido aos alunos que realizassem um álbum igual ao que o pai da Maria, o Pedro, fez para ela. Mas com a diferença que este seria o seu próprio álbum de histórias. Para isso, foram entregues aos alunos um modelo do álbum (fig.58), no qual eles deviam retratar quatro momentos importantes das suas vivências em família.
 2. No álbum devia também ficar registado, por escrito, o que aconteceu nesse dia. Ou seja, quem eram as pessoas intervenientes e a sua importância para o aluno, para ser considerado como um dia em destaque, na sua vida.

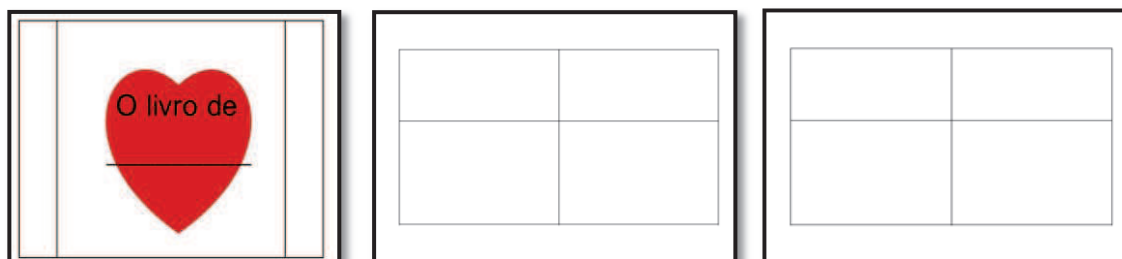


Fig. 58 - Modelo do livro construído para os alunos.

A realização desta atividade requereu que os alunos fizessem uma pequena viagem pela sua memória, como as suas idades são compreendidas entre os 8 e os 9 anos, a sua memória autobiográfica ainda é diminuta, no entanto, é essencial para a construção da sua identidade.

A evocação da informação autobiográfica é um processamento significativo para a noção de autoidentidade. Lembramos os detalhes da nossa história pessoal com todo o seu colorido emocional associado a imagens com simbologia própria. Sendo que estas memórias representadas pelas crianças são as suas representações mentais, de curto e longo prazo, dos acontecimentos mais marcantes nas suas vivências pessoais. Falamos também de outros dois tipos de memória aqui necessários para a atividade, a memória semântica e a memória episódica.

Envolve a memória semântica, pois é necessário primeiramente um conhecimento de si próprio para que os dados tenham significado como pertencentes ao indivíduo em particular. Incorpora também a qualidade episódica por serem narrativas pessoais de situações, nomes, faces que foram vividos, conhecidos pelo sujeito no seu passado. (Frank & Fernández, 2006, p.36/39)

As memórias representadas na atividade formam as recordações básicas para uma criança desta faixa etária, sendo essencialmente retratados os momentos mais relevantes que integram a infância, posto que, na sua maioria as crianças fizeram uma representação e uma descrição, por exemplo, do seu aniversário, onde vão os tios, os primos, os avós, e toda a família se junta para os parabenizar, e as festas de primeira comunhão que alguns que andam na catequese haviam festejado mais recentemente.

Na figura 59 e 60, destaca-se a característica constante que aparece em vários desenhos (mais nos de aniversário), de vários alunos, de colocarem o dia exato em que a ação se passou. Mesmo no primeiro desenho, em que se nota que a criança já tinha concluído o texto apagou ligeiramente e colocou a data.

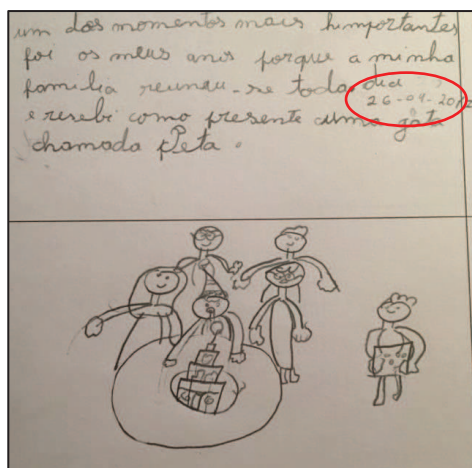


Fig. 59- Representação da criança 1

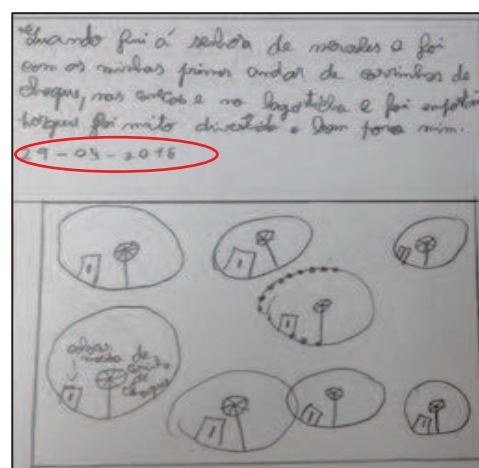


Fig. 60- Representação da criança 2

Outra situação muito representada foram as idas à praia e à piscina, que durante as férias do verão são geralmente aqueles momentos em família, onde os pais têm tempo de qualidade para estar com os seus filhos e lhes dedicarem uma atenção especial. Este fator associado à ida à praia que para crianças que vivem no interior não é algo regular, provoca sempre uma excitação extra, pois é algo diferente e divertido, onde geralmente se junta família e diversão num só momento. Já a ida à piscina é muito representado, pois muitas crianças costumam na altura do Verão, ir até à piscina-praia de Castelo Branco, um dos locais de destaque da cidade nessa época e que também representa um momento de divertimento aliado às vivências familiares das crianças.

Em seguida, destaco dois desenhos que achei particularmente interessantes, o primeiro pela aluna em questão referir um dos momentos mais importantes como

aquele em que ela vai à praia com o pai no Algarve, o que poderia ser a história de qualquer criança, não fosse o pormenor de ser juntamente com o seu irmão “emprestado” como se refere a ele (fig. 61). A destacar duas coisas neste desenho, o facto de a aluna em questão ser filha de pais divorciados e raramente ver o seu pai, sendo que apenas tem contacto com este, como ela me reportou, nas férias “maiores”, ou seja, Natal, Páscoa e Verão. Em conversação com esta aluna, foi também possível perceber as saudades que sente dele e como isso a angústia, talvez por essa razão a primeira memória que ela retrata no seu álbum seja a das férias que passa com o pai. Já a segunda referência ao irmão “emprestado”, como o apelidou, deve-se ao facto do seu progenitor se encontrar junto com outra senhora, que também tem um filho de uma relação anterior, daí este “emprestado” a que ela se refere.

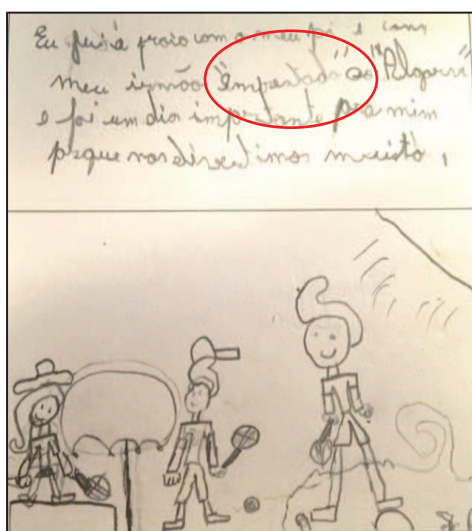


Fig. 61- Representação da criança 3

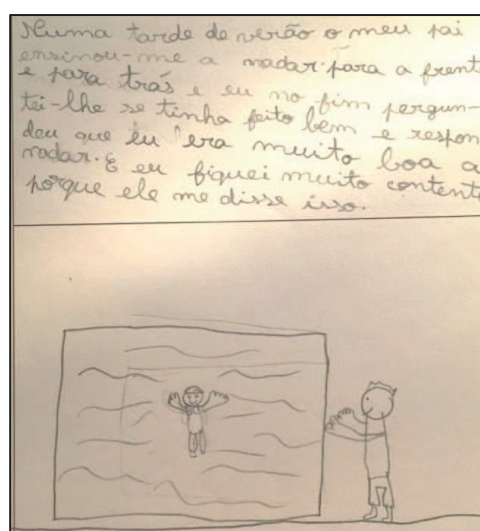


Fig. 62- Representação da criança 4

O quarto desenho destaco-o pelo pormenor da emoção com que a aluna descreve o dia que representou. Apesar de ser um desenho numa piscina no Verão, igual a tantos outros, tem a particularidade de ser apontado pela aluna, como o dia em que o pai a ensinou a nadar, expressando-se como forma de conclusão que ficou muito contente pelo facto do pai lhe ter dito que era boa nadadora, sendo esta memória, esta emoção detalhista que ela guardou com tanto pormenor dentro de si (fig.62).

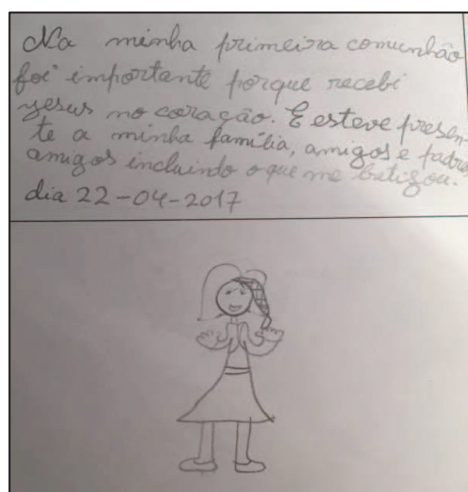


Fig. 63- Representação da criança 5

No desenho da figura 63, quero realçar o facto de a aluna fazer referência não só ao momento da sua primeira comunhão, mas à importância que ela deu em receber Jesus no seu coração, referenciando os “padres amigos” que estavam presentes, inclusive o que a batizou. Isto acontece dada a particularidade da sua história familiar, em que o seu pai foi padre e abandonou o sacerdócio para se juntar com a sua mãe. No entanto, é perceptível a sua ligação aos ensinamentos cristãos, e às pessoas que os praticam.

Uma característica a destacar, generalizada, aos alunos do sexo masculino é a representação nos seus álbuns dos jogos de futebol que fazem com os seus pais ou dos jogos nos clubes e nas equipas das quais fazem parte (fig. 64 e 65). A ida a esse evento com a família, mais particularmente com os pais, é referido como um momento de orgulho e envolvimento.

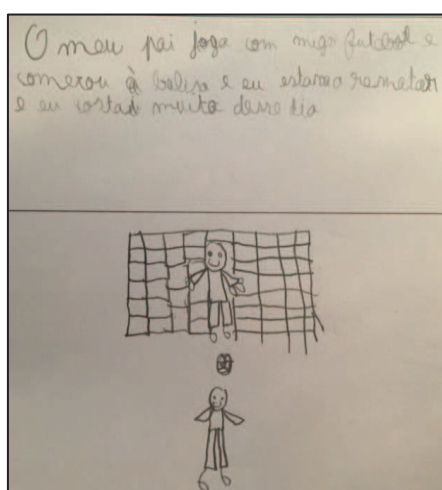


Fig. 64- Representação da criança 6

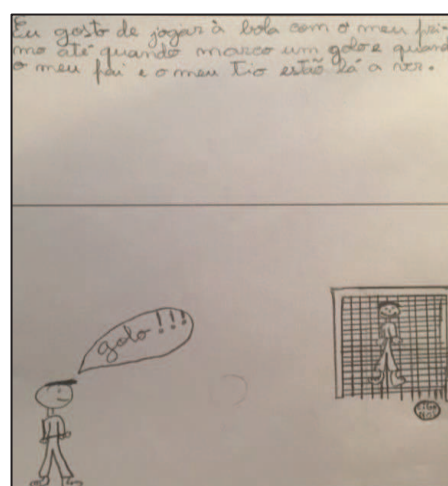


Fig. 65- Representação da criança 7

Um outro momento muito representado é o Natal. Esta época simboliza a ternura da vivência familiar, tem por isso uma importância especial para qualquer criança, pois

retrata a família no seu todo. É quando muitas crianças se juntam com os primos e com os avós, há muitos doces e, por norma, felicidade e boa disposição. Isto, aliado aos presentes, muitas vezes, objetos de desejo, expectativa e prazer. Segundo Amorim (2015, p.58) “Os avós desempenham um papel fundamental na transmissão das heranças familiares, na continuidade das relações e das trocas geracionais e nos cuidados às crianças, sendo valorizados pelos seus netos como figuras de referência”.

Outro destaque vai para as viagens, e os passeios em família, seja a um sítio longe, uma viagem a Lisboa onde visitaram o oceanário e o zoo, ou simplesmente a um local de interesse local para as crianças, como o cinema e os jardins.

Achei interessante, as crianças retratarem a romaria à Nossa Senhora de Mércules, como um dos seus momentos familiares preferidos, esta que é uma celebração local da Santa padroeira da cidade.

Por fim, as crianças do quadro de honra¹³ representaram a entrega dos seus diplomas de excelência, como um dos momentos mais significativos da sua vivência, isto porque consideram ser um momento muito importante, não só deles mas dos pais, e passo a citar um dos casos “Os meus pais ficaram felizes e orgulhosos”. (Z., 8 anos).

As crianças também representaram “pequenos” momentos, alguns com características muito caseiras, como situações de partilha de jogos com os pais ou com um familiar próximo.

De forma global, podemos verificar que as memórias representadas pelas crianças são associadas a lembranças de vivências prazerosas com a família com um colorido emocional. Emotional events are generally more memorable than neutral events. Greenberg & Rubin (2003, p.24). É a ligação da emoção com o evento que solidifica a memória. Krebs, Weinberg & Akesson (2013, p.383)

Podemos também concluir, que os momentos mais destacados são muito semelhantes entre os alunos, pois os eventos que a nossa sociedade mais valoriza estão associados a tradições culturais através das quais a nossa identidade se organiza.

1.2.2.5. Livro *Álbum de Famílias* de Susana Amorim e Rute Agulhas

A segunda obra trabalhada na investigação, *Álbum de Famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas, é uma obra recente que achei muito interessante para implementar no meu projeto (fig.66). Este livro é recomendado pela Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e dos Direitos dos Filhos, a Comissão Nacional da Promoção dos

¹³ De acordo com o Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano (s.d., p.119) “os quadros de honra e de excelência visam estimular a dedicação, o esforço e o empenho no trabalho escolar, bem como valorizar ações meritórias em favor da sociedade”

Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, o grupo Famílias Arco-Íris da Associação ILGA Portugal e a SFRAA/ Quinta de S. Miguel – Casa de Acolhimento Temporário, todas elas muito ligadas a causas e valores de respeito pela diferença e formação do bem-estar da criança.

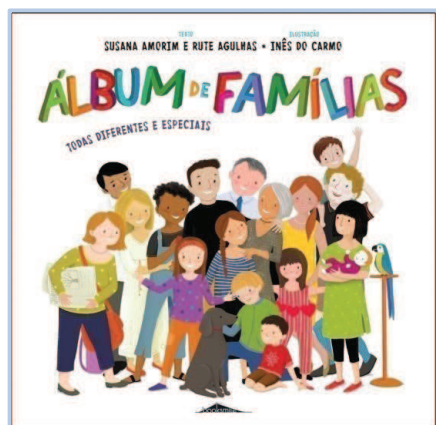


Fig. 66- Capa do livro *Álbum de Famílias* de Susana Amorim e Rute Agulhas

Título: Álbum de Famílias

Autor: Susana Amorim e Rute Agulhas

Ilustração: Inês do Carmo

Editor: Booksmile – 20|20 Editora

Sinopse: O que é uma família? O que ajuda uma família a ser feliz? Estas são as perguntas que a Esperança colocou aos seus colegas, desafiada pela professora a refletir sobre a diversidade das famílias atuais. Com as respostas, a Esperança fez um álbum muito especial. Ao lê-lo, perceberás que todas as famílias são muito diferentes, mas têm uma coisa em comum. Sabes o que é? São um espaço de afetos, onde o amor que as une é mais importante do que qualquer outra das suas características.

Esta obra fala-nos da diversidade na forma de constituição das famílias iniciando-se com uma citação de Montaigne que diz: “ Nunca houve no mundo duas opiniões iguais, nem dois fios de cabelo ou grãos. A qualidade mais universal é a diversidade”. Foi também essa mensagem que pretendi que fosse transmitida aos alunos, para que sejam construídas conceções sobre a diversidade dos modelos de família que se organizem como uma base na assunção de valores de respeito pela diferença e educação para a diversidade.

Depois de um primeiro momento da investigação, em que exploramos as formas de constituição das famílias através do cartaz “Como é a tua família” da Associação ILGA Portugal e de *O Livro do Pedro*, de Manuela Bacelar, foi possível retirarmos a informação de como era a família e as vivências familiares dos alunos, verificando-se a existência de casos de famílias tradicionais, casos de famílias monoparentais e ainda casos de divórcio e de recasamento.

Foi partindo destes dados, que se explorou o segundo livro usado no estudo. Este centra-se na personagem da “Esperança”. A Esperança é uma menina que incentivada pela professora decide investigar como são formadas as famílias na sua turma, entrevistando-as. O seu sonho é ser jornalista de investigação, e não querendo esperar por ser adulta para o ser, decide começar investigando este assunto tendo em conta as

questões que a professora lhe havia colocado na aula: “- Costumam olhar à vossa volta, uns para os outros? Observam a vossa família e a dos vossos colegas. O que torna única cada uma delas? E o que as une?”

A partir daí ela descobre que são dos mais variados tamanhos, formas e feitios, concluindo que: “é tão bom perceber que cada um deles sente que a sua é especial, seja ela de que forma for!”

Nesta fase em que as crianças se vão começando a afirmar na sua personalidade é muito importante salientar que o afeto e o amor são o mais importante na constituição de todos os modelos de famílias, e que as questões da diferença e da escolha do cônjuge devem ser fatores relacionados com os direitos individuais validados na sociedade atual.

Intencionalidade Educativa: Esta obra apresenta-se como um livro de expansão ao significado da palavra “família” e a diversidade por detrás deste conceito. Nele são representadas várias configurações distintas de famílias que vão de encontro à realidade da nossa sociedade. As ilustrações familiares associadas a cada tipo de família neste livro permitem que ele seja interpretado de uma forma estritamente visual sem nos socorrermos da narrativa, o que possibilita a exploração junto de crianças a partir dos 3 anos.

- **Análise do livro: Pós-leitura**

Partindo das famílias apresentadas no livro, questionei cada aluno, individualmente, sobre qual se parecia mais com a deles, na sua maioria todos de famílias nucleares, houve casos de alunos que se identificaram prontamente com o caso da família divorciada, a reconstituída e a monoparental que são apresentadas no livro.

A esses alunos dei um pouco mais de destaque e de espaço para que pudessem falar mais sobre a sua experiência familiar e as semelhanças com a história que era contada no livro. Uma das alunas disse, de imediato, que a sua era como a primeira família do livro, dizendo que também ela tinha uma irmã do segundo casamento do pai (família divorciada e reconstruída) Também outra aluna se identificou com a família em que a mãe vive só com o filho (monoparental). Esta ainda referiu que tal como o menino, o que ela também gosta mais é de ir ao cinema com a mãe, que é uma das coisas que ela e a mãe costumam fazer juntas. Em relação aos casos de adoção, apesar de não termos nenhum caso direto na nossa turma, houve o testemunho de dois alunos sobre esta questão que foi muito interessante para o contributo da aula.

C: Em conheço casos de adoção professora. Eu: Sim C, então conta-nos, se quiseres. C: A minha tia foi adotada pelos meus avós quando ainda era pequenina. T: Eu também sei de um caso professora. Eu: E queres partilhar connosco T? T: Sim, o meu pai quando era pequeno foi adotado, só que ele conhece as suas duas famílias, a de adoção e a outra (biológica). (Notas de Campo, 17 de maio de 2017).

Estes dois testemunhos dados pelos alunos contribuíram muito para a aula, pois os restantes puderam verificar a proximidade de casos de diversidade que temos mesmo sem sairmos da nossa sala de aula.

Para findar o assunto, questionei as crianças sobre os sentimentos apresentados no livro, de felicidade e amor, questionando-os se nunca havia conflitos e sentimentos de tristeza nas famílias. Concluímos que, e tendo em conta alguns exemplos do livro, nem sempre é assim tão fácil e descomplicada a vivência familiar, por vezes, há situações difíceis de ultrapassar, como acontece aquando de um divórcio ou falecimento de algum familiar próximo. Houve inclusive a partilha por parte de duas alunas que se exprimiram dizendo estar contentes com o divórcio dos pais, pois assim ganharam um irmão e os pais já não brigavam mais.

Outros alunos referiram que não gostavam de ver os pais a brigar, mas que com quem eles mais se zangam costumam ser os irmãos, que às vezes andam à “bulha”, porque mexem nas coisas deles e eles não gostam ou porque estragam, mas que depois “fica tudo bem”.

- **Atividades propostas aos alunos com base no livro *Álbum de Famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas:**
- “Entrevista o teu colega para ficares a conhecer um pouco mais sobre a sua família”.

Para complemento da análise do livro, e tendo em conta a sua temática, propus aos alunos a realização de uma entrevista ao colega do lado, para ficarem a conhecer um pouco mais sobre o que de semelhante e de diferente existe entre eles, indo ao encontro da ideia original do livro.

Exemplos das entrevistas realizadas pelos alunos ao colega do lado:

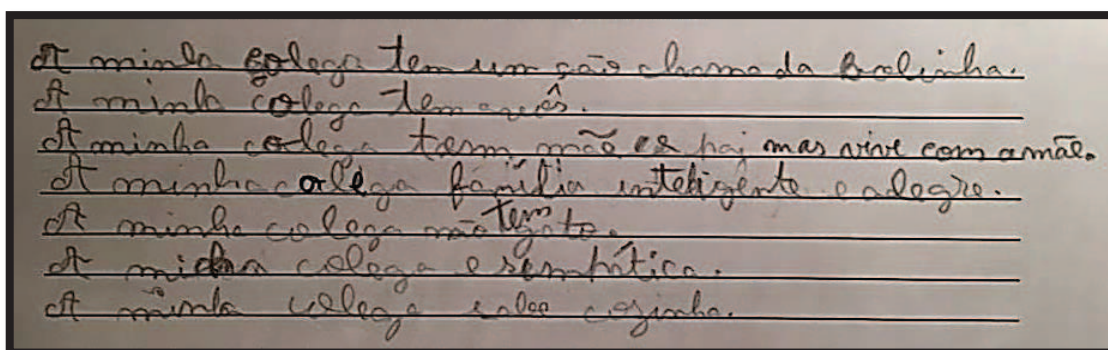


Fig. 67- Representação do aluno 1

O texto da primeira entrevista apresentado é um pouco mais simples na sua elaboração, em relação aos restantes, pois foi feito por uma das alunas com mais dificuldades da turma, mas que contém pormenores interessantes, como o facto de referir que a colega tem mãe e pai, mas **“vive com a mãe”**. E que em resposta à pergunta como é a tua família esta respondeu ser **“inteligente e alegre”** (fig.67).

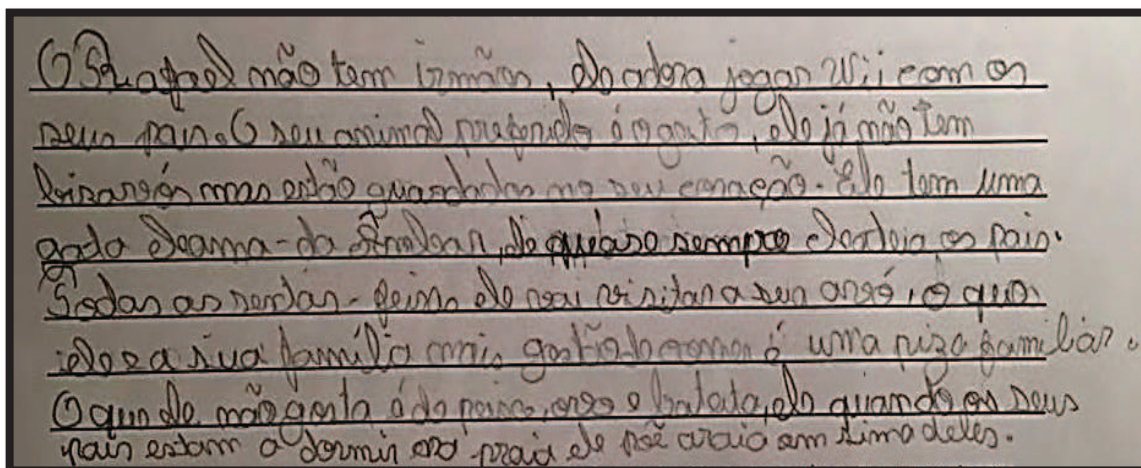


Fig. 68 - Representação do aluno 2

Esta segunda entrevista, enfatiza alguns pormenores interessantes que o “entrevistador” realçou, como o facto de o aluno já não ter bisavós mas que eles “estão guardados no seu coração”. Que “ele quase sempre chateia os pais”, relacionando aqui as desavenças familiares. Por último evidenciar que **“quando os seus pais estão a dormir na praia, ele põe areia em cima deles”**, um pormenor da interação familiar aliado às brincadeiras e aos momentos de descontração e lazer (fig.68).

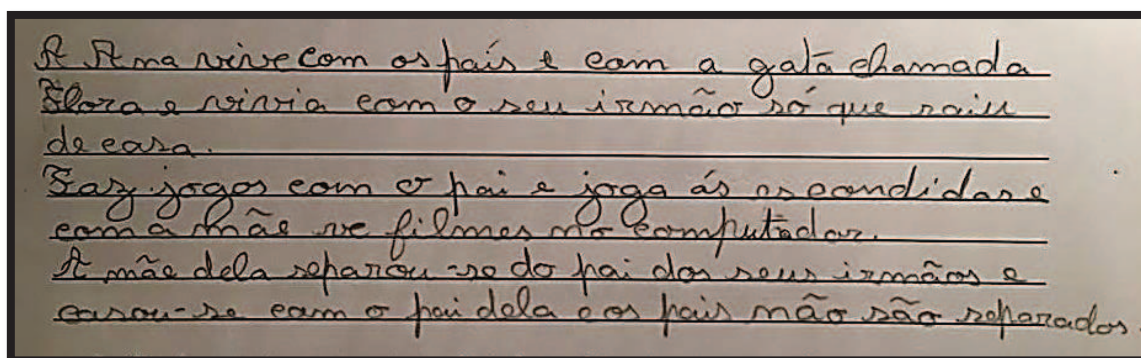


Fig. 69- Representação do aluno 3

A terceira entrevista apresentada fala de um aspeto que é muito importante na vivência familiar, a saída de um dos seus membros, neste caso de um irmão. A ausência de alguém que nos é próxima, aparenta que existe uma lacuna na família, que exige uma nova redefinição de papéis e de tarefas. Por fim, ressaltar a descrição da família feita pela aluna **“a mãe separou-se do pai dos seus irmãos e casou-se com o pai dela”**, isto porque a “entrevistada” integra uma família reconstruída (fig.69).

Em jeito de conclusão, constata-se que esta atividade permitiu que as crianças pudessem partilhar experiências e sentimentos relacionadas com a família, num colorido de narrativas.

Para finalizar, a análise da obra, foi pedido aos alunos que partindo das histórias exploradas através do livro, fizessem, em grupo, uma história com o objetivo da dramatização, na hora das expressões, tendo em conta o que tinham aprendido sobre o texto dramático em português e conjugando isso com o tema que estávamos a abordar no estudo do meio, os astros. Assim o espaço cénico teria de ser o espaço sideral.

Exemplos das peças criadas com o tema “Uma família no Espaço” (fig.70/fig 71):

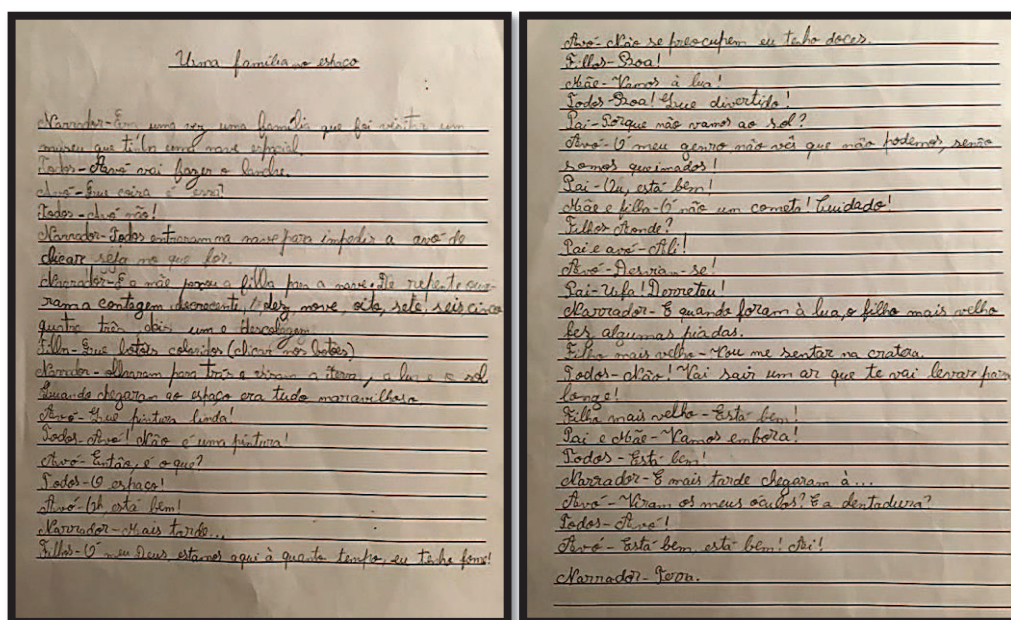


Fig. 70- Família Numerosa - Grupo 3

Transcrição do texto realizado pelo grupo 3 para a família numerosa (mãe, pai, avó e três filhos) no anexo 8.

Alguns tiveram algumas dificuldades em se lembrar do texto e ficavam um pouco atrapalhados tentando improvisar. Por essa razão, eu, a professora São e a Jéssica, o meu par pedagógico, juntamo-nos e fomos apresentar uma pequena peça improvisada aos alunos, para eles perceberem que, por vezes, mesmo sem o texto é possível contornar a situação, pois é isso que também os atores fazem, dando também sempre um “toque pessoal” àquilo que está escrito nos seus guiões.



Fig. 72- Alguns momentos das dramatizações feitas pelos alunos

1.2.2.6 Exercício de “Foto-Análise”

Para abordar, o tema da família na última semana de implementação, e tendo em conta o elemento integrador da semana, a máquina fotográfica, fiz com os alunos um exercício de “foto análise” que consistia na comparação de duas fotos de família, uma antiga e outra recente e na qual tinham de identificar as principais características que as distinguia.



Fig. 73- Exercício Foto-Análise

Na análise coloquei uma foto de uma família tradicional, caracterizada pelo numeroso número de filhos e na outra, uma família homoparental, de adoção, de uma criança de raça negra (fig.73). Dois opostos, de realidades espaço temporais muito distintas, pretendendo-se ressaltar, que o próprio conceito de família se foi alterando no tempo.

Em análise às duas fotos, os alunos identificaram de imediato que as famílias antigamente eram mais numerosas, e que eram constituídas essencialmente pelo pai, a mãe e os filhos, enquanto na foto mais recente, temos dois pais com uma filha de raça diferente da deles que veio de uma situação de adoção. Uma questão sobre a qual os alunos me questionaram que achei interessante foi: “Porque é que na foto do presente as pessoas estão a rir-se e contentes e na outra estão muito diretos e sérios?” Achei interessante esta análise, pois de facto antigamente, tirar fotos não era um ato banal e espontâneo como hoje em dia, mas rodeado de solenidade e presumo austeridade.

1.2.2.7 A minha Mãe anda estranha, de Ricardo Baptista

O livro *A minha mãe anda estranha*, de Ricardo Baptista, foi vencedor do prémio literário Maria Rosa Colaço, destinado à literatura infantil (fig.74).

Esta obra cessa a minha análise investigativa, com os alunos, abordando a temática do divórcio e a forma como a personagem principal gere a relação que tem com os seus

dois pais, o biológico e o de “coração”, retrata a aceitação do padrasto e por fim, da chegada de um irmão, fruto da nova relação.

O livro explora detalhadamente o processo de aceitação por parte de uma menina de 8 anos (mesma faixa etária dos alunos da turma), a Clara, de todas as modificações na forma de constituição da sua família. O livro é ainda dotado de uma linguagem muito própria, adaptado a qualquer crianças nesta faixa etária, o que o torna instigante e de agradável leitura, com vários momentos humorísticos.

O enredo da história tem início quando a Clara, não compreende a razão pela qual a mãe anda estranha, até que descobre que a sua estranheza se deve ao facto de esta estar à espera de um bebé. É nesta altura que a Clara vive vários dilemas que giram em torno da chegada do novo membro da família.

Sendo este um livro um pouco extenso, optei por fazer a sua leitura com algumas supressões. Tendo em conta o contexto familiar da turma e os vários momentos de análise e reflexão que fiz com esta sobre a temática da família, achei este um livro interessante por fazer uma aproximação às vivências familiares de, pelo menos, três alunos.



Fig. 74 - Capa do livro A minha Mãe anda estranha de Ricardo Baptista

Título: A minha Mãe anda estranha

Autor: Ricardo Baptista

Ilustração: Isabel Araújo

Editor: Edições Afrontamento

Sinopse: A Clara sente que algo se passa ultimamente com a sua mãe. Há imensas coisas que podem explicar isso, o que lhe desperta a curiosidade. Um dia, regressada da escola- e das chatices com as colegas que se armam- soube que o médico receitara à mãe repouso absoluto. O que será que se passa?

Intencionalidade Educativa: Este livro retrata de forma efetiva a relação de uma criança que vivia em situação de monoparentalidade maternal, onde depois é integrada uma figura masculina nessa relação o padrasto, que requer uma nova modificação na estrutura familiar. Na situação descrita a criança passa a ter uma relação de afeto designando-o de “pai do coração”. É representada também a sua relação com o “pai biológico” e retratada a sua relação no seio da família paterna, na qual tem uma “madrasta” que também gosta muito. O livro representa ainda a chegada de um irmão que vem modificar a sua configuração familiar novamente. Através do livro é possível fazer uma alusão à perspetiva de uma criança de 8 anos que vive a realidade de um

divórcio e como ela se reconfigurou perante as situações apresentadas. Este livro permite uma aproximação junto das crianças que vivem ou viveram esta realidade, criando oportunidades de abertura ao diálogo.

Antevisão do conteúdo da obra por análise do título

Questões para debate:

- Porque é que o título é *A minha mãe anda estranha*?
- As mães às vezes andam estranhas?
- Já viram a vossa mãe algum dia aparentar andar estranha?
- Porque é que isso terá acontecido?

Apenas com o título do livro conseguimos ter uma grande “discussão” sobre os motivos pelos quais os alunos acham que as mães andam estranhas, com apresentação de diversas ideias baseadas nas suas experiências. Algumas razões encontradas pelos alunos foram:

F. – A minha mãe anda estranha porque fica preocupada com as minhas alergias, e também por causa do IRS e das Finanças (Notas de Campo, 13 de maio de 2017).

Outras razões apresentadas pelos alunos foram: “**anda estranha porque parou de fumar**”; “estava a esconder-me uma coisa, por isso andava estranha”; “andava estranha, porque andava doente, por causa das vertigens”; “andou estranha por causa do trabalho, ficou três noites sem dormir”; “**andou estranha porque estava preocupada com as minhas notas**”; “andou estranha porque estava a esconder-me uma prenda de Natal”.

Em suma, percebemos que as crianças são sensíveis aos sinais emocionais e conseguem muitas vezes identificar as causas dos comportamentos. As suas respostas indiciam também que os pais vão partilhando preocupações e acontecimentos com os seus filhos.

Atividades propostas com base no livro *A minha Mãe anda estranha*, de Ricardo Baptista:

- Criação de um poema para a família, tendo como base para esta atividade, um excerto do livro *A minha mãe anda estranha* de Ricardo Baptista da página 10 e 11.
- Genograma

Abordamos ainda vários dilemas vivenciadas pela personagem do livro, que também alguns alunos disseram experienciar nas suas vidas, como por exemplo, o estarem fartos do bebê, o irmão ou irmã, sem ele ainda ter nascido, pois também eles se reviram, dizendo que estavam fartos e que os pais, avós e tios só falavam nele e já não lhes davam tanta atenção como eles queriam. Outro aspeto engraçado foi eles também dizerem que pensavam, tal como a personagem, em como seria a vida dos irmãos tendo sempre em linha de conta a sua idade e a que o irmão terá quando chegar à sua idade.

Este livro também permitiu explorar mais aprofundadamente as vivências familiares dos alunos que provêm de famílias divorciadas, e falar sobre a sua experiência. Alguns alunos referiram, que tal como a Clara, sentiam saudades do progenitor que se ausentou de casa. Ainda nesta questão, os alunos de famílias nucleares deram o seu contributo para a discussão, apesar de não ser a sua exata realidade, eles disseram que quando ficam longe dos pais porque vão para os avós ou para casa de outros familiares e amigos, durante algum período de tempo, sentem a sua falta.

R: Eu não tenho cá a minha mãe, vivo com o meu pai, mas sinto saudades dela. (Notas de Campo, 14 de maio de 2017)

Também foram referidos os casos em que um dos pais tem a necessidade de se ausentar por questões de trabalho, como era o caso de uma das alunas, em que o pai não está em casa durante a semana.

No geral, dos casos de famílias divorciadas, todos esses alunos disseram ter uma boa relação com a madrasta/ padrasto ou com os namorados/as dos pais.

- **Atividade: Poema**

Na análise do livro, evidenciamos um dos excertos que falavam sobre a forma como esta família expressava os seus sentimentos através de poemas que deixavam sob a forma de recado, em papéis, pela casa. Na generalidade os alunos acharam uma excelente ideia, no entanto, achei curioso um aluno dizer que não era muito boa ideia, pois “a casa ficava desarrumada”.

Em seguida, propus aos alunos que escrevessem, com base no livro, um poema aos pais para levarem para casa. Infelizmente não consegui guardar fotos dos resultados, dado que os alunos terminaram essa tarefa no final do dia e levaram logo os “post-its” para casa, no entanto, o *feedback* relatado pelos alunos permitiu perceber que os pais apreciaram o poema com entusiasmo e surpresa.

• **Atividade: Genograma**

Outra atividade proposta relacionou-se com o momento em que a personagem Clara faz a tentativa de realização do genograma da sua família, referindo que foi uma tarefa complexa pois tem “uma família espetacular, mas difícil de contar”.

Uma vez que o livro mostrava no final o genograma da personagem principal, sugeri aos alunos a construção do seu próprio genograma. Foi uma tarefa acolhida com algum entusiasmo apesar de ter suscitado dúvidas pela complexidade exigida na sua organização. Em seguida ficam alguns exemplos (fig.75- 80):

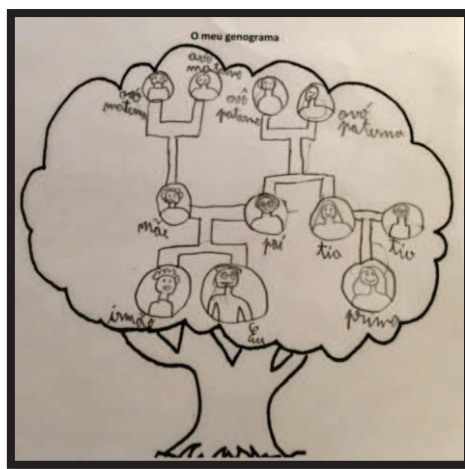


Fig. 75 -Família Tradicional

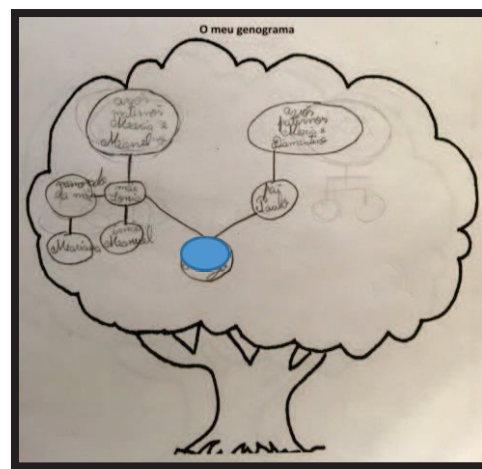


Fig. 76 - Família com um divórcio

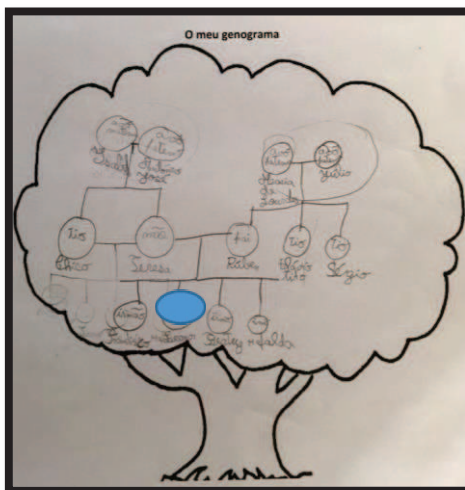


Fig. 77- Família Numerosa.

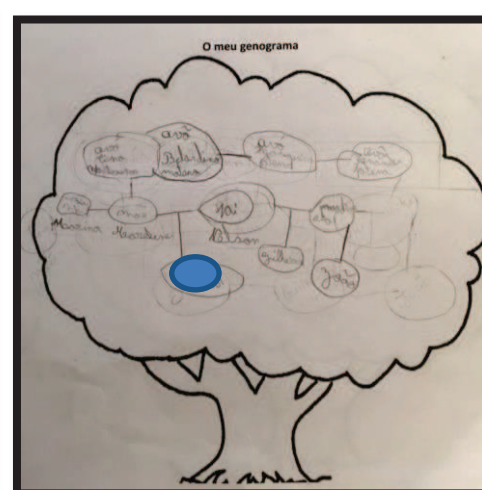


Fig. 78- Família divorciada e recasamento.

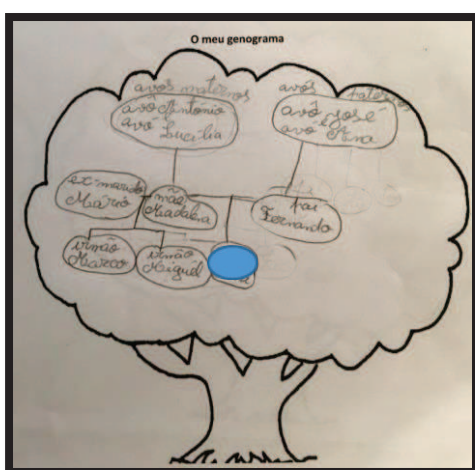


Fig. 79 - Família divorciada e recasamento.

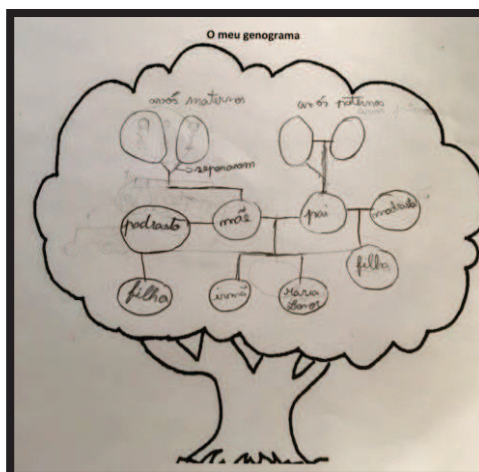


Fig. 80 - Família divorciada e reconstruída por ambos os progenitores.

1.2.2.8 Composição: “ O que é para ti uma família?”

Como forma de concluir as atividades relacionadas com a temática em análise, pedi aos alunos que fizessem uma composição sobre o que era para eles uma família. De uma forma geral, analisadas as composições, permitiu-nos verificar que os alunos compreenderam as novas “facetadas” das famílias atuais.

A família é um núcleo primário da sociedade, que possibilita o desenvolvimento dos sujeitos, apoiando-os tanto nos momentos gloriosos como nas derrotas; tendo como característica principal a interdisciplinaridade decorrente das relações complexas e plurais, que vão desde a doação de afetos a conflitos entre os membros. (Marchi (2011) cit. in Lopes (2016, p.22))

Para caracterizar a família os alunos usaram algumas das seguintes frases nas suas composições: “ **A família ajuda-nos quando não percebemos os trabalhos, quando estamos doentes, quando arranjamos um problema ou quando nos zangamos com os colegas**”; “A família também nos ajuda quando temos algum problema, quando estamos tristes e quando temos dificuldades em fazer alguma coisa. **Eu peço conselhos à minha família sempre que não sei o que fazer. A família ajuda-nos sempre!**”; “A família está sempre a ajudar-nos e a lutar por nós”. “Nas horas de alegria é com a família que se partilha, por isso, é a nossa melhor amiga e confidente, porque é com ela que podemos contar para tudo”. “A família dá-nos esperança dizendo coisas positivas quando há um problema.”

No geral, referiram os elementos que integram a estrutura familiar tecendo algumas considerações sobre mobilidades diversas: “Para mim uma família é: avô, avó, pai e mãe. Mas há crianças que não vivem com mãe e pai, elas podem viver com: duas mães,

uma mãe, um pai, dois pais e por vezes com avós e tios. **Os pais até podem não ter filhos, por isso, adotam-nos, mas isso não deixa de ser na mesma uma família**.” Também ainda sobre a adoção houve outra explicação interessante: **“Há filhos que são adotados, não têm os mesmos laços de sangue, mas isso não os impede de ser seus filhos, porque o que os une é o sentimento de amor, carinho e proteção.”**

Verificou-se também que as ideias identificadoras dos diferentes tipos de família se relacionam com o afeto, a partilha, e a cumplicidades construída na estrutura familiar. As crianças também compreenderam que apesar de as famílias pretenderem ser felizes, isso nem sempre é possível: **“A família também discute mas depois da discussão são amigos uns dos outros”**; **“Uma família também discute mas acabam todos por se entender”**; **“Por vezes zangamo-nos e discutimos, mas o que interessa é haver amor uns pelos outros e respeito”**.

Os alunos também compreenderam que a família nem sempre pode estar junta, mas que não é por isso que não é uma família ou não fazem parte dela, **“A minha família é grande e está dividida em vários sítios: Lisboa, Cabo-Verde, Coimbra, Alemanha, Porto e Castelo Branco.”**; **“Gostamos de ver filmes e de ver fotografias da minha família que está na China. Gostamos de ver a minha avó e os meus primos”**; **“Gosto de mandar mensagens à minha família distante e assim a distância fica mais curta”**.

Outros acontecimentos muito relatados foram os momentos em família, **“Eu especialmente gosto da Páscoa quando fazemos a caça aos ovos e o Natal porque vai quase toda a família para casa da minha avó e a comida nunca mais acaba, os avós contam histórias do seu passado e no fim as prendas”**; **“Para mim a minha mãe é fantástica porque me ajuda a fazer os trabalhos de casa. O meu pai brinca comigo, leva-me aos treinos de futebol e às vezes leva-me ao seu trabalho. O meu irmão brinca comigo e ajuda-me, os meus avós fazem coisas boas para comer e dão-me carinhos, os meus tios brincam muito comigo.”**; **“A coisa que gosto mais de fazer com os meus pais é ir à piscina. Com os meus avós é ler histórias de aventuras, com os meus tios é ir passear e com os meus primos é jogar futebol, ir ao cinema, andar de bicicleta, ir à praia e ir às compras”**.

Em jeito de conclusão, transcrevo os relatos que evidenciaram os laços afetivos presentes na representação da(s) família(s) que as crianças fazem: **“Para que a família fique unida é sempre necessário haver carinho e ajuda de todos. Só assim pode ser uma família feliz, pois é como se fossem um só.”**; **“Adoro a minha família, todos têm um lugar especial no meu coração e sei que para eles eu também sou muito importante”**; **“A minha família é feliz porque somos unidos e amigos uns dos outros”**; **“Para mim a minha família é muito especial e não a trocava por nada deste mundo”**; **“Adoro a minha família principalmente os meus pais”**; **“Eu gosto muito da minha família e sem ela não seria nada”**; **“Unimos o coração, a partilha, a felicidade e a tristeza. E todos têm uma família diferente, mas todos nós somos felizes”**; **“Uma família é ternura e muito amor entre todos”**.

***ANEXO 7**, composições feitas pelos alunos e breve análise a esses (exemplos).

2 Análise das entrevistas semiestruturadas realizadas aos cooperantes

Em complemento da minha investigação, foram realizadas duas entrevistas aos professores cooperantes das turmas de 3ºano da Escola João Roiz. Com esta entrevista pretendeu-se saber a sua opinião sobre o impacto das disfunções familiares sobre o bem-estar e desenvolvimento das crianças e como eles, como docentes, lidam e reagem perante essas situações.

Segundo Szymanski (2004) a entrevista tem sido considerada como um “encontro entre duas pessoas”, que tem como finalidade obter informações e/ou dados sobre algum assunto, através da conversação de natureza profissional.”

Para a descrição e análise dos dados das entrevistas serão colocadas as respostas dos professores entrevistados par a par com a questão.

Relativamente à primeira questão **“Tendo em conta os seus anos de experiência profissional, qual a sua opinião sobre a influência da família no processo de aprendizagem das crianças?”** Pudemos verificar que ambos os professores acreditam ser essencial que a família seja o pilar do aluno, se uma família for “unida e estável” e “bem estruturada”, isso irá refletir-se no comportamento do aluno na escola (fig. 81).

	Professora Conceição	Professor Mário
1º Questão – Tendo em conta os seus anos de experiência profissional, qual a sua opinião sobre a influência da família no processo de aprendizagem das crianças?	A família é essencial para o desenvolvimento das crianças assim como das suas aprendizagens. Uma família unida e estável cria filhos estáveis, seguros e confiantes.	Uma família bem estruturada e com regras claras são sem dúvida uma forte influência no processo das aprendizagens e ainda na consolidação das mesmas.

Fig. 81- Entrevista - Questão 1

As respostas à segunda questão, **“Na sua turma existem casos de diferentes configurações familiares e quais esses casos?”** permitem identificar a presença de configurações familiares diferenciadas, sendo que o caso de famílias divorciadas é o que é apresentado em ambas. Esta configuração acaba por ser a mais representada, não só nessas turmas analisadas, mas de uma forma geral, em todas as escolas (fig. 82).

Professora Conceição	Professor Mário
<p>2º Questão – Na sua turma existem casos de diferentes configurações de famílias. Quais são esses casos?</p>	

Fig. 82- Entrevista - Questão 2

As respostas à 3ª questão: **“Em casos de famílias em que ocorrem casos de divórcio ou de recasamento, sente que a criança deixa de ser acompanhada pelo progenitor que sai de casa ou mantém-se igual a preocupação de ambos os progenitores?”** Permitem verificar que nestas turmas, a preocupação com os filhos se mantém por parte das duas figuras parentais, no entanto, a professora Conceição realçou que “tenho conhecimento que nem sempre é assim” (fig. 83). Isto porque em muitas turmas, o progenitor que sai de casa deixa de estar tão presentes na vida do filho e afastando-se dos seus deveres. “Em muitos casos, os homens “abandonam” os filhos depois da separação, mas também ocorrem as situações em que os pais encontram nas mulheres uma barreira na relação com os filhos” (Vitorello, 2011, p.1).

Segundo a cláusula n.º6 do artigo 43.º do estatuto do aluno, da Associação para a Igualdade Parental: “Estando estabelecida a residência alternada com qualquer um dos progenitores, deverão estes decidir, por acordo quem exerce as funções de encarregado de educação. Na falta desse acordo, o exercício das funções de encarregado de educação é decidido pelo tribunal.”

Apesar de apenas um dos progenitores necessitar de “dar o nome” para exercer o seu papel de encarregado de educação, este deve estar sempre atento ao desenvolvimento gradual do seu educando para que este ocorra de forma natural. Para isso os progenitores precisam esforçar-se para desempenharem o seu papel de educadores em regime de coparentalidade. Gasper & al (2008) cit. in Teixeira (2014, p.16) define o conceito de coparentalidade como a relação parental cooperativa e construtiva com o ex-companheiro para o bem-estar dos filhos, de forma a ambos a participarem de forma ativa na educação dos filhos.

	Professora Conceição	Professor Mário
3ª Questão - Em casos de família em que ocorrem casos de divórcio ou de recasamento, sente que a criança deixa de ser menos acompanhada pelo progenitor que sai de casa ou mantém-se igual a preocupação por ambos os progenitores?	Nos casos que tenho neste momento, a preocupação mantém-se por ambos os progenitores. Mas tenho conhecimento que nem sempre é assim.	A preocupação é mantida por ambos.

Fig. 83- Entrevista - Questão 3

Em resposta à questão 4, “**Quais são os primeiros comportamentos revelados pelos alunos na escola, quando existem problemas familiares?**” os professores referem a instabilidade, a indisciplina, a agitação e a fragilidade como os comportamentos mais demonstrados pelos alunos nestas situações (fig. 84).

Apesar de o divórcio ser visto já como algo comum, sempre que acontece nas famílias, acaba por trazer transtornos para ambas as partes, e no caso da criança, pode deixá-la insegura e com um sentimento de solidão e algumas vezes de abandono, mesmo quando não existem razões objetivas que os justifiquem.

Já em situações de morte de familiares próximos, esta é muitas vezes uma experiência traumática e dolorosa para as crianças, e que merece toda a atenção dos docentes, dada a delicadeza do tema. “Determinadas experiências infantis, como maus tratos emocionais por parte dos pais ou cuidadores, perda dos pais, seja por separação (divórcio) ou por morte de algum deles, podem resultar em prejuízos duradouros no desenvolvimento das crianças e adolescentes, comprometendo a vida adulta”. (Heim & Nemeroff, 2001 cit. in Souza & Baptista, 2008, p.212)

	Professora Conceição	Professor Mário
4ª Questão – Quais são os primeiros comportamentos revelados pelos alunos, na escola, quando existem problemas familiares?	Instabilidade, fragilizados e por vezes indisciplinados.	Alunos agitados e emocionalmente fragilizados.

Fig. 84- Entrevista - Questão 4

Questão 5: **“Como docente, quais as medidas que toma quando é informado que uma criança se encontra com problemas em casa, ou está a passar por situações difíceis que afetam o seu desempenho?”** Em ambas as entrevistas os professores destacaram que essencialmente é necessário ser tolerante com o aluno e compreender a sua situação, ao mesmo tempo que é importante dialogar com ele para que ele possa desabafar os seus problemas. Em outra abordagem mais prática, o professor Mário refere a importância de manter o aluno ocupado, permitindo-lhe investir e concentrar-se em tarefas prazerosas que o libertem dos sentimentos de abatimento e tristeza (fig. 85).

	Professora Conceição	Professor Mário
5ª Questão- Como docente, quais as medidas que toma quando é informado que uma criança se encontra com problemas em casa, ou está a passar por situações difíceis que afetam o seu desempenho?	Devemos estar sempre atentos aos sinais dialogar com a criança de modo a que ela confie em nós e desabafe os seus problemas, e ser mais tolerante.	Ser tolerante e ficar atento aos seus comportamentos. A atribuição de tarefas dentro da sala de aula e fora desta, mantendo a criança ocupada e útil iria minimizar qualquer problema resultante da disfunção familiar.

Fig. 85- Entrevista - Questão 5

Questão 6: **“O que considera ser importante os pais fazerem em termos de acompanhamento escolar, para que uma separação não afete tão drasticamente o desempenho escolar dos filhos?”** Os professores acreditam que é necessário que os pais, embora tenham as suas desavenças, essas não afetem os alunos diretamente na escola, e que para isso devem ambos acompanhar o seu processo e serem cordiais neste aspeto. A professora Conceição ressaltou ainda um pormenor também muito importante, que acontece em muitos casos, mas da parte dos alunos, que é o facto de eles tentarem tirar vantagem desses momentos de fragilidade dos pais para “lucrarem” com isso, não fazendo os trabalhos de casa, fazendo birras em casa e na escola, usando os pais como pretexto para não trazerem o material para as aulas dizendo coisas como: “ficou em casa do meu pai no fim de semana e não trouxe”. Estas situações até podem ocorrer e ser verdade, mas que devem ser tomadas em consideração, quando começam a ser repetitivas e usadas muita vez como desculpa (fig.86).

O trabalho desenvolvido em conjunto entre a escola e a família, a interação entre ambas, assumindo as diversas e diferentes tarefas, contribui para que a criança tenha sucesso como ser humano e aluno. Para o desenvolvimento integral da criança, a interação entre a família e a escola constitui uma necessidade para ambas as instituições. Quando estas interagem

permanentemente, facilitam os papéis da escola e da própria família na construção da consciência da criança – aluno. (Lopes, 2014, p.41)

	Professora Conceição	Professor Mário
6º Questão – O que considera ser importante os pais fazerem em termos do acompanhamento escolar, para que uma separação não afete tão drasticamente o desempenho escolar dos seus educandos?	Devem acompanhar os filhos o mais próximo possível. Dialogar um com o outro de modo a tomarem as mesmas decisões e caminharem na mesma direção em relação aos filhos. E os filhos não aproveitarem as desavenças para fazerem chantagem com os pais.	Acompanhar a criança de igual forma e equilibrada mantendo a exigência e responsabilidade centrada nas atividades da escola.

Fig. 86- Entrevista - Questão 6

Questão 7: “Com o surgimento de cada vez mais casos de novas famílias, em que o padrão de família tradicional perde significado, acha importante explorar esta temática com os alunos?” Em resposta a esta questão, mais diretamente relacionada com a temática em análise da nossa pesquisa, ambos os professores acham que este assunto deve ser tratado, apenas, quando os casos surjam na turma e quando isso acontecer é importante ser trabalhado com normalidade (fig. 87).

	Professora Conceição	Professor Mário
7º Questão - Com o surgimento de cada vez mais casos de novas famílias, em que o padrão de família tradicional perde significado, acha importante explorar esta temática com os alunos?	Essa temática deve ser trabalhada à medida que for surgindo e tratada com normalidade.	Será importante explorar a temática sempre que aparecer casos na turma.

Fig. 87- Entrevista - Questão 7

Em resposta à questão 8, “ Explorar através da literatura infantil, questões como a das novas famílias é uma boa prática para trabalhar temas mais delicados. Como acha que esta prática se aproxima da realidade dos alunos?” Os professores consideram que este meio é uma forma de aproximação da realidade da vida às crianças, e uma forma de elas se reverem nessas histórias, sentindo abertura para falar sobre os temas mais a vontade, não apenas o das novas famílias, mas qualquer outro tema, nomeadamente os mais complexos e “delicados” (fig.88). Através

da literatura infantil “a criança é sensibilizada para a existência positiva da diferença, compreendendo que o mundo pode ser percebido de múltiplas formas, formas essas que, apesar da sua diferença e diversidade, são igualmente legítimas e importantes na própria definição do homem e no seu processo de estabelecimento de relações intersubjetivas”. (Azevedo, 2007,p.35)

	Professora Conceição	Professor Mário
8º Questão- Explorar, através da literatura infantil, questões como a das novas famílias, é uma boa prática para trabalhar temas mais delicados. Como acha que esta prática se aproxima da realidade dos alunos?	É importante usar a literatura infantil para explorar qualquer tema. Mais importante será se esse tema for delicado. As crianças podem rever-se nessas histórias e sentir abertura para falar sobre o tema mais à vontade.	A literatura infantil sempre foi e será um meio para aproximar realidades.

Fig. 88- Entrevista - Questão 8

Na questão 9, “**Sendo que a nossa sociedade apresenta cada vez mais casos de relacionamentos homossexuais, com filhos, como acha que esta questão deve ser trabalhada nas escolas?**” “Em geral os professores consideram que este deve ser um assunto trabalhado com abertura e sem tabus reforçando a ideia do importante papel que nestas situações a literatura infantil pode assumir como elemento didático benéfico para a exploração do tema (fig.89).

	Professora Conceição	Professor Mário
9º Questão- Sendo que a nossa sociedade apresenta cada vez mais casos de relacionamentos homossexuais, com filhos, como acha que esta questão da homossexualidade deve ser trabalhada nas escolas?	Esses temas devem ser trabalhados nas escolas com a maior abertura possível e a literatura infantil é um bom meio para chegar a essa crianças e levá-las a compreender os temas que pretendemos.	Os diferentes tipos de relacionamento deverão ser tratados nas escolas sem tabus. A literatura infantil será sempre um ponto de ancoragem para que esses temas sejam tratados em contexto da sala de aula.

Fig. 89- Entrevista - Questão 9

A questão 10 apresenta-se dividida em duas partes, a primeira **“Considera que os estereótipos das crianças em relação a homofobia vêm maioritariamente de casa?”** Ambos consideram que sim, uma vez que é a primeira fonte de formação das crianças em relação ao meio. “A primeira comunidade de aprendizagem a que pertencemos é a família, o grupo social da infância” (Gadotti, 2007, p.12). À segunda parte da questão, **“Como pode a escola ajudar a desmistificar esses estereótipos?”** A professora Conceição considera que é difícil, por vezes, mudar esses estereótipos que já vêm pré formados pelas crianças destas idades, no entanto, que a escola é o vínculo ideal para reeducar este tema. Já o professor Mário considera que a escola poderá ajudar desmistificando o preconceito, voltando a referir que a literatura infantil ajuda muito nestes casos (fig. 90).

	Professora Conceição	Professor Mário
10ª Questão- Considera que os estereótipos das crianças em relação à homofobia vêm maioritariamente de casa?	Vêm de casa e da sociedade em geral.	Qualquer estereótipo das crianças em relação a qualquer assunto é fruto do conhecimento que a criança tem de si própria e dos outros e do mundo. Naturalmente, começou em casa.
10.1. Como pode a escola ajudar a desmistificar esses estereótipos?	Por vezes, é difícil desmistificar os estereótipos mas a escola pode ver o vínculo ideal para a desmistificação desses temas.	A escola poderá ajudar desmistificando o preconceito que cada um tem sobre a temática. A literatura infantil ajudará muito.

Fig. 90- Entrevista - Questão 10

Na questão 11, **“ Em casos de famílias monoparentais órfãs, qual a sua posição em relação à habitual tradição de fazer a prenda do dia da mãe ou do dia do pai, nas escolas?”** Os docentes consideram que esta prática deve manter-se pois faz parte da tradição e os alunos gostam sempre de presentear os pais nestes dias com aquilo que fazem na escola, no entanto, é triste e preocupante quando um deles não tem já um dos seus progenitores neste dia, como é o caso de uma das alunas da professora Conceição, por isso ela toma como atitude deixar essa decisão ao critério da criança, e se ela demonstrar vontade em fazer a prenda, faz e oferece a quem quiser, no caso da aluna da professora Conceição, o pai arranhou-lhe uma caixa, onde ela coloca todos os postais e coisas que faz para a mãe. Já o professor Mário, também considera que primeiro deve conversar-se com o aluno para saber o que ele pretende, e se se demonstrar disponível pode depois oferecer a alguém que lhe seja próximo (fig. 91).

Foi possível constatar que na turma da professora Conceição onde realizei a PES existiam certos assuntos que “mexiam” muito com a criança órfã de mãe, e que tínhamos de ter em atenção, agindo com sensibilidade mas sem tabus sobre o assunto.

Uma vez que o dia da mãe coincidiu com o tempo em que realizamos a nossa PES, deu para perceber como a aluna se sentia mais sensível nesta semana, pois muitos colegas iam para a biblioteca fazer desenhos para a mãe e só falavam disso, e ela apesar de também ir com eles para a biblioteca na hora de almoço e fazer, falava deste assunto de uma forma especial e às vezes com o olho “húmido”, relatando a forma como guardava tudo numa caixa em casa.

	Professora Conceição	Professor Mário
11ª Questão- Em casos de famílias monoparentais órfãs, qual a sua posição em relação à habitual tradição de fazer a prenda do dia da mãe ou do dia do pai nas escolas?	As prendas podem e devem ser feitas e a tradição deve manter-se, o mais preocupante são as crianças órfãs, essas sim são mais complicadas, mas mesmo assim a criança deve fazer a prenda se demonstrar vontade para isso e oferecer a quem quiser.	Nos casos de crianças órfãs de pai ou mãe deverá saber se o aluno está disponível (conhecendo o aluno) e levar a criança a oferecer a prenda a um adulto que esteja muito próximo afetivamente.

Fig. 91- Entrevista - Questão 11

Em síntese, na maioria das situações apresentadas, os professores encontravam-se em sintonia sobre a forma como as diferentes configurações familiares se encontram ligadas à maneira como o aluno age na escola e como o professor tem de ser muitas vezes, professor, pai e psicólogo nestas situações.

Os professores, principalmente os professores do primeiro ciclo, são as pessoas com quem os alunos passam mais tempo, por isso veem neles uma pessoa em quem podem confiar, um apoio. O professor deve ser uma figura de suporte emocional e securizante para os seus alunos. “Quando uma criança tem uma relação afetiva positiva com a escola e gosta do professor, da professora, pode aprender com mais facilidade: o afetivo e o cognitivo são inseparáveis” Gadotti (2007, p.59). Desta forma, as faltas de atenção e os maus comportamentos na sala de aula também são apaziguados pela figura docente, pois o aluno tem respeito e carinho por esta. De igual forma que se o aluno tem problemas em casa, a escola também é um local onde o aluno se sentirá bem e seguro, sabendo que existem pessoas que o apoiam e com quem pode contar. Mas como ambos os professores referiram nas suas entrevistas, é importante que os alunos confiem no professor e o respeitem, se não houver confiança e amizade entre eles e o aluno, isso refletir-se-á na sua insatisfação e incómodo em estar num local onde não se sente bem, não se sente confortável nem seguro. No contexto escolar, podemos ver o aluno passar de situações de apatia e incómodo para situações de boa disposição, participação e interação com os colegas, mesmo que ao início do dia venha afetado e fragilizado, com a interação com os colegas e o decorrer das aulas, é como se se

“esquecesse” temporariamente dos seus problemas. Segundo o anexo nº2, II, 2º l, do perfil do professor de primeiro ciclo de ensino básico, apresentado pela Direção Geral de Educação, o professor de 1ºciclo: “Relaciona-se positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade, proporcionando, nomeadamente, um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afectivo que predisponha para as aprendizagens.” Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto.

3 Apresentação dos resultados relativos à análise aos questionários dos encarregados de educação

Os resultados apresentados foram organizados com base nas informações recolhidas na análise aos questionários feitos aos encarregados de educação, da turma do 3ºA, da Escola João Roiz, com a finalidade de serem um complemento da pesquisa para a investigação do relatório de estágio. Apenas um dos encarregados de educação não facultou a entrega do inquérito por questionário, pelo que a amostra apresentada será referente a 28 encarregados de educação. (Apêndice 9 – Questionário aos encarregados de educação)

Em análise aos gráficos 1 e 2, podemos concluir que a maioria dos encarregados de educação que responderam ao questionário foram pessoas do sexo feminino e que o estado civil dominante destes é “casado”.

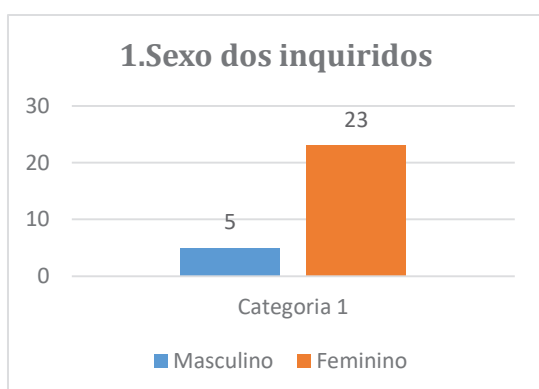


Gráfico 1- Questão 1

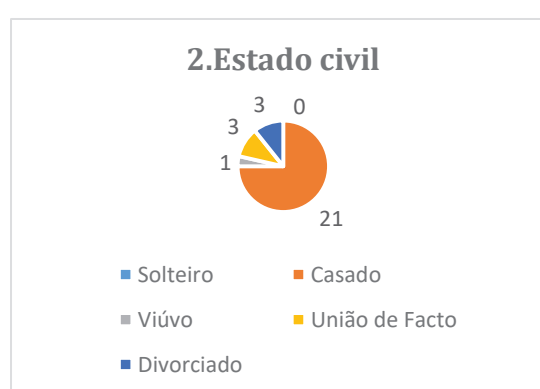


Gráfico 2- Questão 2

Através da análise aos gráficos 3 e 4, podemos concluir que a maioria dos encarregados de educação tem conhecimento sobre o que são as novas famílias e ao que se refere este termo. Podemos ainda verificar no gráfico 4 que a maioria dos inquiridos assume uma posição de “indiferente” quanto a possibilidade de constituição

de famílias homossexuais, sendo que apenas 4 dos inquiridos se manifestaram contra e 6 a favor.

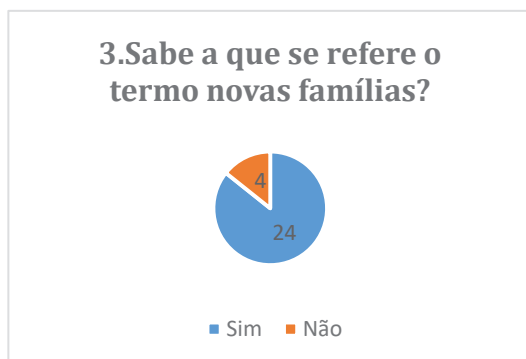


Gráfico 3-Questão 3

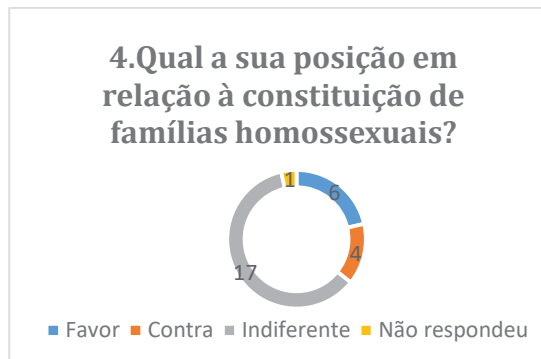


Gráfico 4-Questão 4

No gráfico 5, em resposta à questão 5, apenas 2 encarregados de educação acham que não é importante que temas como a homossexualidade sejam abordados na escola. Apenas um desses encarregados de educação justificou a sua resposta dizendo: **“Primeiro deve ser uma temática educada em casa para que seja visto de uma forma mais real e natural”**. Os restantes encarregados de educação que responderam afirmativamente justificaram a sua resposta dizendo: **“As crianças costumam rejeitar o que não conhecem”**; **“Quanto mais informados os alunos estiverem, melhor estarão preparados”**; **“Para que os filhos das famílias homossexuais não sejam rejeitados”**; **“Para que esses filhos não sejam gozados, desprezados, metidos à margem...”**;
 Porque não só em casa como nas escolas devem explorar essa temática, para manter a igualdade entre hétero e homossexual, para que os nossos filhos não se sintam diferentes dos outros.”; **“Para que este tipo de situações sejam encaradas com naturalidade, evitando assim a discriminação destas crianças”**; **“ Para as crianças conhecerem as várias realidades e saberem aceitar as mesmas”**. **“Para que as crianças entendam que o importante é ter uma família, independentemente dos géneros que as constituam, terminando com os preconceitos estabelecidos pela própria sociedade”**; **“Para dissipar sentimentos como a homofobia, evitar a exclusão e o bullying de que muitas vezes essas crianças são vítimas. A exploração desta temática com os alunos vai fazer com que estas mudem ideais e comportamentos em casa”**; **“Porque existe sempre a possibilidade das crianças poderem contactar com esses tipos de famílias e assim já havia informação anterior”**; **“Crianças**

provenientes dessas famílias não devem ser estigmatizadas, no entanto, não se deve dar a entender às restantes crianças que é indiferente casar com pessoas do mesmo sexo, ou não. As crianças devem respeitar a diferença, mas perceberem quais os padrões normais.”

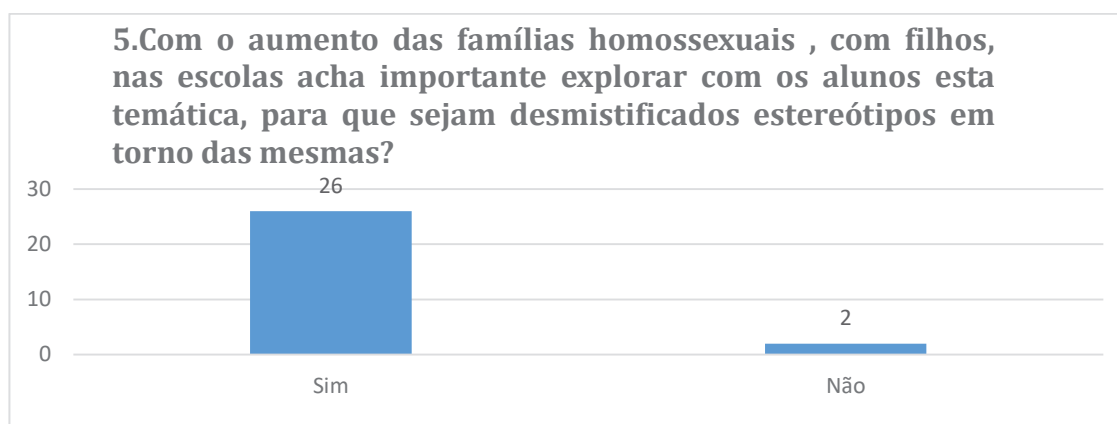


Gráfico 5-Questão 5

Em resposta a questão 6, a grande maioria dos encarregados de educação considera que abordar temas “difíceis de explicar” com as crianças através da literatura é uma boa ferramenta para desmitificar esses conceitos (gráfico 6).

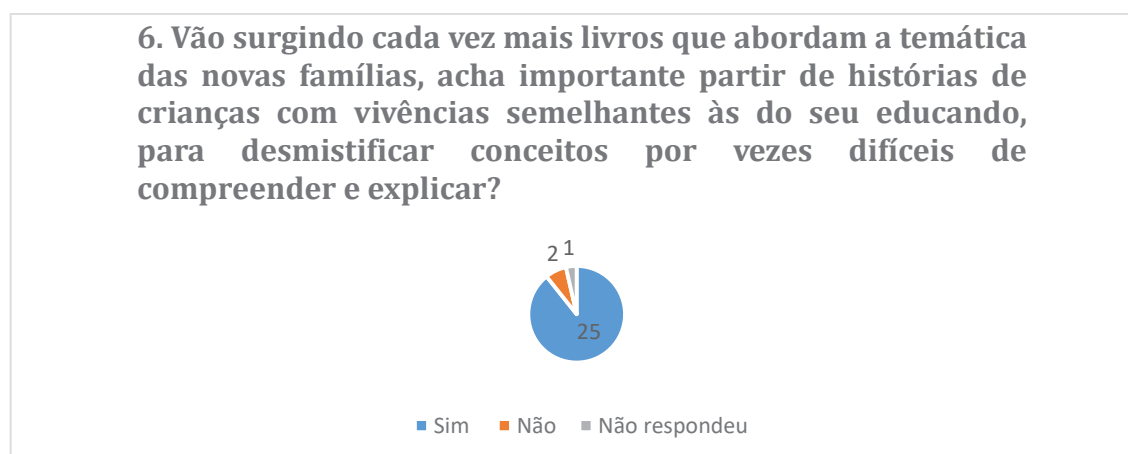


Gráfico 6-Questão 6

A questão 7 pretendia identificar o conhecimento que os pais tinham de livros infantis sobre a temática das novas famílias. Como se constata no gráfico abaixo apresentado, quase nenhum encarregado tem conhecimento sobre as obras destinadas

à explicitação desta temática. A única pessoa que respondeu que sim, que conhecia, não especificou que obras eram do seu conhecimento (gráfico 7).

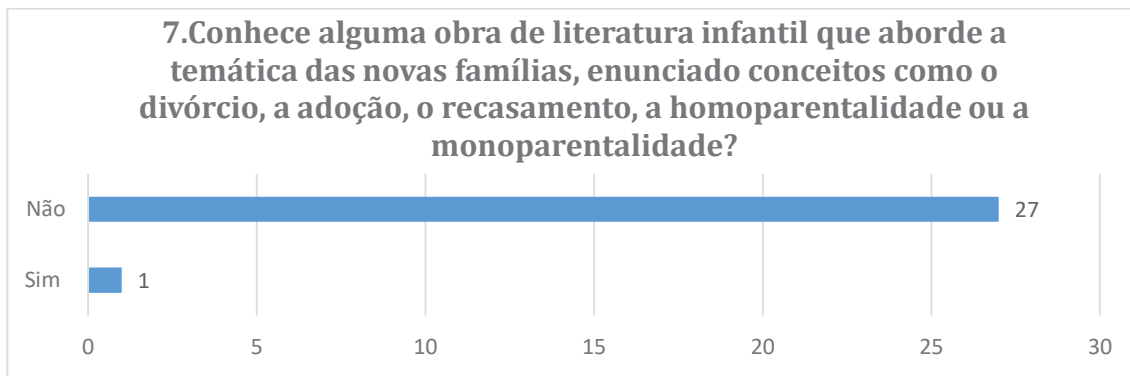


Gráfico 7-Questão 7

À questão 8 foi dada a possibilidade aos encarregados de educação de assinalarem mais do que uma opção de resposta. Em análise ao gráfico podemos verificar que os encarregados de educação assinalam quase todas as opções mas as mais valorizadas na construção de estereótipos sobre o mundo são a família e a televisão (gráfico 8).

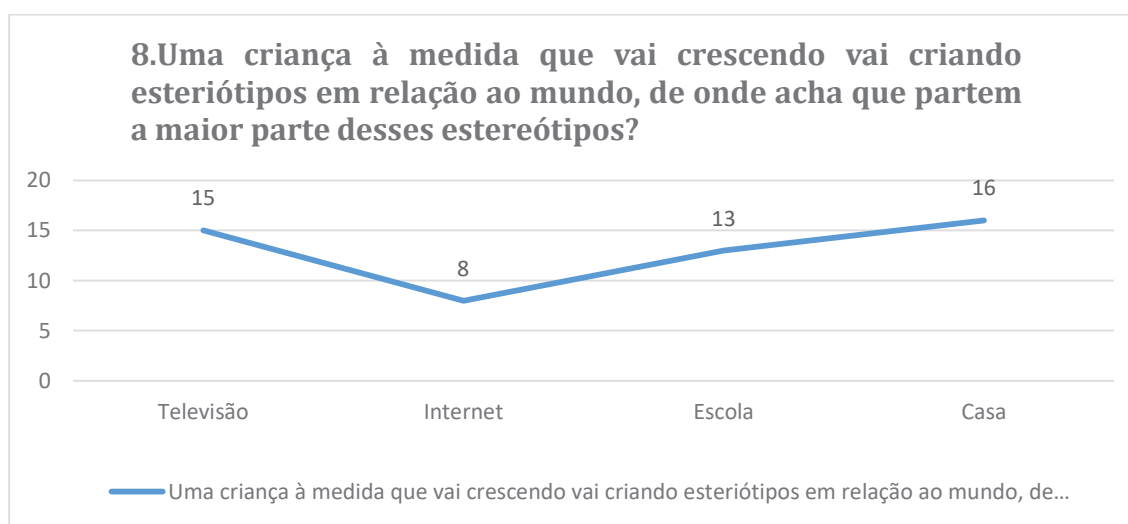


Gráfico 8-Questão 8

Em análise ao gráfico 9, a maioria dos encarregados de educação, 24 contra 4, considera que é papel da escola, como formadora de cidadãos com valores, abordar temas que ajudem a desconstruir estereótipos, em prol de uma igualdade nos direitos e deveres de cada um de nós.

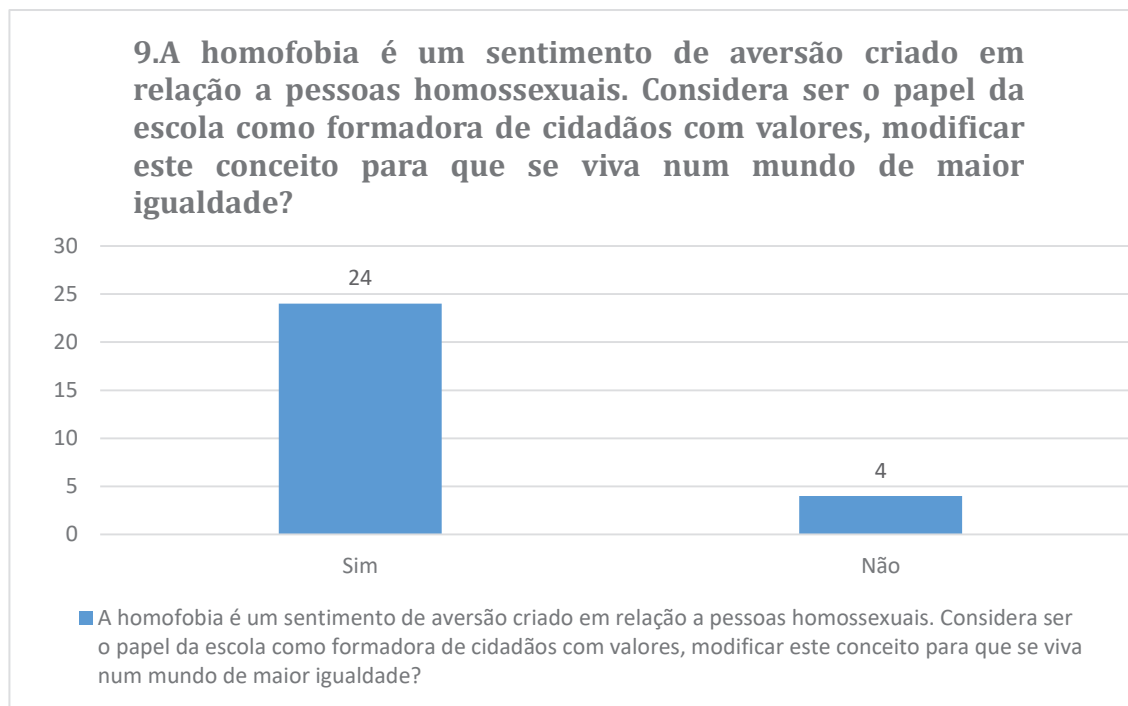


Gráfico 9-Questão 9

Em análise ao gráfico 10 verificamos que todos os encarregados de educação, sem exceção, consideram é importante ajudar todos os jovens que se sintam diferentes em relação àquilo que é a norma para que estes sejam igualmente respeitados.

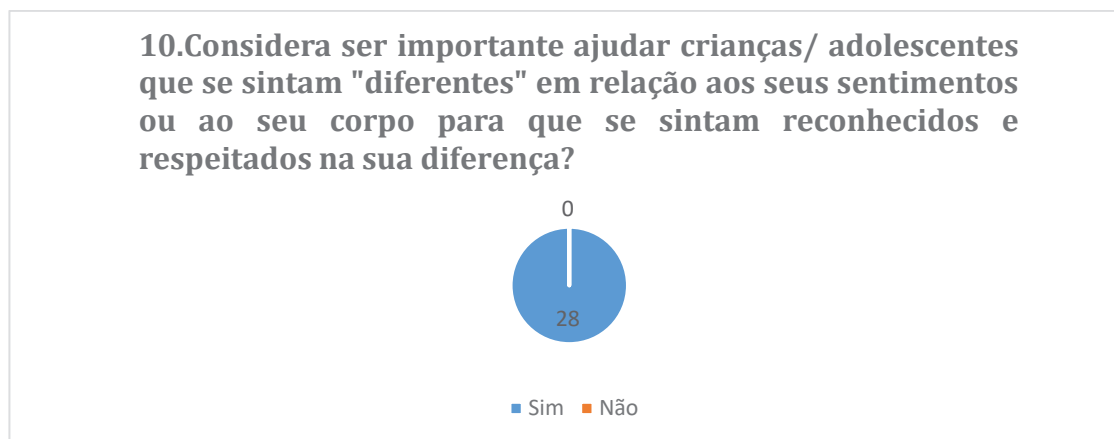


Gráfico 10 - Questão 10

Novamente no gráfico 11, existe unanimidade na resposta, todos os encarregados de educação, sem exceção, consideram ser importante explicar às crianças a diversidade nas formas de expressão dos afetos que existem entre os membros da nossa sociedade para que todas essas formas de afeto sejam compreendidas e respeitadas.

11. Considera ser importante explicar às crianças desde cedo a diversidade nas formas de transmissão dos afetos entre membros da nossa sociedade, para que se criem cidadãos informados e respeitadores da diferença?



Gráfico 11-Questão 11

A questão 12 interrogava os pais sobre o papel do professor na ajuda à amenização de problemas familiares que afetam o aluno na escola, esta que obteve 5 “Nãos” (gráfico 12). Tendo em consideração algumas das respostas às questões anteriores não era expectável este resultado, contudo pensamos que o facto desses sujeitos nunca terem vivenciado situações de algum impacto emocional impede a compreensão e a relevância do apoio que a criança pode receber no contexto escolar.

Por outro lado, a nossa cultura continua a perpetuar uma conceção que remete para a esfera da família a vivência e a partilha de sentimentos e emoções, considerando que a escola é um espaço centrado nas aprendizagens. Nesse sentido alguns pais têm ainda dificuldade em compreender a relação entre os bloqueios emocionais e as dificuldades de aprendizagem e os problemas de concentração.

Em complemento à questão 12, pedia aos encarregados de educação que respondessem “Sim”, para dizerem como o professor podia ajudar, tendo sido estas algumas das respostas dos pais: “Conversar com o aluno, uma vez que estão na escola a maior parte do dia. Seria uma ajuda”; “Por vezes uma simples conversa, o saber que ouvir e demonstrar ao aluno que está ali para o apoiar é o suficiente”; “Através do acompanhamento e do diálogo”; **“Confortando a criança, tentando através de livros ou técnicas educativas amenizar a situação”**; “Tentando ajudar, como elemento exterior, a fazer com que a criança exprima os seus sentimentos e os entenda.”; “O professor poderá ajudar a amenizar o impacto mas os progenitores também deverão contribuir”; “Dando-lhe apoio e conversando sobre a realidade da vida”; **“Apoiando o aluno e contactando mais os pais para os manter informados sobre o que se passa com o seu educando”**; “Através do diálogo e estar atento a sinais de risco”; “Conversando com o aluno, relatando ao encarregado de educação o comportamento do aluno (para que este possa comunicá-lo ao psicólogo), sugerindo-lhe um psicólogo, etc...”; **“Porque fora do ambiente familiar é o professor aquele que desempenha o papel, não só pedagógico, mas também amigo, e atento ao desenvolvimento da**

criança.” “Complementar o apoio que existe em casa”, “Agindo normalmente e falando abertamente explicando sem tabu ou diferenciando a criança, (em todos os assuntos).”

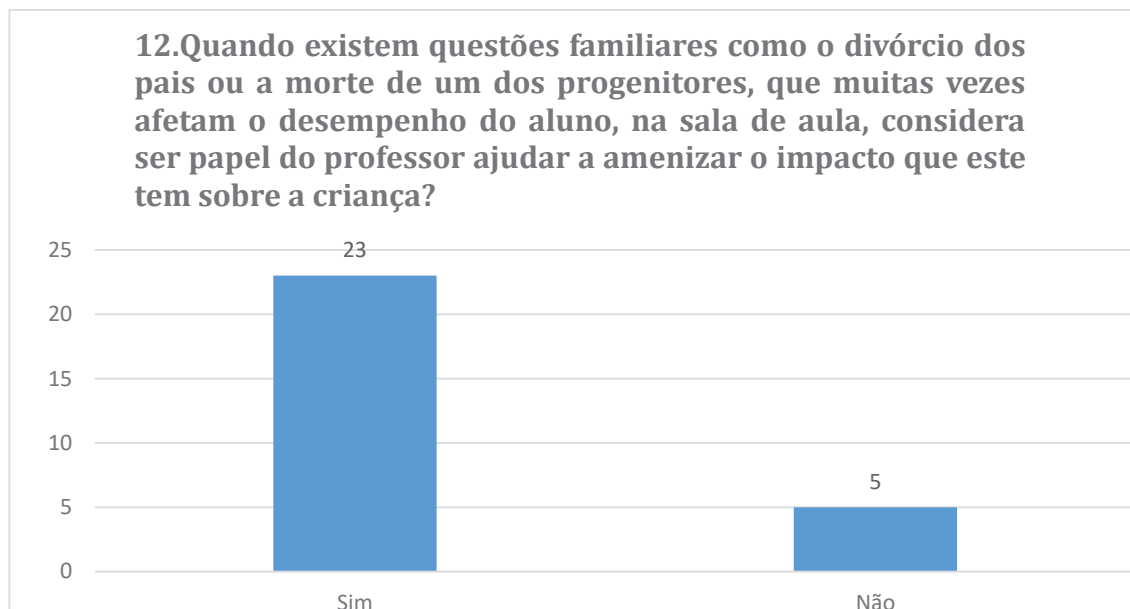


Gráfico 12-Questão 12

Em síntese, tendo em conta que a maioria dos encarregados de educação que responderam ao questionário foram mulheres, podemos concluir que este gênero é ainda o que se responsabiliza, maioritariamente, pelos assuntos relacionados com a escola e com os seus educandos.

A análise das respostas às diferentes questões permitiu-nos identificar uma atitude de alguma aceitação ou indiferença (revelando que a pessoa não se importa porque é algo que não lhe diz respeito, e advém da vontade e das opções de outrem) aos novos tipos de família. Em geral, os encarregados de educação consideram que a escola pode ter um papel importante na abordagem da temática, contribuindo para a desconstrução de estereótipos associados às novas configurações familiares, nomeadamente aos casais de homossexuais. A justificação para essa posição assenta no princípio básico da democracia que a escola e a sociedade devem assumir de respeito pela diferença.

A escola é o local onde as crianças passam a maior parte do tempo, onde convivem com realidades múltiplas e onde questões como a diversidade e a homofobia devem ser tratados e abordados. No entanto, é importante ressaltar que, como refere um dos encarregados de educação, é de casa que deve partir esta educação para a aceitação da diversidade, pois as crianças quando chegam ao primeiro ciclo já revelam estereótipos que foram construindo através das suas vivências. Elas já ouviram muitos termos e já foram confrontadas com muitas realidades, fosse através da televisão, da sua vivência pessoal, ou de outras fontes, mas se a escola analisar esses assuntos com seriedade

mais facilmente as crianças poderão desenvolver atitudes e concepções adequadas a uma vivência democrática.

A maioria dos encarregados de educação considera também que cabe ao professor ter um papel de apoio socio emocional à criança, nomeadamente em situações de rutura/divórcio ou outros problemas familiares. O facto de existirem algumas respostas discordantes aponta para a concepção ainda presente de olhar para a escola como o cerne da aprendizagem e não como uma instituição responsável pelo desenvolvimento integral das crianças, do ponto de vista da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

Por último, evidenciamos o facto da maioria dos encarregados de educação considerarem os livros infantis como uma ferramenta adequada à análise e problematização da temática do nosso estudo.

Consideramos que a utilização do questionário se revelou um instrumento adequado pois, para além de nos ter permitido conhecer as concepções dos encarregados de educação sobre o tema em análise, permitiu-nos, paralelamente, sensibiliza-los para a importância do nosso estudo e validar a nossa intervenção junto das crianças.

Capítulo IV- Considerações Finais

1. Reflexão final

O projeto de investigação implementado nas PES teve como fundamento a análise do contributo da literatura infantil para a desconstrução de estereótipos associados ao conceito de família.

Tendo como modelo o perfil do professor que segue uma perspetiva construtivista sobre os processos de ensino-aprendizagem, tivemos como preocupação promover aprendizagens efetivas tendo em consideração a realidade das crianças, da sociedade em que estas se inserem e as suas interações com um mundo diverso e em constante mutação.

De acordo com Hoyle (1974) cit. in Estrela & Boas (1997, p.104). “O conceito de professor inovador, investigador e agente da mudança social enquadra-se num conceito de profissionalismo alargado, portanto, oposto ao profissionalismo rotineiro e limitado à sala de aula”.

Numa tentativa de assumir o perfil de educador e professor como agente de desenvolvimento e mudança e tendo em consideração as gerações que frequentam hoje as escolas, os “nativos digitais”, que têm fácil acesso a todo o tipo de informação através da internet, da televisão e das redes sociais, deparando-se com múltiplas e contraditórias informações sobre um mundo cada vez mais diverso, nomeadamente nos aspetos relacionados com a instituição familiar, desenvolveu-se este projeto.

A nossa intervenção baseou-se no pressuposto de que a escola é o lugar ideal para se criarem momentos e projetos de apoio ao conhecimento das múltiplas facetas da realidade física e sociocultural, condição fundamental para a desconstrução de estereótipos e de conceções prévias.

A escola e a família constituem os dois microssistemas mais significativos no desenvolvimento de uma criança. A família é determinante para o desenvolvimento integral da criança, a curto, médio e longo prazo. Os pais para além do seu papel parental de cuidadores são também educadores, por isso, foi importante perceber, através dos questionários, as suas conceções e opiniões sobre a temática em análise. Ouvir as suas “vozes” foi também uma forma de os envolver no estudo e de os sensibilizar para a temática em análise.

As crianças participantes na investigação demonstraram ter-se apropriado do conceito de família de uma forma expansiva, incluindo todas as formas de família. Revelaram-se muito abertas e recetivas a esta temática, apesar de já terem ideias pré-estabelecidas sobre a identidade de género e o conceito de família. Contudo, através das atividades desenvolvidas e com o valioso recurso dos livros selecionados foi possível dar-lhes uma nova perspetiva, reforçando, ao mesmo tempo, a compreensão sobre a importância da família para o bem-estar individual e social.

Os livros escolhidos revelaram-se instrumentos apropriados e completos para a exploração da temática. Permitiram retratar as diferentes facetas da família, através de narrativas que abordando a realidade de uma forma simples e sem tabus, explicitavam as situações vividas pelos personagens. Os livros que mais inquietude provocaram nos alunos foram *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)* de Manuela Bacelar e *A minha mãe anda estranha* de Ricardo Baptista, penso que pela especificidade com que é retratado cada modelo de família aí apresentado, o que não acontece em *Álbum de Famílias* de Susana Amorim e Rute Agulhas, que aborda a temática das famílias sob um prisma mais genérico. Se fosse hoje teria optado por trabalhar primeiro o livro *Álbum de Famílias* e então depois os outros.

O cartaz “Como é a tua família?” da associação ILGA, ajudou a lançar a temática e a trabalha-la tanto na educação pré-escolar como no 1^oCEB. Dado o seu apelo visual, a simplicidade das ilustrações e as cores chamativas que lhe são próprias, tornou-se uma ferramenta válida para a abordagem da temática.

Em geral, as atividades propostas, com base no cartaz, nos livros e nos conteúdos ou temas semanais da PES, constituíram bons métodos de trabalho para explorar a temática, permitindo conceber uma multiplicidade de tarefas, de debates e de atividades baseados na sua essência.

É fundamental perceber que quanto mais cedo as crianças têm acesso a determinadas informações e são educadas sobre as temáticas que caracterizam a sociedade mais cedo os assuntos são encarados com naturalidade e sem preconceito, contribuindo para que, num futuro próximo, assuntos como a homoparentalidade sejam encarados com a naturalidade com que encaramos, hoje, um divórcio ou outras realidades que outrora eram tabus.

Destacamos, em seguida, alguns dos dados recolhidos e que nos permitem evidenciar a prossecução dos objetivos do nosso estudo.

As produções construídas pelas crianças no decurso das atividades implementadas evidenciam que os momentos mais retratados como vivências familiares são o Natal, a Páscoa, os aniversários, as idas à praia e à piscina e os jogos de futebol, associando quase sempre essas vivências a momentos prazerosos. Os alunos entendem também a família como um sistema prestador de cuidados, de amor, de afeto e de apoio nas suas dificuldades.

Por sua vez, a análise das composições elaboradas no final do estudo permite-nos afirmar que os alunos compreenderam as novas configurações de famílias que integram a nossa sociedade.

Também foi possível verificar que os alunos compreendem que as vivências familiares apesar de quase sempre retratadas de forma utópica, como perfeitas e sem discórdia, não representam a realidade. Descreveram algumas situações como as brigas com os irmãos, a sua maior fonte de aborrecimento na família.

Por fim, destacamos a grande importância atribuída aos avós como agentes de afeto que lhes “fazem as vontades” e os mimam.

Para além dos objetivos delineados no início da investigação, as atividades desenvolvidas permitiram que as crianças tomassem consciência da importância que a família tem para cada uma delas, permitiu-lhes “trazer” vivências do contexto familiar para dentro das paredes da escola e partilhar experiências comuns mas também únicas. Mesmo sendo as crianças da turma maioritariamente oriundas de uma família nuclear tradicional, foi possível que muitas delas se reconhecessem para além do estereótipo. Foi possível assumirem os seus conflitos, problemas, mas também os momentos prazerosos. A família de cada uma das crianças tornou-se uma realidade partilhada.

Evidencio particularmente as produções realizadas pelas crianças pois considero que retratam aprendizagens significativas, empenhadas e criativas.

Com as entrevistas aos professores cooperantes, das turmas do 3º ano da escola João Roiz, foi possível compreender que na opinião dos docentes a família é o mais importante para estabilidade do aluno. Referiram que os alunos relevam sentimentos de insegurança, abandono e solidão quando são confrontados com o divórcio dos pais ou outros problemas familiares, relevando instabilidade, fragilidade, inquietude e, muitas vezes, indisciplina nas aulas. Perante estas situações os cooperantes entendem que o docente deve mostrar-se disponível para ser um “porto de abrigo” para a criança, tendo a preocupação de comunicar com os progenitores. Para isso os pais devem mostrar-se disponíveis e manterem-se unidos em prol do bem-estar do seu educando, uma realidade nem sempre presente.

Sobre o papel pedagógico da literatura infantil é entendido como uma forma de aproximação a realidades múltiplas e de criação de momento de abertura para diálogos que possam ser desenvolvidos confortavelmente com a criança. Nesse sentido, a literatura infantil organiza-se como um “ponto de ancoragem” para analisar as temáticas mais complexas e sensíveis em contexto de sala de aula.

De acordo com o exposto pensamos poder afirmar que foi possível responder aos objetivos delineados, tendo, contudo, consciência dos limites do presente estudo. Para além das dificuldades inerentes à assunção do duplo papel pedagógico e investigativo, penso ter conseguido dar resposta aos desafios com que me fui confrontando, num processo de progressiva aprendizagem mas, sobretudo, de entusiasmo e vontade.

Em jeito de conclusão penso que o sistema de ensino devia incluir nas leituras obrigatórias, em sala de aula, obras direcionadas para a desconstrução dos estereótipos em torno da família e das identidades de género. Trabalhar obras que despertam a curiosidade e com as quais as crianças se identificam são sempre uma motivação adicional para a leitura. Como refere Pinto et al. (2015, p.3) “Quando uma criança gosta de um livro, quando crescer com certeza será um adulto que lê”. Por vezes é preciso o professor apresentar obras que cativem o aluno, obras diversificadas para que o aluno descubra a paixão pela leitura, se descubra a si próprio e descubra o mundo

que o envolve. Realçamos também a importância de planificar e diversificar cuidadosamente as atividades pedagógicas pois o livro organiza-se apenas como uma “porta” para a descoberta de novas realidades.

Como recomendações sugiro que sejam trabalhadas todas as obras pois o seu conteúdo é riquíssimo e possibilitam diversos tipos de exploração. Para uma abordagem em educação pré-escolar o livro *As famílias não são todas iguais* de Tango Books, é um instrumento motivador, interessante e apelativo de ser trabalhado em sala podendo originar múltiplas tarefas baseadas no livro, por exemplo, um desenho sobre a família, jogos de cartas e canções. O cartaz deve ser mantido durante todo o ano exposto na sala de aula, tanto na educação pré-escolar como no ensino no 1ºCEB, pois ajuda a relembrar as crianças das diferenças, um pouco como estratégia de marketing, em que quando olhamos para algo muita vez, mesmo sem querer, retemos a sua mensagem na memória. Os restantes livros abordados *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)* de Manuela Bacelar, *Álbum de Famílias* de Susana Amorim e Rute Agulhas e *A minha Mãe anda estranha* de Ricardo Baptista podem e devem ser trabalhados no 1º CEB. O livro *Álbum de Famílias* podendo ser aplicado logo a partir do 1º ano, apesar de apresentar uma narrativa extensa, pode ser facilmente interpretado através da ilustração que faz de cada um dos tipos de famílias aí apresentado, os restantes livros considero ser a partir do 3º ano a etapa certa para a sua leitura e análise, pois apresentam um texto mais minucioso que requer maior capacidade de desenvolvimento cognitivo para ser compreendido.

Como sugestões para trabalhos futuros recomendo os livros *Sete dias de Verão e Viagem a Coimbra* de Bruno Magina, que tal como o livro *A minha Mãe anda estranha* de Ricardo Baptista integram a coleção *Jovens como Nós*, das Edições Afrontamento. Estes livros de uma coleção infantojuvenil ajudam na compreensão no que concerne a problemática da identidade de género, da homoparentalidade e das famílias reconstruídas, sendo uma coleção riquíssima que deve ser trabalhada em sala de aula ou sugerida aos alunos para leitura individual.

Com o meu projeto tentei com uma pequena amostra “lutar” em prol de condutas de integridade, respeito, tolerância e civismo no que respeita à diferença. No entanto, muito ainda pode ser feito, tenho consciência que o estudo realizado foi um pequeno passo na luta para a aceitação da diferença. Porém, tal como refere Diez (1994, p.91) “Construir aquedutos, embora necessários para a rega, não significa logo a passagem que água fertilizante, quando o correr da água se torna realidade é que começa a fluir vida”. O mesmo se passa com este projeto que foi apenas uma pequena tentativa de desconstruir estereótipos em prol de uma escola e educação que vise a inclusão e a alternidade.

Referências bibliográficas

- Aboim S. (2005) *Famílias em Portugal: Percursos, interações, redes sociais*. Lisboa: ICS.
- Abramovick, F. (1991) *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. (2. ed). São Paulo: Scipione.
- Afonso, M. (2015) *O desenho infantil na Educação Pré-Escolar*. Relatório de Estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Castelo Branco: IPCB.
- Agrupamento de Escolas Amato Lusitano (s.d.) *Regulamento Interno* disponível em <https://drive.google.com/file/d/0ByADmO467UYJM01meTYtM2dzMXc/view> consultado a 28 de fevereiro de 2018.
- Alarcão, M. (2006) *(Des) Equilíbrios Familiares*. (3ªed). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alston, A. (2008) *The family in english children's literature*, 1ªed. New York, EUA: Routledge.
- Amorim, D. (2015) Família, solidariedades familiares e trocas geracionais. *Patient Care*, vol.20, nº 216 (jul. 2015), p. 49-58.
- Amorim, S.; Agulhas, R. (2017) *Álbum de Famílias*. 1ªed. Amadora: Booksmile (20|20 Editora).
- Associação ILGA Portugal (2012) Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo. Disponível em <http://ilga-portugal.pt/ilga/index.php> consultado a 9-01-2018.
- Associação para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos (s.d.) *Perguntas e Respostas – Escolas e Responsabilidades Parentais*. Artigo 43º, nº6, do estatuto do aluno, consultado no paragrafo 2.2 do site Igualdade parental. Em <http://igualdadeparental.org/wp-content/uploads/2013/10/FAQS-SOBRE-ESCOLAS-RP-20131.pdf> a 28 de fevereiro de 2018.
- Azevedo, F. (2006) *Língua Materna e Literatura Infantil: Elementos nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Azevedo, F. (2007) *Formar Leitores: das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel.
- Azevedo, F. (2014) *Literatura Infantil e Leitores Da Teoria às Práticas*. (2ªed). Raleigh, North Carolina, EUA: Lulu Press.
- Azevedo, F. (2015) Apontamentos sobre a construção cultural das representações da família na literatura infantil portuguesa contemporânea. *Tropelías: Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, nº23, p. 1-8.
- Azevedo, F.; Barros, D. (2015) Literatura infantil e educação para a democracia. Uma intervenção pedagógica no 4º ano do Ensino Básico numa escola portuguesa. *Textura*, v.17, nº35 (set./dez.2015), p. 7-36.
- Bacelar, M. (2008) *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*. Coleção “Triciclo Voador”. (8ªed). Porto: Edições Afrontamento.
- Baptista, R. (2016) *A minha mãe anda estranha*. Coleção “jovens como nós”. (1ªed). Porto: Edições Afrontamento
- Bardin, L. (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Books, T. (2010) *As famílias não são todas iguais*. (1ªed). Lisboa: Editorial Presença.

Borsa, J.; Nunes, M. (2011) Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, v.29, nº64 (2011 jan./mar), p. 31-39.

Brites, I.; Cássia, R. (2012) Recensão: Pensamento e Linguagem. *Revista Lusófona de Educação*, nº22, p. 179-184. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000300011&lng=pt&tlng=pt consultado a 5 de novembro de 2017.

Cademartori, L. (2017) *O que é literatura infantil*. Coleção primeiros 163 passos. São Paulo: Editora brasiliense.

Caníço, H.; Bairrada, P.; Rodríguez, E.; Carvalho, A. (2010) *Novos Tipos de Família- Plano de Cuidados*, Junho de 2010. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (UC).

Caridade, S. (2017) Considerações éticas na investigação com vítimas de violência e de crime. *Revista Psicologia*, vol. 31, nº1, p.37-48.

Coelho, V. (2010) *Chega de ficar só no papel* - Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Publicidade e Propaganda, modalidade Cartaz, 3. São Paulo, Brasil: Intercom.

Collins, P. (1998) It's All In the Family: Intersections of Gender, Race, and Nation. *Hypatia*, v.13, nº3, p. 62 - 82

Costa, P.; Caldeira, S.; Fernandes, I.; Rita, C.; Pereira, H.; Leal, I. (2013) Atitudes da População Portuguesa em Relação à Homoparentalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.26, nº4, p. 790-798.

Costa, S. (2016) *O livro móvel: Adaptação do livro Onde moram as casas a multiliteracias*. Dissertação e trabalho de projeto de Mestrado em Design gráfico e projetos editoriais apresentados à faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Porto: U.Porto.

Coutinho, C.; Sousa, A.; Dias, A.; Bessa, F.; Ferreira, M.; Vieira, S. (2009) Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, vol. 13, nº2 (Dez. 2009), p.355-379.

Craveiro, C. (2007) *Formação em Contexto: um estudo de caso no âmbito da pedagogia da infância*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Instituto de Estudos da Criança (UMinho).

Dessen, M.; Polonia, A. (2007) - A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano, *Paídeia*, v.17, nº36, p.21-32.

Dias, M. B. (2005) Família Homoafetiva. *Bagoas*, nº3, p. 39-63. Artigo online disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2282/1715> consultado a 23 de Janeiro de 2018.

Dias, M. B. (s.d.(a)) *Álbum de Família*. Artigo online disponível em: [http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_571\)11_Album_de_familia.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_571)11_Album_de_familia.pdf) consultado a 23 de janeiro de 2018.

Dias, M. B. (s.d.(b)) *União Homossexual*, Artigo online disponível em: http://berenedias.com.br/uploads/39_-_uni%3Eo_homossexual.pdf, consultado a 23 de janeiro de 2018.

Dias, M. O. (2000) A família numa sociedade em mudança problemas e influências. *Gestão e desenvolvimento*, nº 9, p. 81-102. Viséu: UCP.

Dias, M. O. (2011) Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, nº 19, p. 139-156. Viséu: UCP.

Diez, J.(1994) *Família-escola, uma relação vital*. Porto: Porto Editora.

Emerson, R.; Fretz, R.; Shaw, L. (2013) Notas de campo na pesquisa etnográfica. *Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais*, nº7, p.355-383.

Estrela, M.; Boas, M. (1997) A Relação Pais e Escola – Reflexão sobre uma experiência. *Família: Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação*. Actas. Lisboa: Educa.

Famílias Arco-Íris (2012) Cartaz: *Como é a tua família?* (24 de abril de 2012) disponível em: <http://familias.ilga-portugal.pt/como-e-a-tua-familia> consultado a 28 de fevereiro de 2018.

Farias, C.; Rosenvald, N. (2010) *Direito das Famílias*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.

Fernandes, A. (2006) A Investigação-acção como metodologia. *Projeto SER MAIS*. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Porto: U. Porto.

Figaro R. (2014) A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. *Fronteiras – estudos midiáticos*, vol.16, nº2, p. 124-131.

Frank, J., Landeira-Fernandez, J., (2006) Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. *Psicologia Clínica*, vol.18, nº1, p. 35-47.

Gadotti, M. (2007) *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. 1.ªed, São Paulo: Publisher Brasil.

Gameiro, J. (1997) *Os Meus, os Teus, e os Nossos: novas formas de família*. Lisboa: Terramar.

Gaspar, C. (2013) *Os animais nos contos tradicionais portugueses- Relações de poder*. Relatório de Estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Castelo Branco: IPCB.

Gil, M. (2011) El vídeo como herramienta de investigación: Una propuesta metodológica para la formación de profesionales en Comunicación. *Revista del CES Felipe II*, nº13, p. 1-12.

Gomes, C. (2015) *Revista Portuguesa de Bioética: Cadernos de Bioética*, nº22, p. 9-22. Lisboa: Edição do Centro de Estudos de Bioética.

Gomes, F. (2013) *Os impactos da adoção e acolhimento familiar por casais homossexuais: Artigo de Revisão*. Trabalho final do 6ºano médico com vista à atribuição do grau de mestre no âmbito do ciclo de estudos de mestrado integrado em Medicina. Coimbra: UC.

Gonçalves, T. (2013) A literatura infantil como caminho para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. *FAIT*. 3ª ed, novembro 2013. Artigo online disponível em http://fait.revista.inf.br/imagens/arquivos/arquivos_destaque/vTumMyK1Jlxf8qd_2014-4-16-20-52-40.pdf consultado a 7 de janeiro de 2018.

Greenberg, L.; Rubin, D. (2003) - The Neuropsychology of Autobiographical Memory. *Cortex (in press)*, nº39 (Sep-Dec/2003), p. 1-31. Durham, North Carolina, EUA: Duke University (DUKE). Disponível em <http://www.pet.au.dk/~andreas/seminars/Files/rubin-cortex.pdf> consultado a 5 de fevereiro de 2018.

Heenen-Wolff, S.; Moget, E. (2011) Homoparentalité et sexualité. *Cahiers de psychologie clinique*, nº 37, p. 231-245.

Instituição Drº Alfredo Mota (2012) Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota disponível em: <http://www.alfredomota.pt/instituicao/default.html> consultado a 8 de dezembro de 2017.

Instituto Politécnico de Castelo Branco (s.d.) Artigo 12º do Regulamento dos ciclos de estudo conducentes ao grau de mestre do IPCB, disponível em: http://www.ipcb.pt/sites/default/files/upload/sa/files/legislacao/regulamentos/Reg_IPCB_SA_01_regulamento_mestrados.pdf consultado a 28 de fevereiro de 2018.

Johnson, S.; O'Connor, E.; (2002) *The Gay Baby Boom: The Psychology of Gay Parenthood*. NYU Press, Project Muse. Nova Iorque, EUA: NYU.

Krebs, C.; Weinberg, J.; Akesson; E. (2013) *Neurociências Ilustrada*. Porto Alegre: Edições Artmed.

La rédaction (2013) *Jornal Internaute* - Dialogue des Morts de Fénelon : Résumé. L'Internaute. Artigo online publicado a 13 de Maio de 2013. Disponível em <http://salon-litteraire.linternaute.com/fr/fenelon/content/1835177-dialogue-des-morts-de-fenelon-resume>, consultado a 19 de janeiro de 2018.

Lima, A.; Moz, M. (2013) *Famílias no Plural: alargar o conceito, largar o preconceito* – Atas de conferência, 1ªed. Lisboa: Edição ILGA Portugal

Lopes, C. (2014) *Interação Família – Escola: Estudo Comparativo Entre Uma Escola Pública e Uma Escola Privada*. Dissertação do Mestrado em Ciências de Educação. Évora: UE

Lopes, J. (2016) *Perdão conjugal: uma explicação a partir dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Paraíba: UFPB.

Luis, C. (2010) Casamento: “A família já não é o que era”. *Jornal de Notícias*. Artigo online publicado a 7 de novembro de 2010, disponível em <http://www.jn.pt/domingo/interior/a-familia-ja-nao-e-o-que-era--1704736.html>, consultado a 8 de novembro de 2017.

Maluf, A. (2010) *Novas Modalidades de Família na pós-modernidade*. Tese de doutoramento apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Direito. São Paulo: USP.

Marques, A. (2015) *As idades do desenho- A expressão do tempo no desenho*. Faculdade de Belas Artes. Lisboa: CIEBA, p. 113-122. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20266/2/ULFBA_As%20Idades%20do%20Desenho_Antoni%20PedroMarques.pdf consultado a 21 de janeiro de 2018.

Martins, R. (2003) Família em cena: trama, dramas e transformações, *Psico-USF*, v. 8, nº2, p.213-214.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.

Menezes, L.; Cardoso, A. Rego, B.; Balula, J.; Figueiredo, M.; Felizardo, S. (2017) Olhares sobre a Educação em torno da formação de professores. Viseu: ESEV.

Mozzato, A.; Grzybovski, D. (2011) Documentos e Debates: Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *ANPAD/ RAC*, v.15, nº4, p.731-747. Curitiba, Paraná, Brasil: RAC

Mundos de Vida (2012) O que é a missão pijama? Disponível em: http://www.mundosdevida.pt/_O_que_e_a_missao_pijama1 consultado 6 de novembro de 2016.

Noronha, M.; Parron, S. (2012) A evolução do conceito de família. *Pitágoras*, nº3, p. 1-21.

Nunes, M. (2015) *Estilos Parentais e Stress Parental em Pais com Crianças em Idade Precoce*. Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Porto: UFP

Oliveira, K.; Almeida, K.; Barbosa, T. (2012) *Amostragens probabilísticas e não probabilística: técnicas e aplicações na determinação de amostras*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais. Vitória, Brasil: Universidade do Espírito Santo.

Ordem do Psicólogos Portugueses (2013) *Relatório de Evidência Científica Psicológica sobre Relações Familiares e Desenvolvimento Infantil nas Famílias Homoparentais- A apresentar ao Grupo de Trabalho Co-Adopção (CACDLG) – PJI n.º 278/XII/1.ª (PS)*. Lisboa.

Ordem dos Enfermeiros (2008) *Enfermeiros e Famílias em parceria na construção da saúde para todos*. Espaço Cidadão -Dia Internacional da Família - Artigo online” - disponível em http://www.ordemenfermeiros.pt/ordem/Paginas/EspCid_DiaInternacionaldaFam%C3%ADlia2008.aspx a 8 de janeiro de 2018.

Pais (2010) *Fundamentos didatológicos e técnicos didáticos de desenho de unidades didáticas para a área da língua portuguesa*. Castelo Branco: IPCB.

Paiva, A., & Cardoso, L. (2010) *A Importância do Desenho Infantil no Processo de Alfabetização*. Artigo elaborado para a obtenção do título de Especialista "Lato Sensu" em Educação Infantil, pelo Centro de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais. Minas Gerais, Brasil: CEPEMG.

Pedroso, J.; Branco, P. (2008) Mudam-se os tempos, muda-se a família. As mutações do acesso ao direito e à justiça de família e das crianças em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº82, p. 53-83.

Pinhel, J.; Torres, N.; Maia, J.(2009) Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, v.4, nº 27, p.509-521.

Pino, C. (2004) *A ficção da escrita*. São Paulo, Brasil: Ateliê Editorial.

Pinto, M.; Damasceno, I.; Silva, M. (2015) *Clube de leitura- Ler para conhecer, ler para viajar, ler para entender: um passeio na compreensão do universo cultural da leitura*. GT7 – Educação, Linguagens e Artes, p. 1-13. Artigo online disponível em <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/download/1351/238> consultado a 7 de fevereiro de 2018.

Pires, N.; Morgado, M.; Pereira, C. (2016) Fronteiras, diálogos e transições na Educação. As narrativas visuais e a promoção da identidade e diversidade em crianças e jovens. Atas do XIII congresso SPCE, p. 502-510. Viseu: ESEV

Prado, D. (2017) *O que é família* – Coleção Primeiros 50 passos. São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense.

Queiroz, N. (2007) *Imagem e pensamento: da atração do olhar à significação do conceito*. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Educação. Brasília: Universidade de Brasília.

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (2ªed). Lisboa: Gradiva.

Relvas, A. (2000) *Por detrás do espelho: Da teoria à terapia com a família*. Coleção Psicologia e Saúde. Coimbra: Quarteto.

Ribeiro, E. (2008) A perspetiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência*,v.4, nº4, p.129-148. Araxá, Brasil: UNIARAXÁ

Ribeiro, V. (2012) *Aprender a ser Professora: do Conhecer ao Ser* - Relatório de Estágio Profissional. Porto: U.Porto.

Ruivo, J. (1977) *Família, Parentesco e Mudança Social (As ciências sociais e o tempo histórico)*. Castelo Branco: s.n.

Segurança Social (2018) Instituições particulares de solidariedade social – disponível em: <http://www.seg-social.pt/ipss> .

Sharf, R. (2000) *A escola e a leitura. Prática pedagógica da leitura e produção textual*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação. Tubarão, Santa Catarina, Brasil: UNISUL

Silva, A. (2009) Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. *Revista Eletrônica de Educação*, v.2, nº2, p.135-149. Marília, São Paulo, Brasil: UNIVEM.

Silva, A.; Fossá, M. (2015) Análise de Conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para a análise de dados qualitativos. *Qualit@s*, v.17, nº1, p.1-14. Paraíba, Brasil: UEPB.

Silva, I.; Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M. (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa, Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Silva, M. (2016) *Família monoparental na atualidade e seus fatores determinantes*. Trabalho de curso para obtenção do grau de Bacharel em Direito. Marília, São Paulo, Brasil: UNIVEM.

Silva, P. (2012) *Influência da Literatura Infantil na Motivação para a Leitura*. Trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Didática da Língua Portuguesa. Coimbra: ESEC.

Soares, L. (2007) *Poemas da Mentira e da Verdade*, 4ªed. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, A. (2012) *Projeto de investigação e intervenção em educação social "Lutar por uma vida melhor"*. Projecto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto para obtenção do grau de Mestre em Educação e Intervenção Social. Porto: IPP

Souza, M.; Baptista, M. (2008) Associações entre suporte familiar e saúde mental. *Psicologia Argumento*. v.26, nº54 (jul./set), p.207-215. Paraná, Brasil: UFPR.

Szymaski, H.; Almeida, L.; Brandini, R. (2004) A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Série Pesquisa, v.4. Brasília: Liber Livro.

Teixeira, L. (2014) *Regras, Rotinas e Rituais em Famílias Reconstituídas*. Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Porto: UCP.

Vasconcelos, A.; Ozório, C.; Gruc, I. (2013) *A Parentalidade nas configurações familiares contemporâneas*. Programa Institucional de Iniciação Científica do CNPq. Departamento de Psicologia, p.1-11. Rio de Janeiro, Brasil: PUC_Rio.

Vitorello, M. (2011) Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor? *Psicologia da Educação*, nº 32, p. 7-24. São Paulo, Brasil: PUC-SP.

Wall, K. (1995) Apontamentos sobre a família na política social portuguesa, *Análise Social*, v. 30, nº131/132, p. 431-458.

Legislação Consultada:

Artigo 36º (Família, casamento e filiação) -Constituição da República Portuguesa (1976).

Artigo 67º (Família) - Constituição da República Portuguesa (1976).

Artigo 7º (Objetivos) - Lei de bases do sistema educativo português (1976).

Decreto de lei nº 2/2016 de 29 de fevereiro – Diário de República, 1ªsérie-Nº41 (2016)

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, da Legislação da Direção-Geral de Educação. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/dl241_01.pdf.

Despacho conjunto nº 268/97, de 25 de agosto, redigido pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Solidariedade e da Segurança Social. (1997)

Apêndices

Apêndice a: Grelha de Observação das Crianças

Grelha de observação da criança
--

Nome: _____

Idade: _____ Data: _____

Escala Descritor de desempenho	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Não observado
Autonomia / Iniciativa				
Come sozinha uma refeição completa				
Pede para ir à casa de banho				
Vai à casa de banho sozinha				
Limpa o nariz quando lhe é pedido				
Lava as mãos e a boca sozinha				
Veste, sozinha, algumas peças de vestuário				
Calça-se sozinha				
Usa adequadamente o material				
Arruma o material				
Tem espírito de entreatajuda				
Mostra interesse em ajudar a educadora				
Mostra interesse em ajudar a auxiliar				
Expressa as suas emoções e sentimentos				

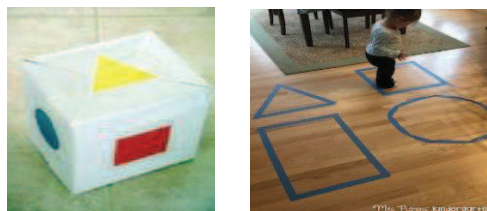
Desenvolvimento da Motricidade Global				
Salta a pés juntos				
Corre com movimentos coordenados				
Desce e sobe escadas coordenadamente				
Desliza no banco sueco				
Sobe e desce no banco sueco				
Salta no trampolim de forma coordenada				
Salta de uma altura de pelo menos 20 cm				
Toca com os dedos na ponta dos pés sem dobrar os joelhos				
Utiliza a motricidade fina (segura pincéis, lápis e canetas de forma correta)				
Abre e fecha uma mola				
Rasga papel				
Faz puzzles ou encaixa peças				
Desempenho Linguístico				
Mantém uma conversa simples				
Expressa diminutivos e aumentativos				
Utiliza adequadamente o masculino e feminino				
Faz perguntas utilizando “Quando”, “Onde” e “Quem”				
Toma atenção a uma história lida, pelo menos 5 minutos				

Relata experiências imediatas				
Usa alguns plurais				
Usa verbos auxiliares “vir”, “ir”, “andar”, no presente do indicativo				
Nomeia, pelo menos, 10 objetos numa gravura				
Descreve, pelo menos, 2 acontecimentos na ordem em que ocorrem				
Expressa ações futuras “Vamos a...”, “Temos que...”				
Desenvolvimento Cognitivo				
Conhece os diferentes momentos da rotina diária				
Nomeia objetos pequenos e grandes				
Descreve 2 acontecimentos ou personagens de uma história				
Imitando, conta até 5, pelo menos				
Reconhece e nomeia as cores				
Nomeia e reconhece algumas formas geométricas básicas (círculo, quadrado, triângulo e retângulo)				
Conta até 10 objetos				
A pedido, aponta para as diferentes partes do seu corpo				
Consegue desenhar o corpo humano com alguns pormenores				

Desenha acontecimentos de uma história				
Canta e “memoriza” algumas canções				
Desenvolvimento Socio Emocional				
Brinca com todos os colegas				
Mostra preferência em brincar com determinados colegas				
Aceita e cumpre as regras da sala				
Aceita e cumpre as regras dos jogos				
Utiliza estratégias de diálogo para resolver conflitos				
Utiliza estratégias de confronto físico para resolver conflitos				
Aceita algumas frustrações e insucessos				
Mantém e justifica opiniões				
Aceita e respeita outras opiniões				
Revela capacidade de liderança				

Apêndice b: Circuitos/ Jogos

1º Jogo – Formas geométricas *



- *Estas fotos são representativas de imagens padrão colocadas aqui como exemplo, como as crianças ainda não trabalharam o retângulo o dado e o chão terão apenas as formas do triângulo, do quadrado e do círculo.

2º Jogo – Chegou o inverno (Som de chuva e trovoadas....” E de repente começa a chover” – (ir buscar sombras e roupas quentes) – saltar nas poças)



3º Circuito (a chuva desaparece e vêm o frio, cai neve. Podemos fazer o nosso próprio boneco de neve com algodão a fazer de conta que foi neve que caiu, vamos apanhar e fazer o boneco de neve no final de percorrer o circuito)



Atividade plástica – O boneco de neve (decorar o corpo do boneco com o algodão que se encontra espalhado pelo chão)

**Apêndice c: Modelo para a atividade do Sr^o
Quadrado / Sr^a Quadradinha**

O QUADRADO



**Apêndice d: PowerPoint - “Tipos de balanças” -
usando para a aula de matemática de dia 16 de
maio de 2017**



Balança Digital Balança Digital Balança Automática

Tipos de Balanças

A balança é um instrumento que serve para medir a massa de um corpo. A unidade usual para medir a massa é o Quilograma (Kg).

Balança de Pratos Balança Decimal Balança Mecânica



Qual dos animais parece ter mais massa?



A Ovelha ou o Urso Polar?

Para resolver questões como a anterior fazemos uso da balança. Assim podemos verificar que:



Apêndice e: Guião de português de dia 16 de maio de 2017.



Nome: _____

Data: _____

Português

1- Música de Miguel Araújo com Inês Viterbo – “Balada Astral”.

Quando Deus pôs o mundo
E o céu a girar
Bem lá no fundo
Sabia que por aquele andar
Eu te havia de encontrar

Minha mãe, no segundo
Em que aceitou dançar
Foi na cantiga
Dos astros a conspirar
Que do seu cósmico vagar

Mandaram o teu pai
Sorrir pra tua mãe
Para que tu
Existisses também

Era um dia bonito
E na altura, eu também
O infinito
Ainda se lembrava bem
Do seu cósmico refém

Eu que pensava
Que ia só comprar pão
Tu que pensavas
Que ias só passear o cão
A salvo da conspiração

Cruzámos caminhos,
Tropeçámos num olhar
E o pão nesse dia
Ficou por comprar

Ensariharam-se
As trelas dos cães,
Os astros, os signos,
Os desígnios e as constelações
As estrelas, os trilhos
E as tralhas dos dois

Letra e música: Miguel Araújo
Voz: Miguel Araújo e Inês Viterbo





2- Qual é o tema principal desta canção?

3- Quando o autor conheceu a pessoa que ama o que iam fazer? E o que ficou por fazer?

4- Segundo o autor o que fizeram os astros para que a pessoa que ama pudesse existir?

5- Qual é o verso que demonstra que o autor já não se sente bonito como antes?

6- O que significa "Ensarilharam-se"?

7- O que aconteceu quando as duas pessoas ficaram juntas?

II – Gramática

1- Sublinha na canção os determinantes possessivos que encontrares e transcreve o/os versos onde eles se encontram.



2- Identifica e sublinha nas frases o determinante possessivo.

- a) Esse estojo é teu?
- b) O meu carro é o mais bonito.
- c) O pai queria que o seu filho lavasse a loiça.
- d) O nosso tablet avariou.
- e) As cegonhas regressaram à sua aldeia de Primavera.
- f) O teu livro é bom, mas eu prefiro o meu.

3- Completa com os determinantes possessivos adequados.

- a) Estes pães fui eu que comprei. _____ pães são dela.
- b) Estas sandes são de todos. São as _____ sandes.
- c) Aqueles bolos são do João. São os _____ bolos.

4- No texto da canção, coloca um círculo, a vermelho, em 3 verbos regulares e a verde em 3 verbos irregulares. Transcreve-os com a sua forma no infinitivo e coloca-os no lado correto da coluna.

Verbos Regulares	Verbos Regulares

Apêndice f: Autorizações

Castelo Branco, data.

Exmo(a) Sr(a). Encarregado(a) de Educação

Assunto: Pedido de autorização para a recolha de dados no âmbito da realização do Relatório de Estágio para obtenção do grau de mestre

Sou Marta Sofia Parreira Cotrim, aluna do segundo ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Encontro-me a desenvolver um relatório de estágio que integra um estudo sobre a temática: “O contributo da literatura infantil na desconstrução do estereótipo de família tradicional”, orientado pela Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira.

A temática assenta na tentativa de desconstrução do estereótipo de “família tradicional”, recorrendo à literatura infantil, como estratégia pedagógica para desenvolver conceções de respeito pela diversidade e pela diferença na forma de constituição da família. Neste âmbito, solicitamos a V.Exa. permissão para a observação e implementação de algumas atividades, com o(a) vosso(a) educando(a), na Escola E.B. 1/2/3 João Roiz de Castelo Branco, que poderão incluir registos audiovisuais e fotográficos. Para algum esclarecimento adicional, disponibilizo o meu endereço eletrónico.

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

Marta Sofia Parreira Cotrim

-
Caros pais,

Venho por este meio solicitar a Vossas Excelências a autorização para observar e implementar algumas atividades com o(a) vosso(a) educando(a) _____ . Confirmo que todos os dados recolhidos serão apenas e somente utilizados na realização deste relatório de estágio.

Agradecida pela atenção e compreensão.

Marta Sofia Parreira Cotrim.

Autorizo

Não autorizo

O(A) Encarregado(a) de Educação

Castelo Branco, data.

Exmo. Coordenador de Estabelecimento

Assunto: Pedido de autorização para a recolha de dados no âmbito da realização do Relatório de Estágio para obtenção do grau de mestre

Sou Marta Sofia Parreira Cotrim, aluna do segundo ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Encontro-me a desenvolver um relatório de estágio, que integra um estudo sobre a temática: “O contributo da literatura infantil na desconstrução do estereótipo de família tradicional”, orientado pela Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira.

A temática assenta na tentativa de desconstrução do estereótipo de “família tradicional”, recorrendo à literatura infantil, como estratégia pedagógica para desenvolver conceções de respeito pela diversidade e pela diferença na forma de constituição da família.

Neste âmbito, solicitamos a V.Exa. permissão para a observação e implementação de algumas atividades na Escola E.B. 1/2/3 João Roiz de Castelo Branco, onde me encontro a realizar a Prática Supervisionada em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Para algum esclarecimento adicional, disponibilizo o meu endereço eletrónico:



Subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

Apêndice g: Guião da entrevista aos professores cooperantes

1. Tendo em conta os seus anos de experiência profissional, qual a sua opinião sobre a influência da família no processo de aprendizagem das crianças?
2. Na sua turma existem casos de diferentes configurações familiares e quais esses casos?
3. Em casos de famílias em que ocorrem casos de divórcio ou de recasamento, sente que a criança deixa de ser menos acompanhada pelo progenitor que sai de casa ou mantém-se igual a preocupação por ambos os progenitores?
4. Quais são os primeiros comportamentos revelados pelos alunos, na escola, quando existem problemas na família?
5. Como docente, quais as medidas que toma quando é informado que uma criança se encontra como problemas em casa, ou está a passar por situações difíceis que afetam o seu desempenho?
6. O que considera ser importante os pais fazerem em termos do acompanhamento escolar, para que uma separação não afete tão drasticamente o desempenho escolar dos seus educandos?
7. Com o surgimento de cada vez mais casos de novas famílias, em que o padrão de família tradicional perde significado, acha importante explorar esta temática com os alunos? Porquê?
8. Explorar, através da literatura infantil, questões como a das novas famílias, é uma boa prática para trabalhar temas mais delicados. Como acha que esta prática se aproxima da realidade dos alunos?
9. Sendo que a nossa sociedade apresenta cada vez mais casos de relacionamentos homossexuais, com filhos, como acha que esta questão da homossexualidade deve ser trabalhada nas escolas?
10. Considera que os estereótipos das crianças em relação à homofobia vêm maioritariamente da educação em casa? Como pode a escola ajudar a desmistificar estes estereótipos?
11. Em casos de famílias monoparentais órfãs, qual a sua posição em relação à habitual tradição de fazer a prenda do dia da mãe ou do dia do pai, nas escolas?

Apêndice h: Inquérito por questionário



Mestrado em Educação Pré-Escolar
e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico



Inquérito por questionário

Caro(a) encarregado de educação,

Este questionário pretende ser uma ferramenta de pesquisa para a qual peço a sua colaboração. Decorre no âmbito do projeto de investigação da mestranda Marta Cotrim, na Prática Supervisionada em Ensino do 1ºCiclo, e integra um estudo sobre a temática: "O contributo da literatura infantil na desconstrução do estereótipo de família tradicional", orientado pela Professora Doutora Cristina Pereira da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. A sua participação deverá ter um carácter voluntário, pelo que a decisão de participar é livre e pessoal. Será garantida a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos neste questionário. Não vão ser registados quaisquer elementos identificativos ao longo do questionário e apenas os elementos da equipa de investigação terão acesso aos dados recolhidos. Para qualquer outra questão relativa à investigação, poderá contactar a investigadora através do email parreiracotrimmarta@hotmail.com, ou a sua orientadora, através do email cristina.pereira@ipcb.pt.

1. Sexo

Feminino _____

Masculino _____

2. Estado Civil

Solteiro _____

Casado _____

Viúvo _____

União de Facto _____

Divorciado _____

3. Sabe a que se refere o termo "novas famílias"?

Sim _____ Não _____

4. Qual a sua posição em relação à constituição de famílias homossexuais?

Favor _____ Contra _____ Indiferente _____



Mestrado em Educação Pré-Escolar
e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico



5. Com o aumento das famílias homossexuais, com filhos, nas escolas acha importante explorar com os alunos esta temática, para que sejam desmistificados estereótipos em torno das mesmas?

Sim _____ Não _____

Porquê?

6. Vão surgindo cada vez mais livros que abordam a temática das novas famílias, acha importante partir de histórias de crianças com vivências semelhantes às do seu educando, para desmistificar conceitos por vezes difíceis de compreender e explicar.

Sim _____ Não _____

7. Conhece alguma obra da literatura infantil que aborde a temática das novas famílias, enunciando conceitos como o divórcio, a adoção, o recasamento, a homoparentalidade ou a monoparentalidade?

Sim _____ Não _____

Se sim, qual?

7.1. Já leu alguns desses livros ao seu educando?

Sim _____ Não _____



Mestrado em Educação Pré-Escolar
e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico



8. Uma criança à medida de vai crescendo vai criando estereótipos em relação ao mundo, de onde acha que partem a maior parte desses estereótipos?

Televisão _____ Internet _____ Escola _____ Casa _____

9. A homofobia é um sentimento de aversão criado em relação a pessoas homossexuais. Considera ser o papel da escola como formadora de cidadãos com valores, modificar este conceito para que se viva num mundo de maior igualdade?

Sim _____ Não _____

10. Considera ser importante ajudar crianças/adolescentes que se sintam “diferentes” em relação aos seus sentimentos ou ao seu corpo para que se sintam reconhecidos e respeitados na sua diferença?

Sim _____ Não _____

11. Considera ser importante explicar às crianças desde cedo a diversidade nas formas de transmissão dos afetos entre os membros da nossa sociedade, para que se criem cidadãos informados e respeitadores da diferença?

Sim _____ Não _____

12. Quando existem questões familiares, como o divórcio dos pais ou a morte de um dos progenitores, que muitas vezes afetam o desempenho do aluno, na sala de aula, considera ser papel do professor ajudar a amenizar o impacto que este tem sobre a criança?

Sim _____ Não _____

Se sim, como?

Anexos

Anexo 1: Canção: Só aos Anjos a Lua sorri.

A Lua nasceu e cresceu no além

A noite chegou também

Vai dormir meu bebé

Vai dormir e sonhar

Deixa a lua crescer lá no ar

A roca poisou e largou sem chorar

Os olhos vai já fechar

Nada pode impedir

Que o bebé durma bem

Nem papão há-de vir

Nem ninguém

Tu verás meu amor

Como é bom sonhos ter

Deus te dê o melhor que houver

Anjo meu faz ó ó

Porque eu velo por ti

Só aos anjos a lua sorri.

Autor Desconhecido

Anexo 2: História da Quadradinha

Era uma vez uma Quadradinha
Era bonita, simpática
e muito quadradinha.

Certo dia, a Quadradinha
pensou em casar.
E começou logo,
a procurar um noivo.

Primeiro, apareceu o fortalhão do
Triângulo.
Estava convencido de que era o tipo
ideal
para a Quadradinha, mas ela não quis.
E ele foi-se embora, muito triste.
A seguir, foi o Círculo.
Era gordinho e muito tímido.
A Quadradinha teve muita pena dele,
quando também lhe disse
que não o queria.

Depois foi a vez do senhor Rectân-
gulo.
Era quase, quase o que a Quadradinha
desejava, mas não era o que real-
mente sonhava.

E lá apareceu o... Quadrado!
Era bonito, simpático...
E muito Quadrado!
O ideal para alguém,
como a Quadradinha.
Casaram logo no dia seguinte...
Tiveram muitos filhos quadrados
e quadradinhos e...
foram felizes para sempre!!

História original de Ascensão Pereira

Anexo 3: Histórias PSEPE

História: *Inverno.*



Título: O Inverno

Autor: Desconhecido

Ilustração: Carme Solé

Coleção: Biblioteca Infantil

Editor: Caminho

História: *A Bruxa Mimi no Inverno* de Paul Korky e Valerie Thomas – adaptada para formato digital



Título: A Bruxa Mimi no Inverno

Autores: Paul Korky e Valerie Thomas

Ilustração: Paul Korky

Editor: Gradiva

Livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura para a Educação pré-escolar.

Sinopse: A bruxa Mimi e o seu gato Rogério estão fartos do Inverno. O jardim está coberto de neve, a fonte congelou, das árvores pendem picos de gelo. Então a Mimi lança um feitiço e transforma tudo em Verão. Um grande erro...

Anexo 4: Lei Constitucional nº 1/92 de 25-11-1992

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

Artigo 36.º

Família, casamento e filiação

1. Todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade.

2. A lei regula os requisitos e os efeitos do casamento e da sua dissolução, por morte ou divórcio, independentemente da forma de celebração.

3. Os cônjuges têm iguais direitos e deveres quanto à capacidade civil e política e à manutenção e educação dos filhos.

4. Os filhos nascidos fora do casamento não podem, por esse motivo, ser objecto de qualquer discriminação e a lei ou as repartições oficiais não podem usar designações discriminatórias relativas à filiação.

5. Os pais têm o direito e o dever de educação e manutenção dos filhos.

6. Os filhos não podem ser separados dos pais, salvo quando estes não cumpram os seus deveres fundamentais para com eles e sempre mediante decisão judicial.

7. A adopção é regulada e protegida nos termos da lei, a qual deve estabelecer formas céleres para a respectiva tramitação.

Artigo 67.º (Família)

1. A família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à protecção da sociedade e do Estado e à efectivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros.

2. Incumbe, designadamente, ao Estado para protecção da família:

a) Promover a independência social e económica dos agregados familiares; b) Promover a criação e garantir o acesso a uma rede nacional de creches e de outros equipamentos sociais de apoio à família, bem como uma política de terceira idade; c) Cooperar com os pais na educação dos filhos; d) Garantir, no respeito da liberdade individual, o direito ao planeamento familiar, promovendo a informação e o acesso aos métodos e aos meios que o assegurem, e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma maternidade e paternidade conscientes; e) Regulamentar a procriação assistida, em termos que salvaguardem a dignidade da pessoa humana; f) Regular os impostos e os benefícios sociais, de harmonia com os encargos familiares; g) Definir, ouvidas as associações representativas das famílias, e executar uma política de família com carácter global e integrado; h) Promover, através da concertação das várias políticas sectoriais, a conciliação da actividade profissional com a vida familiar.

Anexo 5: Legislação adoção, apadrinhamento civil e coadoção

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.º 2/2016

de 29 de fevereiro

Elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares, procedendo à segunda alteração à Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, à primeira alteração à Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, à vigésima terceira alteração ao Código do Registo Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 131/95, de 6 de junho, e à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 121/2010, de 27 de outubro.

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º

Objeto

A presente lei elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares, procedendo à segunda alteração à Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, à primeira alteração à Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, e à vigésima terceira alteração ao Código do Registo Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 131/95, de 6 de junho.

Artigo 2.º

Alteração à Lei n.º 7/2001, de 11 de maio

O artigo 7.º da Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, que adota medidas de proteção das uniões de facto, alterada pela Lei n.º 23/2010, de 30 de agosto, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 7.º

[...]

Nos termos do atual regime de adoção, constante do livro IV, título IV, do Código Civil, é reconhecido a todas as pessoas que vivam em união de facto nos termos da presente lei o direito de adoção em condições análogas às previstas no artigo 1979.º do Código Civil, sem prejuízo das disposições legais respeitantes à adoção por pessoas não casadas.»

Artigo 3.º

Alteração à Lei n.º 9/2010, de 31 de maio

Os artigos 3.º e 5.º da Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, que permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 3.º

[...]

1 — O regime introduzido pela presente lei implica a admissibilidade legal de adoção, em qualquer das suas modalidades, por pessoas casadas com cônjuge do mesmo sexo.

2 — Nenhuma disposição legal ou regulamentar em matéria de adoção pode ser interpretada em sentido contrário ao disposto no número anterior.

Artigo 5.º

[...]

Todas as disposições legais relativas ao casamento, adoção, apadrinhamento civil e outras relações jurídicas familiares devem ser interpretadas à luz da presente lei, independentemente do sexo dos cônjuges.»

Artigo 4.º

Alteração ao Código do Registo Civil

O artigo 1.º do Código do Registo Civil, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 131/95, de 6 de junho, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 36/97, de 31 de janeiro, 120/98, de 8 de maio, 375-A/99, de 20 de setembro, 228/2001, de 20 de agosto, 273/2001, de 13 de outubro, 323/2001, de 17 de dezembro, 113/2002, de 20 de abril, 194/2003, de 23 de agosto, e 53/2004, de 18 de março, pela Lei n.º 29/2007, de 2 de agosto, pelo Decreto-Lei n.º 324/2007, de 28 de setembro, pela Lei n.º 61/2008, de 31 de outubro, pelos Decretos-Leis n.ºs 247-B/2008, de 30 de dezembro, e 100/2009, de 11 de maio, pelas Leis n.ºs 29/2009, de 29 de junho, 103/2009, de 11 de setembro, 7/2011, de 15 de março, pelo Decreto-Lei n.º 209/2012, de 19 de setembro, pelas Leis n.ºs 23/2013, de 5 de março, 90/2015, de 12 de agosto, e 143/2015, de 8 de setembro, e pelo Decreto-Lei n.º 201/2015, de 17 de setembro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 1.º

[...]

1 —
2 —
3 — Quando os sujeitos da relação jurídica de filiação, adoção ou apadrinhamento civil estejam casados ou unidos de facto com pessoa do mesmo sexo, os assentos, averbamentos ou novos assentos de nascimento no registo civil são efetuados de forma idêntica à prevista nas leis em vigor para casais de sexo diferente.»

Artigo 5.º

Disposição transitória

1 — Os casais do mesmo sexo que se tenham entretanto divorciado ou cuja união de facto tenha entretanto cessado e que se encontravam legalmente impedidos de adotar por força das disposições alteradas pela presente lei, e em que, conseqüentemente, apenas um dos cônjuges ou unidos de facto seja titular das responsabilidades parentais, podem submeter um requerimento de adoção do filho do então cônjuge ou unido de facto, nos termos legalmente aplicáveis, desde que:

a) Reunisse todos os demais requisitos previstos na legislação sobre adoção no momento da constância do casamento ou da união de facto;

b) Manifestem expressamente a vontade de constituir o vínculo de adoção pelo outro cônjuge ou unido de facto, através de acordo homologado judicialmente.

2 — O disposto no número anterior não dispensa a observância dos procedimentos previstos na lei para a adoção do filho do cônjuge ou unido de facto, não operando automaticamente qualquer efeito a partir da declaração referida na alínea b) do número anterior.

Anexo 6: Inquérito de caracterização da turma

Inquérito de caracterização da turma

Nome do aluno: _____ Ano ____ Turma ____ Nº ____

Data de Nascimento __/__/__ Idade ____ Naturalidade _____

Residência do Aluno _____ Telefone ____/____

Nome da Mãe _____ Idade _____

Profissão _____

Nome do Pai _____ Idade _____

Profissão _____

Nº de Irmãos _____ Idades: _____

ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

Nome _____ Grau de Parentesco ____

Morada _____

Contacto telefónico ____/____ E-mail: _____

Profissão _____ Telefone do emprego _____

Com quem vive o Aluno:

pai mãe outros _____

Apoios económicos

Escalão A Escalão B Sem subsídio

VIDA ESCOLAR

Frequentaste o ensino pré-primário?

Sim Não

Ficaste retido algum ano?

Não Sim, em quais anos _____

Tiveste algum apoio pedagógico?

Não Sim, a que disciplina _____

Qual a escola que frequentaste no ano anterior _____

Gostas da tua escola? Sim Não

Porquê? _____

Como vens para a escola?

a pé de carro de autocarro outro _____

Quanto tempo demoras no percurso casa - escola (em minutos)

< 5 entre 5 e 10 entre 10 e 15 entre 15 a 20 > 25

ESTUDO:

Estudo em média por dia...

30 min. 60 min. 90 min. 120 min. antes dos

testes onde estudas?

no quarto na sala na cozinha

outro _____

Como gostas mais de estudar?

sozinho em grupo

Tens alguém que te ajude a estudar? Não Sim, quem? _____

Conversas em casa sobre os estudos?

frequentemente raramente no fim do período

não respondeu

Qual a disciplina de que mais gostas? _____

Porquê? _____

Qual a disciplina de que menos gostas? _____

Porquê? _____

Tens vontade de continuar os teus estudos?

sim não

Se respondeste sim assinala as razões:

gostas da escola ser alguém na vida tirar um curso

não ter idade para trabalhar gostar de aprender

INTERESSES DOS ALUNOS

De entre as seguintes opções, assinala duas que mais te agradem:

ver televisão Qual o teu programa preferido?

ler Que género de livros?

ouvir música Que tipo de música?

computador Que tipo de atividade? _____

praticar desporto Que tipo de desporto? _____

outros _____

Qual a profissão que gostarias de exercer no futuro:

engenheiro médico professor polícia

enfermeiro

pedreiro outra - Qual? _____

Anexo 7: Exemplos das composições feitas pelos alunos

Para mim uma família é um grupo de pessoas que têm respeito umas pelas outras, amor, ternura, afeto etc.

Mesmo que sendo adotadas, que têm os pais separados, com dois pais, com duas mães, só um pai, só uma mãe muitas coisas apesar de ter os pais separados, adoro a minha família mesmo tendo uma madrasta muito divertida e um padrasto super divertido.

A família está ao pé de nós sempre que precisamos. Não importa se temos os pais separados, se somos adotados, com dois pais, com duas mães, só um pai e só uma mãe, o que interessa é termos uma família.

Para mim uma família é um conjunto de pessoas que têm respeito umas pelas outras, amor, ternura, afeto, etc. Mesmo que sendo adotadas, que tenham os pais separados, com dois pais, com duas mães, só com um pai, só uma mãe, muitas coisas. **Apesar de ter os pais separados, adoro a minha família mesmo tendo uma madrasta muito divertida e um padrasto "super" divertido.** A família está ao pé de nós sempre que precisamos. Não importa se temos os pais separados, se somos adotados, com dois pais, com duas mães, só um pai e só uma mãe, o que interessa é termos uma família.

Para mim uma família é um conjunto de pessoas que se amam umas às outras.

Eu conheço 7 tipos de famílias que vivem só com a mãe, o pai e a mãe, o avô, a avó e o tio, pais divorciados, duas mães, dois pais e pais emigrantes e por mais pequena for a família na mesma há muito amor.

E eu sei que o que faz uma família é o amor, a minha família é os meus pais e a minha gata antes vivia com o meu irmão, mas saiu de casa porque já tem 19 anos, foi uma grande mudança mas já estou-me a habituar.

Para mim uma família é um conjunto de pessoas que se amam umas às outras. Eu conheço sete tipos de famílias que vivem só com a mãe, o pai e a mãe, o avô, a avó e o tio, pais divorciados, duas mães, dois pais, pais emigrantes e por mais pequena que for a família, na mesma há muito amor. E eu sei o que faz uma família é o amor, a minha família é os meus pais e a minha gata, **antes vivia com o meu irmão, mas saiu de casa porque já tem 19 anos, foi uma grande mudança mas já estou-me a habituar.**

Uma família para mim é muito importante é muito grande e gira eu gosto da minha família porque é muito simpática e grande o contrário de algumas famílias que eu conheço eu vivo com o meu pai e o meu irmão mas gostava de viver com a família toda e todos felizes mas continuando a conversar, para mim uma família é elegante gira e isso mas eu gosto da minha família e estou feliz a uns meninos que têm dois pais, outras duas mães, alguns até só têm os avós, outros têm o tio a avó e o avô eu tenho a família de um irmão eu e o meu pai e eu gosto dela e as famílias para mim também são amorosas e carinhosas e eu gosto delas assim.

Uma família para mim é muito importante, é muito grande e gira, eu gosto da minha família porque é muito simpática e grande ao contrário de algumas famílias que eu conheço. **Eu vivo com o meu pai e com o meu irmão, mas gostava de viver com a família toda, e todos felizes, mas continuando a conversa.** Para mim uma família é elegante gira e isso, mas eu gosto da minha família e estou feliz. Uns meninos têm dois pais, outras duas mães e alguns até só têm os avós, outros têm o tio, a avó e o avô. **Eu tenho a família de um irmão, eu e o meu pai e eu gosto dela.** As famílias para mim também são amorosas e carinhosas e eu gosto delas assim.

Eu vivo com o meu pai, a minha mãe e os meus irmãos. A minha mãe chama-se Isabel tem 37 anos e faz anos no dia 26 de maio. O meu pai chama-se Luís, tem 38 anos e faz anos no dia 7 de agosto. A minha mãe faz a comida e o meu pai arranja tudo o que estragamos. O meu irmão mais velho chama-se Lourenço, tem 10 anos e faz anos dia 7 de setembro, ele põe a mesa e arruma a loiça. A minha irmã mais nova chama-se Sara e tem 3 anos, faz anos dia 13 de novembro, brinca muito mas depois não arruma, deve ser porque ela é pequena. Eu chamo-me Filipe Nunes, tenho 8 anos e faço anos dia 22 de maio, ajudo a pôr a mesa e também ajudo a lavar a loiça.

Eu vivo com o meu pai, a minha mãe e os meus irmãos. A minha mãe chama-se Isabel tem 37 anos e faz anos no dia 26 de maio. O meu pai chama-se Luís, tem 38 anos e faz anos dia 7 de agosto. **A minha mãe faz a comida e o meu pai arranja tudo o que estragamos.** O meu irmão mais velho chama-se Lourenço, tem 10 anos e faz anos dia 7 de setembro, **ele põe a mesa e arruma a loiça.** A minha irmã mais nova chama-se Sara e tem 3 anos, faz anos dia 13 de novembro, **brinca muito mas depois não arruma, deve ser porque ela é pequena.** Eu chamo-me Filipe Nunes, tenho 8 anos e faço anos dia 22 de maio, **ajudo a pôr a mesa e também ajudo a lavar a loiça.**

Reflexão:

Em observação a estas composições, sublinhei e destaquei os detalhes que achei mais interessantes em cada uma delas.

Em síntese, a análise destes textos construídos permitiu-nos identificar os seguintes aspetos: A primeira, a amizade e o afeto nutrido pela aluna em relação à sua família reconstituída, fomentando a afeição que tem pelo padrasto e pela madrasta dizendo “são divertidos”. Na segunda, realçar o momento de transição de um dos membros da família (o irmão) para fora de casa, e como isso afetou a aluna. Na terceira, o pormenor do aluno ir para expressar a sua ideia em relação ao facto de gostar que a sua família estivesse toda unida, mas depois escrever “mas continuando a conversa”, utilizando essa expressão como mecanismo de proteção dos seus sentimentos. Por fim, a última apesar de não corresponder completamente àquilo que foi pedido aos alunos, retrata de forma curiosa o processo partilhado da divisão de tarefas pelos membros da família.

Anexo 8: Transcrição do texto realizado pelo grupo 3 para a família numerosa (mãe, pai, avó e três filhos)

Narrador: Era uma vez uma família que foi visitar um museu que tinha uma nave especial.

Todos: Avó vai fazer o lanche.

Avó: Que coisa é essa?

Todos: Avó, não!

Narrador: Todos entraram na nave para impedir a avó de clicar seja onde for. E a mãe puxou a filha para a nave. De repente ouviram a contagem decrescente, dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um e descolagem.

Filha: Que botões coloridos (a clicar nos botões).

Narrador: Olharam para trás e viram a Terra, a Lua e o Sol. Quando chegaram ao espaço era tudo maravilhoso.

Avó: Que pintura linda!

Todos: Avó! Não é uma pintura!

Avó: Então é o quê?

Todos: O espaço!

Avó: Ah! Está bem!

Narrador: Mais tarde...

Filhos: Oh meu Deus, estamos aqui há quanto tempo? Eu tenho fome!

Avó: Não se preocupem, eu tenho doces.

Filhos: Boa!

Mãe: Vamos à Lua!

Todos: Boa, que divertido!

Pai: Porque não vamos ao Sol?

Avó: Oh meu genro, não vês que não podemos, senão somos queimados!

Pai: Oh, está bem.

Mãe e Filha: Oh não! Um cometa! Cuidado!

Filhos: Aonde?

Pai e Avó: Ali!

Avó: Desviem-se!

Pai: Ufa! Derreteu!

Narrador: E quando foram à Lua, o filho mais velho, fez algumas piadas.

Filho mais velho: Vou-me sentar na cratera.

Todos: Não! Vai sair um ar que te vai levar para longe.

Pai e Mãe: Vamos embora!

Todos: Está bem.

Narrador: Mais tarde chegaram à...

Avó: Viram os meus óculos? E a dentadura?

Todos: Avó!

Avó: Está bem! Está bem! Ai!

Narrador: Terra.

Anexo 9: Transcrição do texto realizado pelo grupo 7 para a família divorciada (mãe, pai, padrasto e filha (1ºcasamento) e 2 irmãos gémeos (2ºcasamento))

Certa manhã uma família rica comprou um foguetão para ir passar férias ao espaço. Depois foram fazer as malas e partiram para o espaço. Essa família era composta por: pai, mãe, filha, padrasto e 2 irmãos gémeos.

Beatriz (Mãe): Vamos por as malas na Lua e depois vamos brincar.

Beatriz (Mãe): Pronto, já podemos ir brincar!

Gabriel (Pai): Os asteroides dão umas boas bolas de ping-pong. (E foram jogar ping-pong das 4h30 às 5h00).

Matilde (Filha): Mamã, o meu sonho é voar, posso flutuar?

Beatriz (Mãe): Sim, mas primeiro, põe o fato e o capacete.

Eliana (Gémea): Também posso ir?

Beatriz (Mãe): Claro vão lá mas não demorem!

Joana (Gémea): Mamã, estou com fome!

E foram comer. Depois as filhas voltaram às 8H15.

Beatriz (Mãe): Vamos jantar pizza!

Joana (Gémea): Mãe, eu comi à 15 minutos, não tenho fome.

E foi brincar. Passado 1h, a família acabou de jantar. E foram dormir.

Beatriz (Mãe): Onde é que vamos dormir?

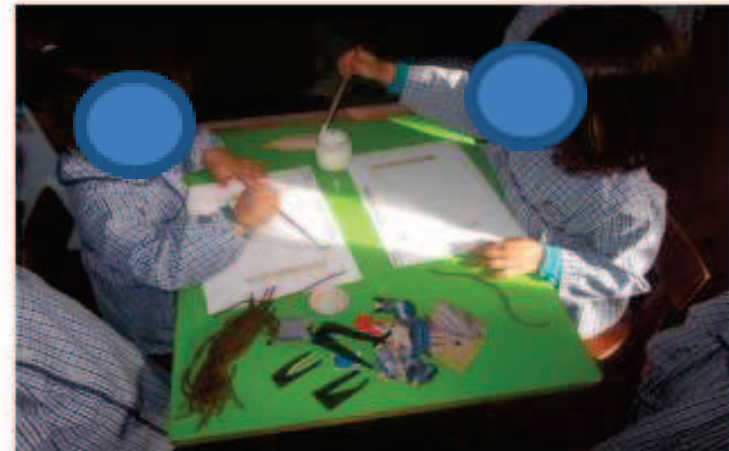
Rafael (padrasto) - Tenho uma ideia! E que tal dormirmos nos buracos da Lua, lá está escuro para adormecermos.

E depois, foi assim, dia-a-dia, até acabarem as férias e regressarem à Terra, ficando felizes ao ver as fotos que tiraram.

Anexo 10: Galeria de Fotos da PES

Educação Pré-Escolar

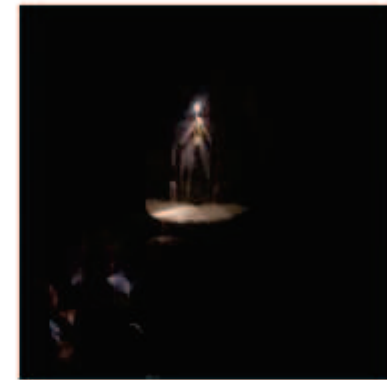
Galeria de fotos da semana de 31 a 3 de novembro de 2016



Galeria de fotos da semana de 14 a 17 de novembro de 2016



Galeria de fotos da semana de 28 a 30 de novembro de 2016

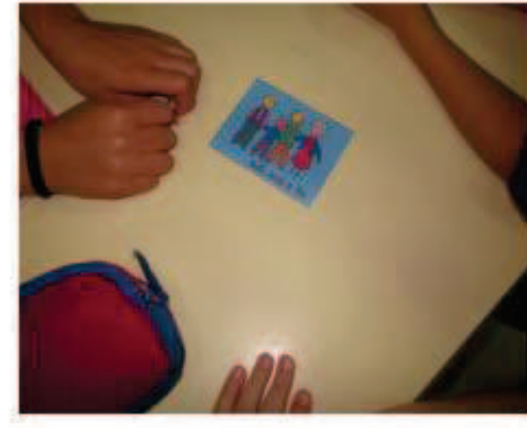


Galeria de fotos da semana de 12 a 15 de dezembro de 2016

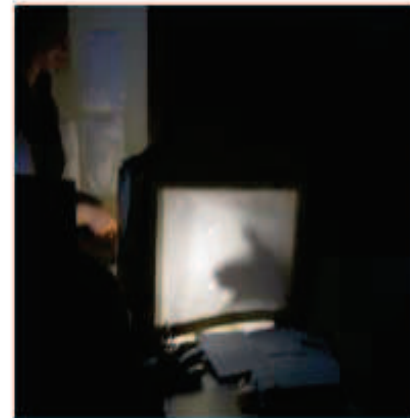


1ºCiclo do Ensino Básico

Galeria de fotos da semana 3 e 4 de Maio



Galeria de fotos da semana de 16 a 18 de maio



Galeria de fotos da semana de 30 de maio a 1 de junho





Galeria de fotos da semana de 13 a 15 de junho

